



UFRGS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL
NÚCLEO DE ESTUDOS EM POLÍTICAS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS
DE SUBJETIVAÇÃO

LAURA COELHO SCHAEFER

Dissertação
TRANSFIGURANDO MARGENS, CONECTANDO CORPOS: COLONIALIDADE E
IMAGEM NA ATUALIDADE DIGITAL

PORTO ALEGRE

2022

LAURA COELHO SCHAEFER

**TRANSFIGURANDO MARGENS, CONECTANDO CORPOS: COLONIALIDADE E
IMAGEM NA ATUALIDADE DIGITAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina dos Reis

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Schaefer, Laura Coelho
Transfigurando margens, conectando corpos:
colonialidade e imagem na atualidade digital / Laura
Coelho Schaefer. -- 2022.
191 f.
Orientadora: Carolina dos Reis.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Imagem. 2. Colonialidade. 3. Tecnologias de
comunicação e informação. 4. Corpo. 5. Dissidências.
I. Reis, Carolina dos, orient. II. Título.

LAURA COELHO SCHAEFER

**TRANSFIGURANDO MARGENS, CONECTANDO CORPOS: COLONIALIDADE E
IMAGEM NA ATUALIDADE DIGITAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, como requisito para obtenção do título em Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de ____ de ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina dos Reis
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientadora

Profa. Dra. Caroline Marim
Universidade Federal de Pernambuco
Examinadora Externa

Prof. Dr. Édio Raniere da Silva
Universidade Federal de Pelotas
Examinador Externo

Profa. Dra. Jaqueline Tittoni
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora Interna

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinador Interno

Porto Alegre
Abril, 2022

Para todas as pessoas de olhar gentil,

AGRADECIMENTOS

Ao grupo de pesquisa E-POLITICS pelos encontros sempre calorosos que transbordam aprendizado das mais diversas maneiras. As tardes de segunda com café foram muito importantes para expandir horizontes e afetos,

À Carol, orientadora do estudo e pessoa sensacional. Obrigada pela sensibilidade sempre presente, pelas sugestões cirúrgicas, pela escuta atenta e por incentivar minha expressão. Tu me inspiras!

À Vera, por acompanhar o processo desde o início, pelas falas perspicazes, pelo entusiasmo de todas as vezes em que falamos da pesquisa. Para ti, Verita! Com carinho.

À Iara e à Lísia. Como agradecer por tanto? Tudo por vocês, para vocês, sempre. Vocês são minha sorte grande e meu retorno certo. Amor, amor, amor...

À rede de afeto. Tantas pessoas cabem aqui e sou imensamente grata por isso. Para cada um e todes que me ensinam que o amor e a gentileza são o caminho, e que o aprendizado pode habitar muitos lugares, em especial o abraço e o olhar sincronizado. Seguimos!

À Gabe, pela jornada compartilhada. Para sempre grata, para sempre amor.

Ao Dagoberto. Meu relicário mais bonito.

Aos olhares encontrados na rua,

A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir.

Anzaldua, 1999

RESUMO

A relação da imagem com a colonização sucede na produção e disseminação de violências no contexto atual repleto de tecnologias de informação e comunicação, de modo que a pesquisa objetiva explorar os efeitos multiformes investidos pelas imagens nos dias de hoje. Através de uma perspectiva que entende a localização fronteira da imagem, que pode se aproximar e afastar de estruturas de opressão, o sensível despertado por sistemas de referência aparece correlacionado com interesses variados. A imagem é agenciada como o que aparece nos – e dos – corpos inscritos em regimes de visibilidade sociopolíticos, que podem se encontrar com engrenagens político econômicas neocoloniais e tecnoliberais, e também com a elaboração de estratégias de resistência frente a estas. Por entre poéticas visuais e literárias, o estudo visa mostrar algumas possibilidades despertadas pelas imagens, que podem atuar como uma tecnologia de subjetivação com repercussões sociais relevantes e como um corpo repleto de conexões proporcionadas por agoras repletos de organicidades, identidades, algoritmos e afetos aptos a fragmentações e transfigurações.

Palavras-chave: Imagem; Colonialidade; Tecnologias de informação e comunicação; Corpo; Dissidências.

ABSTRACT

The relationship of the image with colonization succeeds in the production and dissemination of violence in the current context filled with information and communication technologies, in order to the research aims to explore the multifom effects invested by images today. Through a perspective that understands the border location of the image, which can approach and move away from structures of oppression, the sensitive aroused by systems of reference appears correlated with varied interests. The image is agencyed as what appears in and from bodies inscribed in sociopolitical visibility regimes, which can meet with neocolonial and technoliberal political-economic gears, and also with the elaboration of resistance strategies against them. Through visual and literary poetics, the study aims to show some possibilities aroused by images, which can act as a technology of subjectivation with relevant social repercussions and as a body full of connections provided by a present full of organicities, identities, algorithms and affections apt to fragmentations and transfigurations.

Keywords: Image; Coloniality; Information and Communication Technologies; Body; Dissidences.

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Eixos e imagem.....	31
Diagrama 2 – Hidrografia da imagem I.....	96
Diagrama 3 - Pausa para você inserir aqui a imagem que não é corpo ou a Perfeição Original.....	115
Diagrama 4 – Imagem como corpo.....	144
Diagrama 5 – Hidrografia da imagem II.....	146
Diagrama 6 – imagem como corpo conectivo entre fluidos, placas, correntes, etc.....	173
Diagrama 7 - Hidrografia da imagem III.....	181

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem como rio.....	19
Imagem como rio II.....	20
Imagem como rio III.....	20
Imagem como rio IV.....	20
Um lugar.....	26
Camaleoa com fome de vida I.....	46
Impotência.....	59
Perspectiva.....	67
Detalhes.....	72
Como se tronar um girassol.....	82
Como se tronar um girassol II.....	83
Como se tronar um girassol III.....	83
Sui generis.....	88
Sui generis II.....	89
Sui generis III.....	89
Nó sobre nó.....	94

Nó sobre nó II.....	95
Nó sobre nó III.....	95
Caminhos I.....	98
Caminhos II.....	99
Lilith e Eva.....	102
Lilith e Eva II.....	103
Lilith e Eva III.....	103
O que rasga a pele.....	128
Arquivo pessoal.....	129
Coragem.....	130
Fluxo I.....	139
Fluxo II.....	140
Fluxo III.....	141
Camaleoa com fome de vida II.....	147
Uma imagem.....	161
Uma imagem II.....	162
Uma imagem III.....	162
Uma imagem IV.....	162

Rio.....	170
Rio II.....	171
Rio III.....	171
Gentileza como apocalipse.....	179
Gentileza como apocalipse II.....	180
Gentileza como apocalipse III.....	180
Imagem como rio V.....	191

SUMÁRIO

1. Contextos e margens: imagem como rio.....	21
2. Leitos duvidosos: Nossa relação com a imagem tem sido colonizada?	27
3. (es)correndo em direção ao método: <i>o que pode a imagem?</i>.....	35
4. Qual a cor da água? Imagem como tecnologia de subjetivação transmutável.....	43
5. Horizontes do fim: Sujeito.....	47
5.1. Paraíso bifurcado: Sujeito moderno colonial como gênese do seu Ser no seu tempo espaço.....	50
5.2. Navegando por águas turvas: Imagem como tecnologia de subjetivação para a produção do sujeito moderno colonial.....	60
5.3. Eu fundo morreu, mas a imagem não: Imagem como tecnologia de subjetivação para a produção de modulações na concepção de sujeito e os impactos do sujeito moderno colonial na experiência com a imagem na atualidade.....	69
5.4. Liquidez: como ser sujeito de outras maneiras através da imagem.....	84
6. Estuário e vida: Corpo.....	100
6.1. Solidificação: corpo biológico moderno e regimes de visibilidade que ecoam.....	104
6.2. Quando o corpo afunda e o reflexo vive ou o fenômeno das ondas circulares que expandem: imagem e corpo na contemporaneidade biotecnológica informacional.....	111

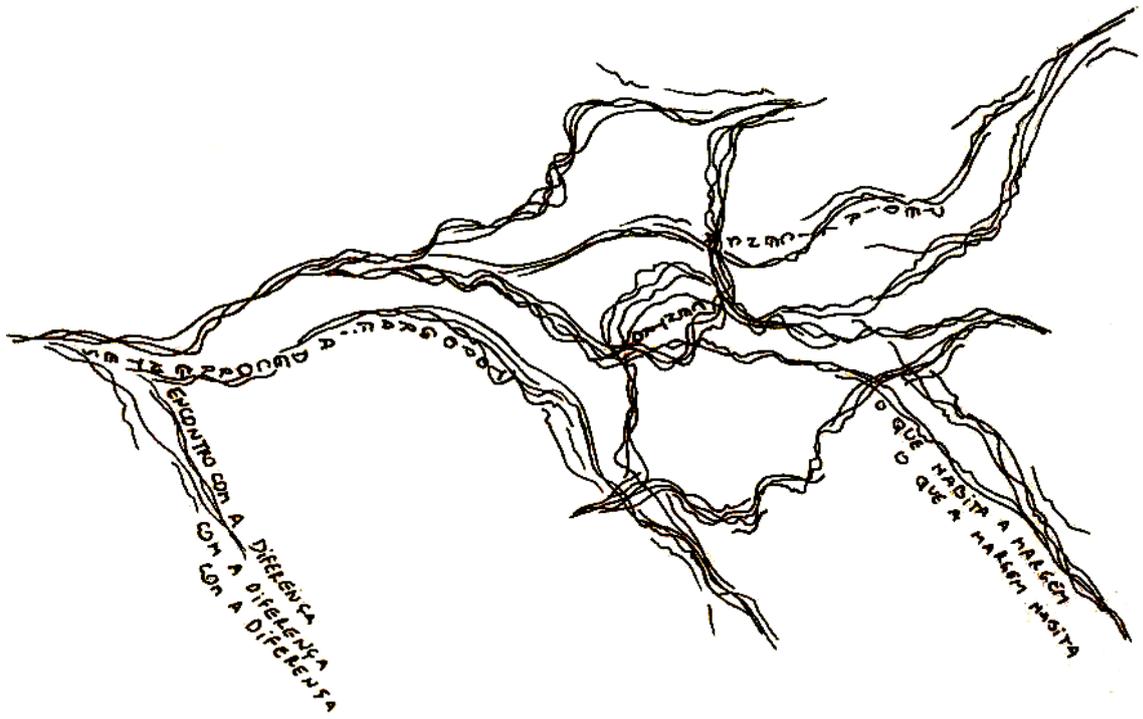
6.3. Contracorrente que desemboca ali no encontro das águas: Corpo como conexão.....	118
6.4. Manancial: Imagem como corpo.....	131
7. Torrente ou sonho: Digital.....	148
7.1. Escoamento: colonialidade e imagem na atualidade digital	150
7.2. Vórtice de águas: por entre tempos, imagens técnicas e a intrínseca relação da imagem com o social.....	155
7.3. Rio é multidão de gotas: imagem como um corpo viajante na atualidade digital.....	163
8. O que tem do outro lado do rio? Considerações finais.....	181
Referências.....	185

Fim...

cena l: post-mortem

A história que está por vir conta como foi que morri. De certa maneira, pode-se dizer que é uma história de terror. Mas, ainda que verse sobre fatos da minha vida, não é uma história íntima. A intimidade é relativa, e talvez algumas coisas deixem de ser íntimas quando acontecem muitas vezes pelos mesmos motivos: trata-se de uma exposição do meu corpo em muitos sentidos, mas de certa maneira também da exposição de outros corpos. Gostaria de contar outra história. Mas, tendo em vista que essa história já existe, e só não está sendo contada, resolvi compartilhar contigo na esperança de que ela viaje de boca em boca e se transforme em rumores múltiplos que não apaguem o que aconteceu, mas possibilitem o surgimento de variados inícios, finais, e sensibilidades, tensionando a iminência dos possíveis. Talvez, distender o que aconteceu nessa história possa colaborar para que outras sejam vividas, elaboradas e contadas por aí. Conto essa história para que as próximas possam ser diferentes, mais bonitas e mais gentis – histórias mudam o mundo. Acho que é por isso que escrevo.

- o que é um fato se não o que chega no corpo?



01/04/2021

Imagem como rio, 2021
Nanquim sobre papel
21x29,7

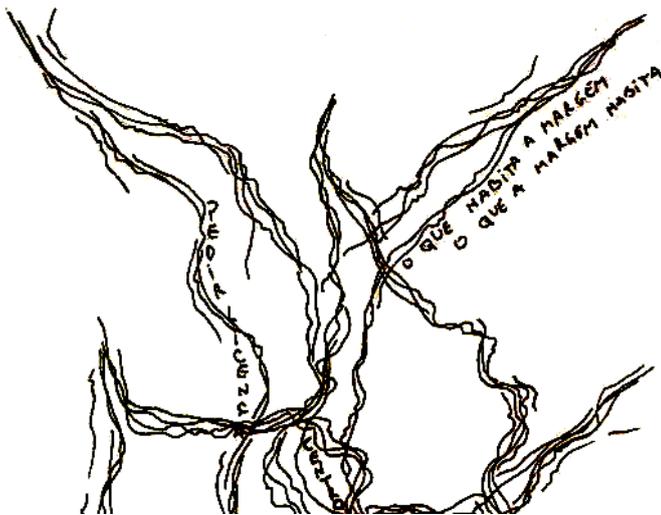
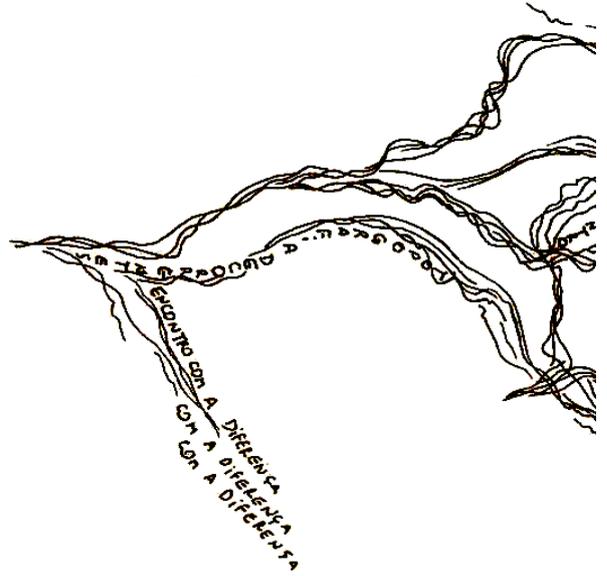


Imagem como rio III, 2021
Nanquim sobre papel
21x29,7

Imagem como rio IV, 2021
Nanquim sobre papel
21x29,7



1. Contextos e margens: imagem como rio

Aqui, a investigação sobre a imagem é tocada por inspirações de rios. O presente estudo mergulha em cursos d'água para demonstrar como a imagem, assim como os rios, vem sendo utilizada como parte de engrenagens colonialistas, binárias, civilizatórias e extrativas, que se atualizam na contemporaneidade digital. As margens podem moldar rios, e também corpos, continentes, perspectivas, imagens. Se inspirando nos rios, a pesquisa aposta que certas maneiras de habitar o mundo podem atuar como margens. Margens de corpo: cor, peso, idade, capacidades, gênero, orientação sexual, dentre outras, incitam modos de nos relacionarmos com o outro e o mundo. Margens de nações: países com influências desiguais na economia política global e acessos discrepantes a necessidades básicas delimitam fronteiras, estas demarcadas na colonização e atuantes na contemporaneidade a serviço do neoliberalismo. Margens de perspectivas: miradas que se pretendem neutras, mas são sempre localizadas. As margens da imagem se encontram com muitas outras, que podem desembocar tanto em práticas de violência, quanto em fluxos que se deslocam de vivências fundamentadas nestas práticas. Mas, o que é a margem? Margem para quem? Margem para onde? Onde estamos? Será que é possível abordar a questão das margens com o verbo estar no plural? Margem é de corpo ou de fronteira? Quais margens habitam os corpos e as fronteiras, e como estas se relacionam com a imagem?

A pesquisa se inspira nos rios para apreender a imagem como um elemento que atravessa tempos e espaços, esta aparecendo como apta a agenciar modos de experiência do social há longa data: a experiência com as margens mediante a disposição de atravessamentos múltiplos provindos de perspectivas colonialistas aparece, de maneira contínua e descontínua desde o momento da colonização, integrada pelos encontros com a imagem. O estudo adota o marco da colonização como um momento que provocou, em larga escala, muitos dos modos de apreensão e experiência do social que seguem ativos nos dias de hoje, e aposta na relevância da imagem enquanto um dos variados elementos que participam no agenciamento destes modos. Neste escopo, percorre um trajeto que parte da chegada dos colonizadores na América Latina para desembocar nos dias de hoje com o fim de demonstrar como a imagem pode atuar como uma tecnologia de subjetivação que operacionaliza desde então a manutenção e atualização de concepções e práticas coloniais produtoras de violência. Na atualidade, estas operações se reconfiguram

com o advento do digital, no qual a imagem aparece muitas vezes fomentando sua continuidade e disseminação.

Tendo esse percurso – ainda em movimento - em vista, o estudo se propõe a ir ao encontro de fluxos transformadores no que diz respeito às múltiplas margens da imagem com o fim de tensionar a manutenção da violência produzida pela colonialidade por meio de fatores imagéticos - as fronteiras existem, e podem se transformar. Nota-se que os processos correlacionados à tecnologia cada vez mais entram em cena nos cotidianos, possibilitando certa desterritorialização no que tange à experiência com as margens: com a inserção do digital, a localização destas pode assumir configurações complexas que trazem consigo a potência para imaginação sobre o que é uma margem de corpo ou de fronteira, em alguns aspectos possivelmente até mesmo de perspectiva. Aqui apostamos na aptidão da imagem também para produzir mudanças de rotas, de modo que múltiplas margens da imagem são agenciadas no decorrer da pesquisa com o fim de culminar na temporalidade do agora, sempre repleto de possibilidades de transformação. Por isso, o estudo pergunta: quais os mecanismos disponíveis para a realização de ações e escolhas frente aos novos modos de habitar o mundo, e quantos mundos – ou margens - cabem dentro deste mundo? A imagem inevitavelmente atua a serviço de lógicas coloniais, que se rearticulam em sistemas neocoloniais¹ e tecnoliberais² na contemporaneidade por meio de atualizações do sistema metrópole-colônia? É possível hackear as engrenagens de distribuição de influência política e econômica, de perfilização³ e cruzamento de dados, e também de conteúdo e alcance, que agenciam a experiência com a imagem na atualidade? Que margens se atualizam, virtualizam, viralizam na experiência com a imagem nos dias de hoje? A imagem pode tensionar a disseminação de violências relacionadas a modos de apreensão do social fundamentados na colonialidade? E, ainda, que margens a imagem cria e pode criar, e como?

¹ O neocolonialismo é um movimento que consistiu na colonização política e econômica de potências europeias sobre países ex-colônias nos séculos XIX e XX. O termo ainda é utilizado para se referir a dinâmicas coloniais que nações ex-colônias têm em relação a países ricos. Também pode ser intitulado imperialismo.

² Também apreendido como liberalismo digital, é uma corrente pautada na descentralização em relação às políticas governamentais através das indústrias digitais. Segundo Sadin (2013), vivemos na era da digitalização da vida, e o tecnoliberalismo aparece com o propósito de conquistar a vida integralmente, ou mercantilizar a vida. Este panorama acontece em relação com a organização algorítmica de setores sociais.

³ Perfilização consiste em uma inteligência artificial que produz perfis de usuários através de cruzamento de dados. Este processo acontece por meio de informações extraídas da interação das pessoas com plataformas digitais.

Pensamos a imagem nesta conjuntura como um rio repleto de margens, composto por softwares, afetos, organicidades e representações. No decorrer da pesquisa será indicado como os modos pelos quais experienciamos a imagem na atualidade não podem ser dissociados de engrenagens colonialistas, que, além de regulamentar consideravelmente a distribuição política e econômica global, também participam ativamente na experiência social mediante a manutenção de modos de operação de sistemas de referência produzidos na colonização fundamentados em estruturas de violência. Estes sistemas seguem atuando na elaboração social de regimes de visibilidade, que não podem ser apreendidos isoladamente do advento do digital, que em muitos aspectos segue operando a partir destas lógicas. Neste cenário, as margens da imagem aparecem carregadas de contexto e de história. A imagem como rio sugere que as lentes da visibilidade são carregadas de muitas margens, que muitas vezes se configuram em modos de perceber o mundo edificadas em uma perspectiva colonialista que ecoa até hoje de formas bélicas. A invisibilidade se reatualiza, e a imagem neste contexto pode ser muito perigosa - para quem vê e para quem é visto. Nesta conjunção, as margens da imagem são tentaculares, por vezes sórdidas, mas jamais intransponíveis: as imagens podem produzir sensibilidades, e é apostando no sensível que acontece o percurso da pesquisa. As margens também situam a imagem na diferença, com o objetivo de afirmá-las, e só assim produzir novas margens – o rio sempre traz marcas consigo. Para Cusicanqui (2019) sobre a sociologia Ch'ixi,

Sobre las premisas de una brújula ética y la igualdad de inteligencias y poderes cognitivos —ciertamente expresables en una diversidad de lenguas y epistemes - podrá tejerse quizás una epistemología ch'ixi de carácter planetario que nos habilitará en nuestras tareas comunes como especie humana, pero a la vez nos enraizará aún más en nuestras comunidades y territorios locales, en nuestras bioregiones para construir redes de sentido y “ecologías de saberes” que también sean “ecologías de sabores”, con la “compartencia” en lugar de la competencia (a decir de Jaime Luna 2013), como gesto vital y la mezcla lingüística como táctica de traducción. (Cusicanqui, 2019, p.229)

As margens existem, resistem, reexistem. A tecnologia dos nossos tempos chega como uma torrente, mas este curso se prepara há muito tempo. Estudos apontam que a tecnologia da atualidade é um contínuo com os monastérios europeus do século XIII (MUMFORD, 1934): o digital é um evento histórico. Aqui é postulado que a imagem também o é: no sentido da historicidade, e em alguns outros que serão abordados no percurso da pesquisa, a imagem é viva – também por isso é tocada pelos rios.

As fronteiras estão demarcadas, nos países, nos corpos, nas experiências, nas imagens. Mas os rios são do planeta. Uma perspectiva que apreende a vida como necessária pode atuar como uma resposta à lógica extrativista colonial se convergir com práticas que não ignoram as especificidades de cada contexto social, mas que investem nelas para produzir encontros e transformações em ampla escala que possibilitem a criação de novas perspectivas. Movimentos localizados que se deslocam podem dar margem para perspectivas que compreendam os aspectos ambientais e ciborgues (HARAWAY, 1985) inerentes à condição humana na contemporaneidade: o humano e o não-humano se encontram de maneiras cada vez mais complexas e urgentes, e precisamos agir agora.

Margens que se reatualizam, dobram a partir de outras margens que não desaparecem, mas se encontram para formar outras, novas, e quem sabe produzir até mesmo novos centros, novas palavras, novas imagens. As margens construídas pela história estão postas, mas podem se reconfigurar, transformar: a natureza não precisa ser um recurso, os algoritmos⁴ também não. Aqui, em especial a imagem pode atuar em consonância com outros fluxos. E, então, para onde vamos? Possivelmente essa resposta só possa se dar em coletivo, sempre repleto de margens, e, se tudo der certo, também repleto de rios.

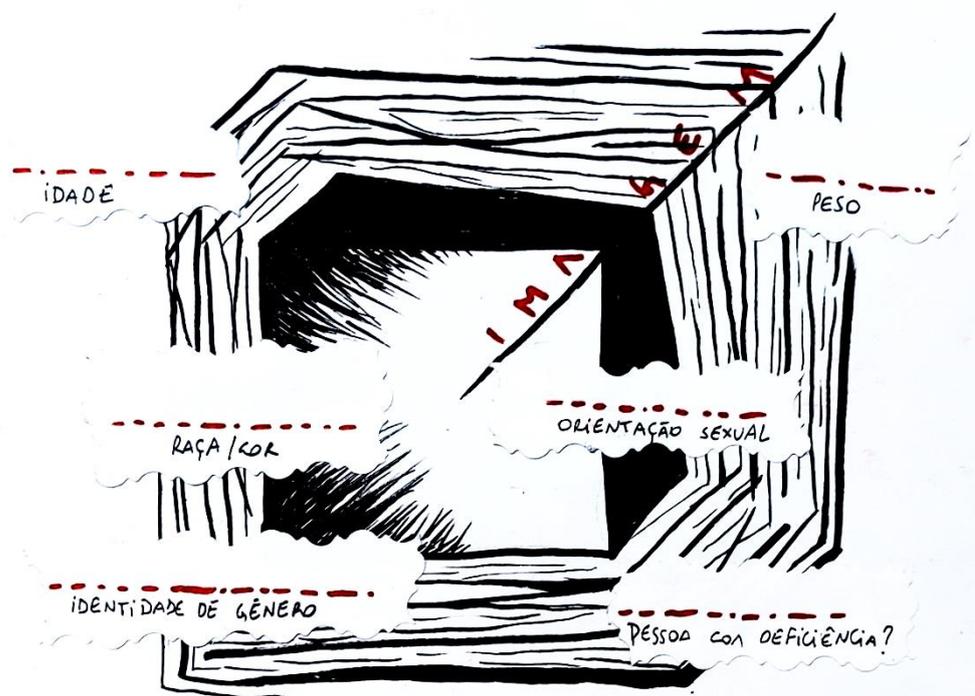
cena II: uma semana antes da minha morte

E se minha casa fosse a água? Me pergunto. Infinitude cristalina, livre, sem preocupações. Eu nadaria em uma vastidão sem relógio, sem hora, sem tempo. Tá, possivelmente existiria o tempo, mas só na medida em que eu sentisse fome, talvez curiosidade. Tempo intuitivo. Teriam algas de muitas cores, cascalhos de diversos tamanhos, a luminosidade turva que chegaria até meu corpo através da superfície a cada nascer do sol, correntezas que me levariam a multiversos transbordantes, escoando em novidade e fluidez. Eu seria fluida... E se eu não morasse na água, mas fosse a água? Talvez seja onipotente eu querer ser o meio de sobrevivência de toda a flora e fauna do planeta, é como eu querer ser o Sol. Opa. Pera aí. Tá escuro aqui.

⁴ Algoritmos são procedimentos matemáticos que atuam na ciência da computação para produzir ações executáveis, precisas e padronizadas. Podem ter diferentes modos de implementação, metodologia, campo de estudo e complexidade. Utilizados por empresas e governos para realizar perfis de consumidores e eleitores.

Não, pera. Tá muito escuro aqui. Será que eu tô sonhando? Será que eu tô no fundo do rio, sozinha, sem ninguém saber? Tá, consigo respirar. Mas tá apertado. Ai, tá muito apertado. Preciso sair. Isso é muito duro, não abre. Ai. E agora? Não se desespera, respira. Vai dar tudo certo, vai dar tudo certo. AAAAAAAAAAAAA. QUERO SAIRRR. AAAAAAA... E foi quando assustada despertei, saindo do estado onírico consciente que precede o sono, e percebi que ainda estava neste lugar apertado. Mas agora, desperta, ele me parecia familiar. Nesse momento, ainda que me provocasse certa claustrofobia, ele aparecia com uma nuance de coisa corriqueira, de coisa conhecida. Eu sabia muito bem do que esse lugar era feito. Nesse processo de despertar também me dei por conta de que, assim como eu, outras pessoas também moravam assim. Cada uma no seu lugar apertado, por vezes confortável, alguns parecidos com o meu, outros bem diferentes, mas em um geral dentro desse lugar. Acho que posso me acostumar com isso: moro em uma caixa.

- e foi assim que me dei conta de que minha casa não era a água, e de que eu não podia me espalhar.



Um lugar, 2021
Nanquim sobre papel
21x29,7

LAULA, 2021

2. Leitos duvidosos: Nossa relação com a imagem tem sido colonizada?

A colonização é um marco histórico edificado pela violência: expressa no genocídio em massa de diversas populações e na construção de hierarquizações de humanidades que estruturam desde então grandes sistemas de opressão como o racismo e a cisheteronorma⁵ (HOOKS, 1981; LUGONES, 2008; OYĒWÙMÍ, 2004; QUIJANO, 2000). Estas violências se reconfiguram na atualidade de diversas maneiras, psicológica e fisicamente, explícita e implicitamente, tendo como efeito a produção e disseminação de determinadas maneiras de nos relacionarmos com as imagens que por vezes reiteram padrões colonialistas. Aqui podem ser citados exemplos como a associação de jovens adultos negros com a criminalidade⁶ e a repressão dos mamilos sobre pessoas com seios⁷, situações que podem elucidar as consequências de uma perspectiva fundamentada na colonização mediante determinada estrutura de corpo, assim como de imagem: conforme explanado, características imagético corpóreas incitam modos de nos relacionarmos com o outro e com o mundo. Neste escopo, é sugerido que a imagem aparece como um componente relevante para a consolidação de engrenagens normativas ocasionadas pela fundação do sistema-mundo-moderno-colonial, estas por sua vez participando ativamente no funcionamento da imagem nos dias de hoje marcados pelo colonialismo neoliberal digital que transborda imagens para todos os lados.

Tendo estas questões em vista, este estudo não objetiva comparar estéticas e mostrar imagens que vão a contrapelo das normativas, mas se encontra com um movimento que pode adquirir também outras formas: propõe uma aproximação de maneiras diferentes de se relacionar com as imagens. Com esse fim, aborda o impacto de modos de experiência com a imagem que atuam em consonância com a colonialidade, no âmbito da autopercepção, da percepção do outro e do social. Ao realizar esta análise, a pesquisa se propõe a questionar como imagens que habitam as mais diversas superfícies, desde a carne viva às telas, podem atuar como tecnologias de subjetivação para a manutenção de perspectivas colonialistas, muitas

⁵ Cisheteronorma é um sistema estrutural de opressão que culmina em uma série de violências, muitas vezes provocando a morte. Construção social normativamente fundamentada na dicotomia homem/mulher a partir dos órgãos genitais. Se apresenta como a única possibilidade para o exercício do gênero e da sexualidade, quando existem muitas outras maneiras para vivenciar estes aspectos que não são fundamentadas no sexo designado no nascimento, extrapolam a divisão dicotômica homem/mulher, e permitem a vivência com a sexualidade de múltiplas formas.

⁶ Vide “Mão na cabeça!": abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste”, de Diana Anunciação, Leny Alves Bonfim Trad e Tiago Ferreira.

⁷ Vide “TETA: Os papéis simbólicos do seio desnudo na sociedade brasileira urbana atual”, de Pamela Luisa Paiva de Oliveira.

vezes por meio da geração, atualização e proliferação de regimes de visibilidade em concordância com este sistema. Simultaneamente, as imagens aparecem como instrumentos passíveis de investimentos multilaterais que participam no surgimento e disseminação de transformações coletivas, entendendo o coletivo como um meio pelo qual também se faz possível a elaboração de resistências frente a estas estruturas de opressão.

A partir da indagação sobre as implicações da imagem na manutenção da colonialidade tecnoliberal pode-se perguntar: como a imagem é produzida na contemporaneidade? Onde ela se encontra? Quais discursos são dispostos para a produção e validação de determinadas imagens em detrimento de outras? Como os corpos se relacionam com a produção e gerenciamento da sucessão cotidiana de imagens normativas? Como a imagem produz subjetividades? Como ela funciona na contemporaneidade? O que está em jogo quando a imagem carrega consigo marcas da colonização? É possível a construção de perspectivas sobre a imagem a partir de epistemologias e práticas não pautadas em estruturas eurocentradas e/ou imperialistas? Como identificar uma imagem colonizada? Nossa relação com a imagem tem sido colonizada? Quais imagens estão colonizadas? Existem imagens não colonizadas? Quais os possíveis efeitos da descolonização da imagem?

A pesquisa investiga a iminência dos possíveis viabilizada pela imagem perante a modulação de margens múltiplas situadas em uma atualidade repleta de engrenagens colonialistas e tecnoliberais através da ênfase na diferença e no sensível. Objetivamos adentrar as margens das implicações da imagem na manutenção de operações colonialistas em uma atualidade paulatinamente atravessada pelo advento do digital, processo conexo às alternativas que apontam para modos dissidentes de compreensão e experiência com a imagem, de modo que seja vislumbrada a produção de risco a sistemas de dominação e violência imbricados nestas relações. Neste contexto, a imagem aparece como uma categoria de análise que possibilita uma aproximação do corpo, atuando como o que aparece nos – e dos – corpos inscritos em regimes de visibilidade sociopolíticos. No decorrer da pesquisa, objetivamos situar os modos pelos quais a imagem pode atuar, desde o momento da colonização, tanto a serviço da manutenção deste sistema, quanto no sentido da produção de dissidências e micropolíticas.

Visando perspectivas para a compreensão sobre como a imagem atua em consonância com a colonialidade, assim como para a exploração de alternativas que acontecem a contrapelo de estruturas violentas fundamentadas em lógicas coloniais,

investiga-se o caráter entre fronteiras da imagem. A imagem para a pesquisa se encontra nas margens do aprisionamento e da expressão através da sua atuação como uma tecnologia de subjetivação, e é assim localizada a partir do entendimento de que é apta a funcionar em ambos aspectos simultaneamente, produzindo efeitos sociopolíticos nestes ínterims, além de ser passível de atualizações; as imagens aparecem como um território em disputa constante.

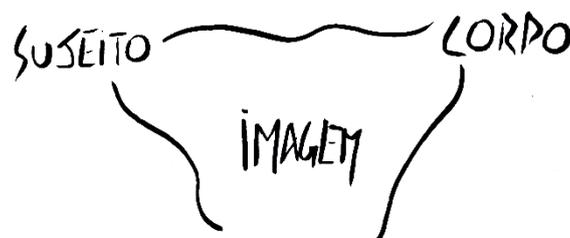
Ainda que exista muitas formas as quais a imagem pode se atrelar a ambos aspectos, na pesquisa é focalizada a face do aprisionamento que configura a apreensão e reprodução de imagens mediante uma perspectiva colonialista e/ou seu agenciamento em uma atualidade neocolonial e tecnoliberal, de modo que a imagem aparece como uma tecnologia de subjetivação apta a reiterar estes sistemas. Por expressão entende-se as possibilidades de escape frente a estes mecanismos, nas quais a imagem também atua como tecnologia de subjetivação. As possibilidades de escape parecem importantes por diversos motivos, dentre eles porque através delas pode ser possível a elaboração de maneiras de exercer a imagem do próprio corpo que não se fundamentam na validação de modos de experienciar as estruturas de representação coloniais por meio da manutenção da violência. Além da produção de autonomia através da imagem, o escape também parece permitir o reconhecimento e surgimento de perspectivas sobre os modos de nos relacionarmos com as imagens como um todo, inclusive sobre o que o próprio conceito de imagem significa; escapar pressupõe movimento e dá margem para o surgimento do novo – e não do outro em relação ao que é colonizado (BHABHA, 1994). Conforme será apontado no decorrer da pesquisa, os movimentos de escape em relação com a imagem podem produzir práticas que se encontram com o esvaziamento da reprodução de violências colonialistas, que na atualidade são agenciadas em grande escala pelo tecnoliberalismo. Apostamos que iniciativas no sentido do escape pode ter como efeito transformações coletivas variadas voltadas para a equidade social. Por que não apreender a imagem através de perspectivas diferentes? Onde as imagens tocam? Como se manifestam? Que sistemas de referência são agenciados através da imagem quando ela permite a expressão e o escape? E, em última instância, como produzir modos de experienciar tecnologias críticas desde perspectivas não colonialistas? Como a imagem pode atuar neste processo?

Conforme proposto pela pesquisa, a imagem aparece como produzida e transformada em relação com a colonização, muitas vezes atuando como uma tecnologia de subjetivação que reitera este sistema desde sua fundação até a

atualidade. Com o fim de realizar uma análise sobre a imagem enquanto uma tecnologia na fronteira entre o aprisionamento e a expressão, a pesquisa visa a exploração de alternativas que apontam para modos dissidentes de compreensão e experiência com a imagem, e percorre um caminho alicerçado em três eixos através de uma perspectiva crítica que explora aspectos da modernidade e da contemporaneidade. Este percurso realiza uma investigação sobre como a imagem se relaciona com cada um destes eixos funcionando como uma tecnologia, quais sejam: o sujeito, o corpo e o digital.

Tendo em vista que a imagem pode ser apreendida por meio de variados elementos em se tratando das suas implicações em estruturas colonialistas agenciadas de formas múltiplas desde este momento até a atualidade, a opção por trabalhar com estas noções elementares, e não outras, se fundamenta na dimensão conceitual, prática e sensível que envolve cada uma destas para a elaboração do exercício da imagem nesta conjuntura. A investigação da relação destes conceitos e práticas com a imagem é instigada pelo interesse na sua atuação na construção de determinados modos de experienciá-la que, ainda que de maneiras muito distintas e com relevantes descontinuidades entre o momento da colonização e a guinada para o digital, seguem participando ativamente na experiência com a imagem na contemporaneidade: frequentemente os encontros destes eixos com a imagem acabam por produzir violências associadas a modos de experiência do social ressoantes com a colonialidade. Cada um dos campos de análise acontece no limítrofe da caracterização da imagem enquanto tecnologia, podendo atuar de forma ambígua e plástica nas margens exploratórias propostas pela pesquisa, que são o aprisionamento e a expressão supra referidos. Conforme será elaborado no decorrer do estudo, estas margens se encontram com uma série de outras. A imagem aparece nesta conjuntura como uma tecnologia de subjetivação que suscita modos de experienciar cada um dos eixos, assim como também pode ser afetada e transfigurada pelo contato com cada um deles, todos estes se relacionando em rede. Esta composição pode ser visualizada no diagrama a seguir:

Diagrama 1 – Eixos e imagem



Fonte: a autora (2021)

A sessão “Horizontes do fim: Sujeito” aborda a concepção de sujeito moderno instaurada a nível global no momento da colonização, a qual é fundamentada na instituição de uma hierarquização de humanidades edificada em sistemas de representação essencialistas que buscam pela semelhança e estruturam engrenagens de opressão nos dias de hoje (MCCLINTOCK, 1995). Aqui postula-se que este processo ocorre através da regulação de imagens com aceitação social, e são investigadas as interferências da imagem na edificação da concepção do sujeito moderno colonial com o fim de demonstrar como a imagem atuou em relação com este enquanto um elemento relevante para o desenrolar do processo colonizatório. Também objetiva-se apontar a relação da imagem com a transformação deste conceito, análise que culmina nos efeitos que estes processos têm sobre a experimentação da imagem na atualidade. Conforme explanado, nos dias de hoje os sistemas de referência colonialistas são agenciados em relação com o advento das tecnologias de comunicação e informação, e investigar os modos pelos quais a imagem se encontra e desencontra com o sujeito colonial pode dar vias para uma perspectiva que indica como estas questões estão sendo operacionalizadas no tecnoliberalismo neocolonial. Tendo em vista que a imagem aparece como um elemento que pode contribuir para a reiteração do sujeito colonial, os modos pelos quais as nomeações colonialistas se articulam também podem ser elaborados por meio da relação da imagem com uma perspectiva interseccional que entende a agência multidirecional que envolve estes sistemas de referência (CRENSHAW, 1993). Nesta sessão são exploradas maneiras de relacionar a concepção de sujeito com as imagens mediante a ênfase em epistemologias e práticas alternativas às

eurocentradas, visando o encontro da imagem com práticas estético-políticas que acontecem no contato estrutural e contingencial dos diferentes corpos.

Com o fim de percorrer este trajeto são analisadas as mudanças expressivas que a concepção de sujeito vem apresentando, a elaboração das imagens e das modulações do sujeito se interferindo, e, em certa medida, constituindo, em relação. Para trabalhar a concepção de sujeito, a questão da representação e da identidade aparecem como pontos de engate na investigação. Esta análise acontece no decurso de uma perspectiva que refere a localização dos corpos mediante uma ênfase na diferença e na representatividade para explorar possibilidades sobre a relação da imagem com o sujeito na contemporaneidade, assim como à representação no sentido político-estético. Este estudo efetua uma crítica à representação nos seguintes sentidos: 1. Paradigma epistemológico que postula a apreensão do mundo através da dissociação da mente e do corpo; 2. cópia imperfeita do real; 3. Experiência cognitiva dissociada dos sentidos; 4. Abstenção de expressar posicionamento em prol de outrem. Em contrapartida destas significações, apostamos no tensionamento de conceitos como um ato político (BIDASECA, 2010), e a representação no estudo é operada enquanto potência transformadora que pode acontecer na diferença através de sua compreensão como performance política e estética da imagem e do corpo com efeitos de representatividade, processo compreendido como a relevância do posicionamento de determinados corpos em determinadas localizações sociais, políticas, midiáticas, trabalhistas, etc. Tendo isso em vista, nesta sessão ocorre uma reflexão crítica sobre as implicações da imagem na valoração de humanidades posta pela instauração do sujeito colonial, assim como sobre as implicações deste processo na experiência com a imagem na atualidade. Neste momento da dissertação também são investigados os variados modos pelos quais o agenciamento multifacetado das identidades pode atuar como uma prática de resistência frente a sistemas de opressão em relação com a imagem. Aqui apostamos no reconhecimento, produção e multiplicação de diferentes modos de valoração e nomeação como uma política de diferença que tensiona a operacionalização de sistemas de dominação, destacando a agência de diferentes grupos no território em disputa das identidades. Neste escopo, investiga-se o situar da imagem enquanto uma tecnologia que atua em um ínterim: de um lado, a interferência mútua da imagem em relação à produção do sujeito, que acaba por criar regimes de visibilidade que tem como efeito pessoas com mais ou menos aceitação social, e sucede em violências múltiplas na atualidade; de outro, a exploração de alternativas a esta lógica homogeneizadora que busca

incessantemente pela semelhança, nas quais a imagem também pode atuar como uma tecnologia de subjetivação. No decorrer da pesquisa este percurso converge em outra encruzilhada, relacionada aos impactos deste sistema em relação às redes: de um lado, a reprodução de imagens dissidentes às normativas como uma estratégia de marketing digital; de outro, os efeitos sociopolíticos da representatividade neste contexto.

A sessão “Estuário ou vida: Corpo” analisa a relação da imagem com o corpo através da apreensão deste como um espaço de disputa territorial e política no qual são imprimidos paradigmas científicos, que são também sociais. Aqui é proposta uma análise sobre a participação ativa do paradigma da objetividade científica no processo de produção de perspectivas sobre o corpo na modernidade e contemporaneidade, e é sugerido que tal processo é atravessado por perspectivas eurocentradas em relação com a imagem. Neste escopo, objetiva-se realizar uma crítica a certa experiência com a imagem que acontece através da manutenção de regimes de visibilidade associados à validação de determinados modos de apreensão e experiência do corpo de acordo com a colonialidade. Postula-se que estes modos podem atuar em consonância com a produção de imagens normalizadoras, homogeneizantes, e por vezes inalcançáveis, gerenciando experiências sociais que reproduzem sistemas de opressão.

No percurso sobre a relação do corpo com a imagem no decorrer dos séculos estes elementos aparecem tanto em uma relação de legitimação mútua, quanto em disputa, especialmente no que se refere ao contexto atual gerenciado por tecnologias biotecnológicas e informacionais que marginalizam o aspecto orgânico e vivo do corpo. Com o fim de se aproximar de uma perspectiva sobre o corpo dissidente em relação a estas, nesta sessão segue a investigação sobre possibilidades de experimentação das imagens através de uma perspectiva interseccional que entende sua iminência no acontecimento da localização relacional dos corpos pautada na diferença e do sensível. Aqui se busca atentar para o corpo também através da importância dos sentidos – percepção, arrepio, tato, olfato, sensação - no processo de percepção e apreensão do mundo. O corpo para a pesquisa adquire múltiplas formas, se encontrando com a carne viva por meio da sensibilização: o corpo é conexão. Caracterizar o corpo desta maneira possibilita uma reflexão sobre a construção da imagem como um corpo que acontece nas interações sociais, produzindo comoções diversas: a imagem enquanto corpo sensível constituído por relações – estruturais, virtuais, afetivas - configura uma tecnologia situada em engrenagens sociais que se manifestam de acordo com as situações.

A sessão “Torrente ou sonho: Digital” situa a imagem em uma atualidade abundantemente atravessada pelas tecnologias de informação e comunicação. Aqui segue a exploração sobre os processos cada vez mais complexos que gerenciam a manutenção de estruturas coloniais através da imagem, o que acontece neste momento mediante um aprofundamento na proliferação de maneiras de apreender e experienciar o mundo em que o advento do digital cada vez mais entra em cena na experiência do social. Esta conjuntura parece afetar de maneiras variadas nossa relação com as imagens e sensibilidades. Aqui se busca analisar a relação das tecnologias de informação e comunicação com as imagens por meio de uma perspectiva atenta às implicações do neocolonialismo na consolidação deste decurso, assim como às possibilidades de escape frente a esta engrenagem de dominação.

Neste momento da pesquisa, as imagens produzidas de maneira técnica aparecem em uma localização complexa entre a programação e o social, assim como integram sistemas operacionalizados por estruturas de marketing e algoritmos, o que complexifica a apreensão da atuação da imagem nos dias de hoje. Neste escopo, a imagem é localizada como um corpo híbrido repleto de conexões proporcionadas pelas digitalidades. A imagem como corpo possibilita o situar das imagens que habitam as tecnologias digitais como corpos, possibilitando a compreensão da imagem como um corpo sensível que viaja pelas corpulências e redes, sem deixar de lado o aspecto social que aparece como participante no exercício ativo das sensibilidades. Considerando esta perspectiva, objetivamos uma aproximação de outras formas de apreender a imagem que a situe na contemporaneidade atravessada tanto por sistemas colonialistas, quanto pelo advento do digital, podendo ser operacionalizada por articulações múltiplas, assim como demonstrando aptidão para atuar em relação com diferentes sistemas e perspectivas. Neste sentido, aqui também são buscados engates para a produção de fendas em lógicas pautadas na dominação e violência através de uma ênfase no sensível produzido pela diferença imbricada em sistemas de representação sociais. Aqui são exploradas possibilidades despertadas pela caracterização da imagem como um corpo não mais fundamentado em dualidades, mas composto de conexões. Este movimento (des)contínuo consiste em uma reflexão sobre a implicação das imagens no contexto atual repleto de interações com o digital, especialmente no que tange a engrenagens de captura de informação e cruzamento de dados em escala global: as imagens estão nas redes.

Em meio a tais mecanismos, convicções sobre os perigos e as potências da imagem nos dias de hoje podem ser reatualizadas com uma rapidez fulminante: onde

se encontram as vias de escape? Para a pesquisa o caráter entre fronteiras da imagem é o que sustenta sua atuação enquanto tecnologia apta a transformações e conexões. Justamente por isso, no seu decorrer faz-se necessário suportar a presença inquietante do aprisionamento, pois só assim será possível a exploração de caminhos menos desiguais na experiência cotidiana com a imagem: “ficar com o problema”, de acordo com Donna Haraway (2016), pode fazer com que a tensão da ambivalência possa conduzir a investigação para novas possibilidades de escape - e aqui o objetivo é deixar o problema distender e tensionar até se apresentarem saídas mais equânimes e coletivas. A experiência sensível alicerçada na potência da diferença interseccional aparece como um caminho que se aproxima da expressão através da imagem, e possivelmente estes elementos possam ser pistas para que a imagem possa aparecer cada vez mais em relação com experiências que escapam a olhares atravessados por valorações colonialistas. Neste escopo, a pesquisa acontece no intuito de se somar às múltiplas iniciativas que atuam no sentido da composição de novos jeitos de nos relacionarmos conosco, com o outro e com o mundo, fortalecendo coalizões afetivas responsáveis que componham a nível micro coletivos e a nível macro a humanidade.

3. (es)correndo em direção ao método: o que pode a imagem?

O que pode a imagem? Na monografia que realizei, intitulada “Modificar o corpo é militar: a feminilidade não normativa de mulheres que raspam o cabelo”, trabalhei com a expressão de feminilidades não normativas de meninas que raspam o cabelo em Porto Alegre, onde pude observar a relação das modificações no corpo com a expressão da subjetividade. Dentre outros apontamentos, ficou evidente que o ato de raspar o cabelo e as vivências proporcionadas por esse ato possibilitaram às interlocutoras mudanças no modo de se perceber e perceber o seu redor, assim como pude constatar, a partir de seus relatos, que se sentiram menos controladas por normas vigentes ao rasparem o cabelo. A modificação corporal, ainda que de um modo geral as interlocutoras não tivessem pensado sobre isso no início deste processo, se mostrou enquanto um ato político. Essas questões suscitadas pela monografia fizeram com que eu quisesse seguir trabalhando com corporeidades e estéticas, o que culminou no desenvolvimento de um projeto para o mestrado que iria trabalhar com estes temas junto à população LGBTQIAP+ em uma penitenciária, a

partir do meu entendimento da urgência da expressão corporal neste contexto. Em detrimento da pandemia global tive que deixar meu campo de pesquisa, mas essas questões seguiram me atravessando, assim como, ainda que através de outra perspectiva, atravessam esta dissertação.

Analisar os impactos da colonialidade na experiência com a imagem em uma atualidade marcada pelo digital através da sua caracterização enquanto tecnologia, assim como explorar possibilidades outras de experimentação da imagem a contrapelo de lógicas normativas. Esta é a questão que se apresenta aqui. Para isso é necessário entender alguns pontos, o que estamos entendendo quando nos referimos a: 1. Imagem; 2. Tecnologia; 3. Aprisionamento; 4. Expressão; 5. Sujeito; 6. Corpo; 7. Digital; 8. Possibilidades outras; 9. Lógicas normativas. Ainda que apreender esses conceitos a partir das diversas perspectivas que os estudam seja indispensável, compreendê-los a partir da especificidade que os trazemos aqui é só um dos muitos caminhos que se apresentam; são tantos caminhos quanto faltam palavras para descrevê-los. Se se faz necessário compreender como operamos com os conceitos supracitados, que dizer da mistura de dois ou mais deles, a qual não existe sequer palavra para nomear? Infinitas possibilidades materializadas em páginas em branco.

cena III: um ano antes da minha morte

Para explicar como encontrei a metodologia de pesquisa penso que talvez seja necessária uma breve narrativa do que aconteceu. Se trata da primeira vez em que a vi, e possivelmente irá elucidar, ao menos um pouco, a minha relação com o texto e com as imagens que produzo e me produzem. Além disso, para ti que lê essa escrita em um outro agora, ainda que este seja repleto de elementos desconhecidos para mim, possivelmente irá entender o que aconteceu por um motivo muito simples: pode-se dizer que de alguma forma isso já aconteceu ou irá acontecer com muita gente, e talvez já tenha acontecido contigo. Então vamos lá. Lá estava eu, impossibilitada de realizar a pesquisa que havia planejado. Me perguntando o que iria fazer, como criar um problema de pesquisa o mais rápido possível, tendo em vista que existe um tempo disponível para finalizá-lo, e eu não havia nem começado. O tempo não estava a meu favor. Essa é a contextualização que cabe neste momento, tendo em vista que o ponto aqui não é o que aconteceu antes, ou o motivo, mas o que estava por vir. Quando senti que o tempo estava em um fluxo a contrapelo do meu, meu movimento foi um

só e decisivo: correr. Corri o mais rápido que podia, em infinitas direções, corri tanto até me encontrar em um labirinto de mim mesma, e então corri mais ainda para sair dele. Eu sabia que jamais venceria o tempo, mas foi um movimento para além das lógicas, porque no fim eu já não sabia se estava correndo para fugir do tempo ou para alcançá-lo. Quanto mais eu corria, mais rápida eu ficava, e foi assim que, com tanta correria, quando achei que não conseguiria mais parar de correr, e depois quando eu não sabia mais se estava correndo ou parada de tão veloz, aconteceu. Meu corpo se chocou com uma superfície extremamente dura, e, após alguns segundos sem entender o que havia acontecido, percebi que enfim estava parada, e que a superfície era uma porta. E então tentei abri-la. Não consegui. Tentei de novo, e de novo. Não consegui. Isso me irritou um pouco, porque eu esperava que seria a porta das respostas e que ali tudo se resolveria. Mas ela não abriu. E até agora ela não se abriu. Acho que essa é uma daquelas portas que nunca se abre, e, para ser sincera, cada vez mais eu gosto dela. Me sinto grata porque eu finalmente consegui parar, ainda que, confesso, sigo tentando abri-la às vezes, só por rebeldia. O que se seguiu então foi que, logo em seguida em que dei com a cara na porta que não abre, e somente depois que entendi que ela não iria abrir, olhei em volta e haviam várias outras portas. Eu estava em um círculo de muitas e muitas portas, todas as outras abertas, escancaradas. Foi assim que descobri a metodologia de pesquisa, e a pesquisa mesma. A pergunta que inspira a pesquisa é como a porta fechada, que eu não consigo abrir – o que pode a imagem? E a metodologia de pesquisa são estas outras várias portas que surgem a partir da primeira, as quais tenho livre acesso e parecem abrir cada vez mais portas. Sigo acreditando que quanto mais portas se abrirem, mais perto fico de achar a combinação da porta que não se abre. Mas em seguida me ocorre que talvez não seja eu quem vá fazer isso, e então sigo abrindo portas e as escancarando, torcendo para que se abram cada vez mais portas, e assim possivelmente outra pessoa possa abrir essa primeira; quem sabe outras pessoas no plural.

- perseguição

A metodologia utilizada para a realização do estudo acontece através da produção de poéticas visuais e figurações literárias, com o fim de evidenciar a

apreensão da imagem como uma tecnologia na fronteira entre engrenagens coloniais e tecnoliberaes produtoras de violências e possibilidades de escape frente a estas. Este percurso acontece apoiado em conversas informais com diversas pessoas, nos mais variados contextos, com o tema da imagem. Estas trocas foram muito importantes porque produziram tensionamentos na problemática colocada, e também inspiraram a produção das figuras para a pesquisa.

Além destas trocas, a metodologia também se embasa no acontecimento e desdobramentos de uma violência física que sofri. Trata-se de uma agressão que, ainda que não tenha sido o motivo declarado, aconteceu com implicações significativas de misoginia e homofobia. Neste sentido, a fundamentação nesta situação para o agenciamento das questões de pesquisa se desenrola mediante a perspectiva de que se trata de um evento político, e, neste caso, também de um evento violento que sucedeu em relação com a imagem. A metodologia parte deste acontecimento como ponto de engate para compor um percurso que aborda esta passagem com elementos fidedignos e imaginativos, por meio de relatos de experiência, versos e figurações: a partir da exposição sobre como questões da ordem da imagem têm efeitos nos corpos que muitas vezes despontam em manifestações da violência, objetiva-se tensionar os modos pelos quais a imagem pode ser operada através do investimento criativo. Neste caso, são expressados alguns dos efeitos que a imagem suscita no meu corpo através da expressão, partindo desta situação de violência, que culmina em múltiplos lugares, sensações e imagens no decorrer da pesquisa. Além do objetivo de incitar o sensível de maneiras multifacetadas através do contato com a ficção, esta mescla também intenciona uma provocação sobre o que é um fato e o que é uma ficção quando se trata da imagem, tema que também é desenvolvido na pesquisa. Assim, objetiva-se suscitar inquietações por meio da evidenciação dos efeitos perigosos que podem ser gerados por certos modos de relação com a imagem, e, simultaneamente, provocações relacionadas à indagação que inspira a realização do estudo: *o que pode a imagem?*

Esta opção metodológica devém do posicionamento de que a produção de imagens pode agenciar as questões de pesquisa através da geração de figuras que não as representem, mas que, a contrapelo da representação, dialoguem com estas reflexões e possam alcançar um dos objetivos desta pesquisa que é o de que ela mesma seja como uma peça na infindável engrenagem das imagens possíveis, contribuindo para a construção de maneiras de nos relacionarmos com as imagens pautadas na diferença e no sensível. Aqui há a aposta na ficção e nas poéticas visuais

como agentes voláteis capazes de acessar o sensível e criar possibilidades outras para a criação de variados mundos dentro deste mundo mesmo através da experiência. Para Luis Artur Costa (2014), sobre a ficção,

O uso da ficção como estratégia agenciada à problematização de um campo de pesquisa nos permite a complexificação do “objeto”, dar densidade às suas virtualidades que não cabem nos limites postos por sua representação atual: ultrapassar a descrição estrita do “dado” adentrando nos meandros fugidios dos acontecimentos e seu intrincado campo de possibilidades. (COSTA, 2014, p.558)

No que se refere às poéticas visuais, estas podem, por um lado, marcar no que é visto – com muitos sentidos- lógicas regidas por opressões estruturais, incitando modos de perceber o mundo fundamentados em sistemas que reiteram estas opressões. Em artigo sobre a produção de arte por mulheres negras, Carrera e Meirinho (2020) apontam que as artes visuais, “se pensadas a partir de sua inscrição histórica, são aparatos imagéticos infalíveis para a compreensão das matrizes sociais de construção hierárquica de poder.” (CARRERA & MEIRINHO, 2020, p.57). Por outro lado, os autores também apontam para a expressão artística como um agente que pode dar vias para a criação de modos de percepção e visibilidade dissidentes em relação aos modos colonialistas de manejo dos sistemas de referência, possibilidade que incita a produção de imagens na pesquisa.

Através destes investimentos metodológicos se faz possível uma reflexão sobre a parcialidade no processo de produção de artes e de conhecimento, tendo em vista que pode indicar que a fundamentação do saber está atrelada à contingência da experiência; a contrapelo de lógicas que sustentam a neutralidade no processo de produção de conhecimento, através da ficção a parcialidade passa a ser potencializada (COSTA, 2014, p.572). Pensar sobre as implicações do meu corpo na pesquisa é um movimento na contramão da lógica da observação do outro enquanto objeto pesquisado que historicamente tem sido utilizado enquanto método e paradigma em muitos dos espaços legitimados como o lócus de produção do saber: o conhecimento é sempre corporificado e jamais neutro, e só assim se faz possível a objetividade científica (HARAWAY, 1995; HILL COLLINS, 1986). Meu corpo se afeta e produz afetos. As figuras aparecem como uma maneira de, através do reconhecimento da parcialidade e do afetar-se, fazer do sensível uma ferramenta que

se soma a modos de produção do conhecimento que legitimam o papel da experiência nos processos que compõem a edificação dos saberes.

cena IV: em processo

Me vejo: branca, mulher, classe média, cisgênera, lésbica, magra, jovem e sem deficiência.

- privilégios e contingências estruturais

A partir do reconhecimento da parcialidade, a metodologia de pesquisa se encontra em uma localização limítrofe: concomitantemente ao reconhecimento da necessidade de localizar o contexto em que acontece, objetiva o tensionamento deste mesmo contexto através das imagens visuais e literárias. Conforme indicado, a reflexão sobre a parcialidade no processo de produção artística e epistemológica objetiva um afastamento do paradigma da neutralidade e da objetificação do outro na composição dos modos de produção de conhecimento. Esta disposição se soma à aposta de que a arte pode trazer consigo a capacidade de distender e transfigurar os modos pelos quais a parcialidade pode ser experienciada: se o sujeito colonial moderno que hierarquiza humanidades é fundado na colonização e segue sustentando sistemas de opressão na atualidade, a arte pode se constituir como um meio para questionar a operacionalização destas estruturas porque traz consigo a potência da criação; aqui apostamos no sensível para criar modos dissidentes de apreensão do mundo em que o sujeito colonizador não se apresenta como fundamento.

A opção por trabalhar com esta proposta metodológica decorre do problema de criar o problema. O problema de pesquisa não tem por objetivo a obtenção de uma resposta única e fechada por que o processo de elaboração deste é parte de um movimento investigativo de possibilidades múltiplas sobre a imagem, este se apresentando como resultado de um percurso exploratório que tem por fim disparar outros percursos desconhecidos. E justamente em uma aposta no desconhecido que ocorre esta inversão na relação pergunta-resposta usualmente utilizada quando se trata de metodologias: aqui a proposta é a de trabalhar com pergunta-perguntas, a partir do entendimento de que não se sabe os efeitos que as imagens podem, ou não,

produzir. *O que pode a imagem?* Talvez possas responder a esta pergunta com mais propriedade do que eu, acontecimento que me deixa em brasas e me leva a querer realizar esta pesquisa com frio na barriga.

É a partir deste reconhecimento que é proposta tal metodologia-experimentação, tendo em vista que ela não dará conta de todos os caminhos possíveis em relação às potências da imagem no encontro com corpos e subjetividades heterogêneos. Em última instância, seu interesse está urgentemente em encontrar o leitor, o que faz com que seus princípios sejam a provocação e a curiosidade. O que acontece a partir desta óptica sobre a pesquisa neste momento são algumas coisas: a metodologia de pesquisa é uma distensão do problema de pesquisa; a metodologia de pesquisa tem por função mostrar o problema de pesquisa como meio para solucioná-lo; a metodologia de pesquisa é o elemento primeiro no agenciamento da dissertação; e essa pesquisa é uma oficina - na qual já existe ao menos um integrante ativo, que sou eu enquanto facilitadora, e principalmente oficinanda, deste laboratório exploratório criativo, assim como é um convite para quem se encontra com ele criar suas percepções através das imagens produzidas.

Por fim, para que esta proposta metodológica aconteça, é necessário que ocorra certa mudança no direcionamento dos holofotes da história da filosofia ocidental. Se trata de uma perspectiva sobre as potências da imagem através da participação do corpo: sensações, olhares, suores. Ainda que propondo uma vertente metodológica diferente, interessa quando Paulon e Romagnoli (2009) se perguntam “como sustentar com rigor metodológico investigações que operam no plano das intensidades?” (PAULON e ROMAGNOLI, 2010, p.90)., e ainda “o que interessaria à pesquisa em psicologia seria sempre e tão-somente aquilo que nossa “sã consciência” puder apreender?” (p.91). Tendo estas questões em vista, compreende-se que o corpo pode ser um forte aliado metodológico não só espacialmente, ou como ele se dá no contexto urbano, tal como a corpografia⁸ faz de maneiras importantes e criativas, mas também através de sua apreensão como um elemento atento e sensível que participa da composição do método. Porque não apreender o corpo enquanto um participante ativo nos processos metodológicos a partir do reconhecimento de que é um elemento relevante na recepção da informação, seja ela qual for? Será que a legitimação do sensível nas engrenagens do método não poderia permitir o fisgar de

⁸ Corpografia é uma cartografia corporal, entende que a experiência urbana fica inscrita no corpo de quem a experimenta.

algumas possibilidades que podem estar acontecendo para as potencializar e multiplicar?

O objetivo desta perspectiva sobre a participação do corpo na pesquisa não é trazer para a consciência e racionalidade processos que se dão em nuances que não podem ser apreendidas desta maneira, assim como esta proposição não intenta categorizar tais processos, porque reconhece que não vai conhecer as variadas sensações que diferentes corpos podem abrigar. Em contrapartida, com esta sugestão objetiva-se a composição e validação de trocas possivelmente mais produtivas não só do lado do pesquisador, mas do outro lado também, ou melhor, no encontro mesmo. Uma produção pode ser também um corpo: corpo humano, corpo de bicho, corpo ciborgue. Pesquisar nos hibridismos, porque tudo pode se transformar – *o que pode a imagem?* A dissertação finalizada pode não ser o único ponto de chegada de uma pesquisa, mas também a experiência que acontece no seu processo de construção e após sua conclusão. Esta perspectiva intenta realizar um movimento a contrapelo de certa lógica de produção de conhecimento alicerçado em epistemologias coloniais mediante a fundamentação no paradigma da neutralidade previamente exposto, assim como reconhece a importância da experiência do corpo de quem pesquisa, e, principalmente, a potência sempre diferente do corpo de quem se encontra com o estudo. Para esta pesquisa a imagem se choca, assim como se constitui, de subjetividades, sensibilidades e organicidade. Todos estes elementos são partes constituintes do método.

Esta dissertação quer produzir encontros através das imagens que produz, o que pode ocorrer através desta metodologia crua, que se apresenta a cada palavra escrita e a cada trabalho plástico. Trata-se de uma técnica em constante construção; uma metodologia-devir; uma oficina em processo. Como trabalhar a imagem enquanto tecnologia através do texto e da arte? Como a arte atravessa a imagem? Como a imagem atravessa a arte? Como a escrita se torna uma imagem? Como o texto pode se aproximar da experiência? Como pode ser possível a composição de outras formas de apreender o mundo e os sistemas de referência que o agenciam através da imagem? Que outras possibilidades podem acontecer? Até onde a imagem pode ir, ou, ainda, *o que pode a imagem?* Difícil dizer. Quanto mais a imagem aparece, mais corro atrás dela.

4.Qual a cor da água? Imagem como tecnologia de subjetivação transmutável

A imagem para o estudo é um elemento que se metamorfoseia e transforma a própria estética no ritmo em que mudam as palavras. Isso ocorre a partir da intenção desta pesquisa de experimentar diversas formas as quais a imagem pode adquirir, passando pelos corpos, papéis e telas. Mas então, que imagem é essa? Conforme suprarreferido, a imagem no estudo pode ser caracterizada como o que aparece dos corpos, estes inscritos em regimes de visibilidade sociopolíticos muitas vezes produtores de violências variadas: a pesquisa realiza uma investigação sobre os modos pelos quais a imagem visual pode ser agenciada mediante sua relação com a colonização, como é produzida e que efeitos pode gerar. De acordo com esta perspectiva, a imagem é caracterizada como uma tecnologia mediante o entendimento de que as tecnologias sociais, sejam estas digitais ou não, produzem efeitos sociopolíticos atravessados por processos carregados de historicidade que gerenciam disputas de poder. Tendo isso em vista, apostamos na imagem como um elemento inserido em um campo de disputa, no qual pode atuar como uma tecnologia de subjetivação. Enquanto um elemento que agencia apreensões do social e de si, a imagem aparece como capaz de sistematizar tanto engrenagens produtoras de desigualdade e violência, quanto transformações na distribuição de influência social, econômica e política. Aqui compreende-se que fatores da ordem político-econômica podem ser operacionalizados, dentre múltiplos fatores, por meio do gerenciamento das imagens, desde o momento da colonização até a contemporaneidade digital.

Neste escopo, a caracterização da imagem como tecnologia é um desdobramento da referência ao rio, tendo em vista que a imagem aparece como um elemento fluido, corrente, transfigurável. Se inspirando no rio, repleto de margens, a imagem como tecnologia traz consigo nuances que se encontram sem deixar de ser diferentes. Para a pesquisa o aprisionamento e a expressão não aparecem como elementos excludentes, ou até mesmo como opostos: estas faces da imagem se enredam e sobrepõe mutuamente, constituindo uma à outra e agenciando experimentações da imagem de modos contínuos e descontínuos. No decorrer da pesquisa, a imagem como tecnologia de subjetivação se transfigura e assume diferentes formas, formatos, perspectivas, de forma que o afetar-se e sua capacidade

de transformação são algumas de suas características predominantes, e permitem a posterior caracterização da imagem como um corpo repleto de conexões. Esta perspectiva sobre a imagem se distancia de essencialismos de ordem maniqueísta e pende para sua caracterização enquanto um componente social híbrido, contingencial e ambíguo.

Ao ser percebida enquanto bélica na sua maleabilidade, a imagem se constitui finalmente neste entre, nesta fronteira própria de si - a imagem pode ser vista. Ela dança sobre os binarismos e adquire uma estética camaleoa que transmite sentidos sem ser reduzida a meio de transporte. Essa imagem não é navio, envelope. Tampouco é fúnebre, morta. E por isso pode provocar a morte quando inscrita em sistemas de referência violentos. Essa imagem não tem só o tempo da significação porque ela é experienciada pelos efeitos da passagem do tempo – como podem se dar os tempos que estão por vir? Ela pode atravessar corpos de muitas maneiras, e não se esvai na passagem, pelo contrário, é assim que se faz viva. Pode ser representada, mas não passivamente. Assim como pode trazer consigo intenções e finalidades, mas ainda ser relacional. É uma imagem política porque pode se encontrar corporificada nas localizações historicamente situadas – que lugares ela pode habitar? Ela se move em conjunção com a percepção sensível – o que pode ocasionar reações diversas. Essa imagem pode ser, mas não é essencialmente bonita. Inclusive porque ela não é fundamentada em gênese alguma, e muito menos é: essa imagem é capaz de estar, nas situações, nas contingências, no presente que traz consigo a capacidade de se deslocar para outros tempos, mas segue firme no agora. A contrapelo das gêneses: é assim que pode se transfigurar e adquirir diferentes estéticas – e diferenças.

Camaleoa com fome de vida I, 2020
Nanquim sobre papel
14,8x21



5. Horizontes do fim: Sujeito

Conforme apontado na sessão anterior, apreendemos a imagem como uma tecnologia de subjetivação que atua em relação com o sujeito moderno colonial desde sua edificação até a contemporaneidade. Neste capítulo, objetivamos demonstrar como a imagem pode participar das modulações diversas que configuram a experiência com a concepção de sujeito desde a colonização até a atualidade digital, e postula-se que estas transformações acontecem em relação com certa perspectiva colonialista - seja no sentido da reificação deste sistema ou da produção de estratégias de escape. Desde o momento da colonização, as subjetividades são afetadas de maneiras heterogêneas pelas estruturas então colocadas, de modo que somos todos assujeitados por este processo. Tendo isso em vista, ocorre uma exploração sobre a atuação da imagem na produção de práticas dissidentes em relação às estruturas de opressão assentadas no sujeito moderno colonial. Estes processos aparecem agenciados pela conjunção da imagem com outros fatores, de modo que são exploradas as possibilidades múltiplas que configuram a relação das imagens com a experiência com a concepção de sujeito.

Ainda que a perspectiva frente aos modos de configurar um sujeito tenha passado por uma série de transformações significativas, postula-se que as nomeações postas na colonização seguem participando da experiência social, de forma que opressões estruturais como o racismo, machismo e cisheteronorma se rearticulam na atualidade garantindo a manutenção da desigualdade e da violência. A investigação sobre esta relação é atravessada por engrenagens do visível e do invisível que podem trazer consigo a potência para o aprisionamento e/ou a expressão, dependendo do contexto em que se encontram. As margens do aprisionamento e da expressão se ajuntam com uma série de outras, colidindo, aproximando e constituindo mutuamente, e confluindo em regimes de visibilidade e invisibilidade: o que pode ser visto de acordo com uma perspectiva colonialista? Será que o que vejo é o que o outro vê? O que é um fato e o que é uma ficção no que se refere à relação do sujeito com a imagem? O que não posso ver? O invisível pode ser visto?

Neste escopo, este capítulo percorre um trajeto que inicia com uma explanação sobre a conjuntura na qual a noção de sujeito moderno se edifica, com destaque para a concepção de tempo-espaço eurocentrada na qual investe e se constitui em

contraposição a possibilidades não fundamentadas no ser transcendente. Em seguida, acontece uma investigação sobre os modos pelos quais a imagem aparece como um elemento que atua em conjunção com fatores econômicos e discursos biologizantes para agenciar a edificação do sujeito moderno colonial. O terceiro subitem pauta uma análise das mudanças que a concepção de sujeito apresenta na contemporaneidade mediante interferências da imagem em relação com as tecnologias de comunicação e informação, com destaque para a manutenção da imagem como um pilar epistemológico e social para a apreensão do indivíduo e para certa rearticulação de modos de valoração constituintes do sujeito colonial fundamentados na violência no que se refere à experiência com sistemas de referência na atualidade. Por fim, abordamos possibilidades dissidentes para a apreensão e experiência do Eu e do social agenciadas pela imagem como uma tecnologia de subjetivação apta a atuar em conjunção com outros fatores para o esvaziamento dos modos de operacionalizar as categorias colonialistas que culminaram no sujeito moderno colonial e que aparecem o topo da pirâmide que o qualifica, vide branquitude, masculinidade, cisgeneridade e heterossexualidade.

cena V: um espaçotempo diferente

A história que vou contar possivelmente já foi imaginada por muitas pessoas, mas a primeira vez que a ouvi foi no dia em que cheguei no lugar para onde vamos depois que morremos, um bom tempo depois de ter morrido. Ainda não consigo me lembrar muito bem do que aconteceu no meio tempo entre minha morte e esse lugar, porque senti muita coisa, e ainda tô tentando elaborar tudo isso. Essa história que quero que tu conheças é usualmente contada por aqui, e cada vez que me deparo com ela me impressiona como muda, dependendo de quem conta, frequentemente mais de uma pessoa, de forma que me parece um boato muito antigo, e também familiar. Como sei que tu deves estar curiosa/o/e sobre como é aqui, vou deixar escapar que por essas bandas o flerte é bem valorizado: ao contrário do que é contado por aí, um flerte não acontece por acaso. Minha vinda para cá me ensinou que o olhar requer uma abertura, uma pré-disposição, e de preferência um ambiente propício: aqui as pessoas se olham muito. Acho que essa história conta bastante sobre o lugar em que me encontro, e começa mais ou menos assim:

Este é um conto sobre um flerte na natureza, e um flerte na natureza tem seu valor. Ele acontece em um lugar deslumbrante, repleto de rios, árvores, e animais de todos os tipos. Neste lugar, habitam três pessoas: duas mulheres e um homem. Sua convivência é tranquila, eles passam os dias desfrutando o ócio, comendo frutas, descobrindo novas regiões da vastidão imensa que abarca seu lar. Acontece que o homem é apaixonado por uma das mulheres, que também gosta dele, mas não quer assumir um compromisso. Não porque quer conhecer pessoas novas, tendo em vista todas as pessoas se conhecem, e no caso são só três. Mas porque não quer lidar todas as consequências que o compromisso implica para este homem, como passar todo o tempo junto, e alguns comentários autocentrados que a desagradam bastante. Ela gosta de passar o tempo se banhando ao Sol nas margens dos rios, e é muito bonita. A outra mulher é solitária e misteriosa. Ela corre pelas matas e tem uma afinidade especial com as cobras, que conseguem ouvir seu chamado e ir ao seu encontro. Tais animais peçonhentos se ouriçam e chocalham ao encontrá-la, e passam pelo seu corpo como que em um afago lambuzado e gostoso. Ela costuma dormir durante o dia e sair à noite, e tem uma afinidade especial com a Lua Nova. Ela é muito bonita também, mas para o homem ela parece simplesmente estranha, por vezes, assustadora. E assim os dias passavam, um após o outro, brandos e parecidos, até que um dia aconteceu. Por algum motivo a mulher das cobras e da Lua teve insônia, e resolveu caminhar ao Sol. Foi quando ela se deparou com a outra mulher, que, como de costume, se banhava no rio. E paralisou. Aquela imagem destoou da rotina e destoou dela mesma, que, em meio a tanta monotonia, estava incrédula. A mulher dos rios estava nua, deitada e levemente inclinada, de modo que a luz do Sol no seu corpo formava sombras em algumas partes, como nas coxas e seios, e fazia refletir o suor que escorria. Ela era o próprio Sol, reluzindo inteira, contrastando com a grama, confortável, linda. A mulher das cobras ficou muito tempo embasbacada com aquela cena, e foi quando a mulher dos rios olhou para ela. Como já pode estar sendo intuído, foi nesse momento que aconteceu o flerte. E foi nos acontecimentos que se seguiram, cheios de paixão e encantamento, que Lilith e Eva expulsaram Adão do Éden. Ele era muito chato e não lidou bem com o namoro delas. Fim.

Foi quase assim que me contaram, mas tu podes contar como quiser caso tiver vontade de espalhar por aí também.

- flertando com a esperança

5.1. Paraíso bifurcado: Sujeito moderno colonial como gênese do seu Ser⁹ no seu tempo-espaço

Como a concepção de sujeito se edifica na colonização? Quem pode ser sujeito? Como o poder se articula em relação com a localização dos corpos, privilegiando umas em detrimento de outras? Se o sujeito colonial tem gênese, é porque é. E um dos modos pelos quais opera é através da manutenção da História. Não só pelos fatos que acontecem, mas pela instituição de modos de operar a passagem do tempo que remetem a determinada historicidade que o fabrica: passado, presente, e futuro atuam como instrumento de reafirmação de si. Neste sentido, pode-se dizer que tanto o sujeito moderno colonial, quanto a temporalidade da História na qual se inscreve, são ficções factuais com efeitos muito palpáveis nos corpos. E estas ficções dão condições de possibilidades para o surgimento de outras (FANON, 1952; MBEMBE, 2013), aqui compreendidas como sistemas de representação coloniais, que operam maneiras de exercício e percepção da imagem de acordo com estes regimes. Por isso, nesta sessão são investigados os moldes espaço-temporais nos quais o sujeito colonial se constitui, com o fim de distender os modos de experiência dos sistemas de representação nos quais se inscreve. Aqui a intenção é chacoalhar os tempos para ver se a linearidade se dissipa um pouco e se faça possível visualizar outras possibilidades.

A colonialidade é um movimento intrínseco à modernidade e foi o momento em que a Europa se tornou o relógio-régua do globo, impondo a partir de uma lógica linear espacialidades e temporalidades, e gerando o conseqüente apagamento histórico, epistemológico, cultural e territorial de outras populações e lugares por meio de um genocídio em massa. Ao tomar para si a verdade sobre a História, e excluindo outras Histórias e tempos que aconteceram antes, durante e depois da colonização, estabeleceu uma nova organização geopolítica global associada à divisão

⁹ Ser aparece em maiúsculo como alusão ao conceito da obra de Kusch (1973), que será explicitada em seguida.

internacional do trabalho, que aconteceu com o uso de réguas¹⁰. Neste momento, o sujeito moderno colonial se consolida através da reprodução compulsória de modos de experienciar o espaçotempo fundamentados na ideia de uma gênese que sustenta o Ser e de um futuro que remete ao progresso desenvolvimentista deste Ser.

Para iniciar a explanação sobre a gênese do sujeito colonial, talvez seja interessante uma alusão à colonização como a proclamação do Éden cristão, tendo em vista que esta disseminou a ideia de um passado ontogênico que escreve este sujeito – branco, cisgênero, patriarcal e heterossexual. Esta menção ocorre apoiada no entendimento de que a justificativa permanente que o Éden representa para a manutenção do patriarcado e da cisheteronorma acontece mediante a ideia de uma gênese que contém em si a verdade. Esta premissa atua como um respaldo dentre outros para reificar estes modos de Ser Sujeito e atua enquanto uma violência, porque esta suposta verdade ontogênica exclui outras possibilidades de existência que estão bem vivas no aqui e agora.

As implicações do Éden nesta regulação normativa podem ser explicitadas no Manifesto Ciborgue, em que Donna Haraway (1985) explica que o ciborgue é uma criatura situada na fronteira entre humano, animal e máquina, que justamente ao aceitar sua condição misturada e multifacetada passa a adquirir seu potencial subversivo. Para isso acontecer, autora aponta que o ciborgue deve rejeitar a ideia de restauração do paraíso, este que acontece “por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de sua complementação em um todo, uma cidade e um cosmo acabados. (...) O ciborgue não reconheceria o Jardim do Éden” (HARAWAY, 2000, pg. 39). Também em Problemas de Gênero (1990) faz-se possível visualizar a atuação do paraíso cristão nas normatividades, quando Judith Butler aponta que a distinção entre sexo e gênero e as próprias categorias sexuais provém da concepção do corpo enquanto algo passivo à espera de significação, o corpo significando “o vazio profano, a condição decaída: engodo e pecado, metáforas premonitórias do infemo e do eterno feminino” (Butler, 2003, pg. 186). Ao apontar que as categorias de sexo pertencem a uma ordem que se coloca como natural, com a consequência de não poder ser consideradas relações sociais, Monique Wittig refere que “Esta Concepción que impregna todos los discursos, incluidos los del sentido común (la costilla de Adán

¹⁰ A instauração de fronteiras em diversos países colonizados aconteceu em reuniões de representantes de países colonizadores que usaram réguas para delimitar a separação dos territórios. Esta demarcação muitas vezes colocou na mesma nação povos rivais, o que provocou violência desmedida. Vide mapa do continente Africano.

o Adán es, Eva es la costilla de Adán), es el pensamiento de la dominación.” (WITTIG, 2006, p.25)

A aproximação crítica sobre a formação do sujeito colonial de acordo com uma perspectiva ontogênica pode se dar em paralelo com uma reflexão sobre a lógica binária na qual é alicerçada: o binarismo cartesiano que funda o pensamento moderno e separa a mente do corpo segue ecoando e legitimando uma série de outros binarismos, dentre eles o da natureza em oposição à cultura, do organismo em oposição à máquina, do passado em oposição ao presente, do masculino em oposição ao feminino. Estes binarismos estão todos interligados: o binarismo que contrapõe natureza e cultura, além de pressupor a proximidade do homem com a cultura e da mulher com a natureza, colocando a mulher em uma posição de inferioridade social, permite a ideia de subordinação da mulher-natureza pelo homem-cultura através da lógica progressista colonialista, que se direciona para o futuro em um movimento que o contrapõe ao passado no que se refere à passagem do tempo. Estes binarismos em rede compõem uma lógica opressora que acaba por privilegiar um grupo específico de pessoas, as quais Donna Haraway (1985) chamou de “Patriarcado Capitalista Branco” (HARAWAY, 2000, p.60). Assim, os binarismos não se constituem *per se*, mas se enredam em uma teia de hierarquias, anulações e legitimações, e o sujeito moderno colonial aparece como um alicerce estruturante de tais oposições.

Conforme aponta Mignolo (2011), a América “foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã” (MIGNOLO, 2016, p.4), e a colonização passou por “etapas sucessivas e cumulativas que foram apresentadas positivamente na retórica da modernidade: especificamente, nos termos da salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia” (p.8). Mignolo ainda afirma a existência de nós histórico-culturais que constituem e operam esse sistema, dentre os quais podem ser citadas hierarquias de gênero, sexualidade, raça, religião, estética, linguística, epistemologias e humanidades. Neste sentido, Aníbal Quijano (2005) também aponta que o padrão de poder mundial estabelecido na colonização é o primeiro difundido globalmente da história conhecida, pelos seguintes motivos:

Um, é o primeiro em que cada um dos âmbitos da existência social estão articuladas todas as formas historicamente conhecidas de controle das relações sociais correspondentes, configurando em cada área um única estrutura com relações sistemáticas entre seus componentes e do mesmo modo em seu conjunto. Dois, é o primeiro em que cada uma dessas estruturas de cada âmbito de existência social, está sob a hegemonia de uma instituição produzida dentro do processo de formação e desenvolvimento deste mesmo padrão de poder. Assim, no controle do trabalho, de seus

recursos e de seus produtos, está a empresa capitalista; no controle do sexo, de seus recursos e produtos, a família burguesa; no controle da autoridade, seus recursos e produtos, o Estado-nação; no controle da intersubjetividade, o eurocentrismo. Três, cada uma dessas instituições existe em relações de interdependência com cada uma das outras. Por isso o padrão de poder está configurado como um sistema. Quatro, finalmente, este padrão de poder mundial é o primeiro que cobre a totalidade da população do planeta. (QUIJANO, 2005, pg.123)

Nesta explanação, Quijano argumenta sobre como a colonialidade fundou o conceito raça, e afirma que o modo como o compreendemos na modernidade é desconhecido na história antes da inserção da América no sistema-mundo-moderno-colonial, momento em que passou a ser estabelecida como um instrumento de “classificação social básica da população” (QUIJANO, 2005, pg. 117). Esta classificação produziu relações e identidades sociais historicamente novas, e também associou a procedência geográfica com uma conotação racial. O autor explica como a fundação do conceito raça tal como o compreendemos serviu para sustentar a nova estrutura internacional do trabalho, que distribuía as ocupações de acordo com este sistema de referência. Esta relação gerou uma divisão racial do trabalho, em que a concepção de raça e de trabalho se estruturam e reforçam mutuamente, tendo como efeito a produção da Europa como o centro do mundo capitalista. Quijano demonstra como a ideia de raça serviu para a manutenção das relações de dominação que estavam se configurando, apontando que as identidades que se formavam “foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha.” (QUIJANO, 2005, pg.117).

A questão da produção e disseminação de sistemas de referência coloniais também pode ser apreendida em “Rumo a um feminismo decolonial”, quando María Lugones (2010) aponta o caráter binário e hierárquico da modernidade. A autora afirma que o sistema moderno colonial de gênero é efeito de uma lógica binária fundamentada na dicotomia humano e não-humano, que acabou por legitimar uma série de outros binarismos que atuaram enquanto ferramentas para desumanizar e condenar os colonizados. Para Lugones, esta lógica é estritamente ligada à categoria de gênero, que qualifica alguém enquanto humano ou sujeito: os colonizados não eram considerados aptos a serem homens ou mulheres, tendo em vista que não eram considerados humanos, e as mulheres europeias não eram homens, o que acaba por levar o homem branco europeu a ser o único com aptidão à categoria “sujeito”. É importante pontuar que a categoria de gênero era entendida enquanto distinta da

categoria sexo, tendo em vista que qualquer um poderia ter um sexo, mas não um gênero. Isso pode ser ilustrado quando a autora aponta que “o sistema de gênero é não só hierárquica mas racialmente diferenciado, e a diferenciação racial nega humanidade e, portanto, gênero às colonizadas” (LUGONES, 2014, p.942), e ainda, “o gênero e sexo não podiam ser ao mesmo tempo vinculados inseparavelmente e racializados” (p.937). Essas questões levaram a autora a afirmar que o gênero é uma criação colonial, que a dicotomia homem/mulher foi mecanismo constituinte da dicotomia humano/não humano, e a intitular de colonialidade de gênero o sistema que atua no regulamento das categorias de raça, gênero e sexualidade globalmente desde o momento da primeira colonização.

Também Oyeronke Owoyemi (2004) disserta sobre os efeitos da colonização na concepção de gênero ao realizar uma crítica às matrizes sobre as quais os estudos de gênero se apoiam, argumento realizado através de uma comparação destes moldes com a experiência das relações de gênero e familiares no continente africano. Neste escopo, enfatiza que a família nuclear é uma noção alicerçada em uma matriz eurocentrada que sustenta muitos dos conceitos dos estudos feministas na atualidade, realizando uma crítica às epistemologias feministas que reproduzem estas lógicas. A autora aponta para modos de experiência das relações familiares que não são fundamentadas em matrizes coloniais, e mostra que existem possibilidades múltiplas para a experienciar as instituições gênero e família. Para Owoyemi, a família nuclear “é uma forma especificamente euro-americana; não é universal. Mais especificamente, a família nuclear continua a ser uma forma alienígena na África” (OWOYEMI, 2004, p.4). Esta crítica à reprodução da família nuclear como universal acontece em paralelo a uma crítica sobre a definição mesma de gênero. Owoyemi aponta que as categorias sociais africanas são fluidas,

Elas não se baseiam no tipo de corpo, e o posicionamento é altamente situacional. Além disso, a linguagem do casamento, que é utilizada para classificação social, frequentemente não é, a princípio, sobre gênero, como interpretações feministas da ideologia e organização familiar poderiam sugerir. Em outro momento, argumentei que o idioma casamento/família em muitas culturas africanas é uma maneira de descrever relações patrono/cliente, que pouco têm a ver com a natureza dos corpos humanos. Análises e interpretação de África devem começar a partir de África. Significados e interpretações devem derivar da organização social e das

relações sociais, prestando muita atenção aos contextos culturais e locais específicos. (OWYEUMY, 2004, p.9)

Estes sistemas de representação se situam em um tempo-espaço através da noção de sujeito postulada pela colonização. Diversas estruturas de opressão foram fundadas por meio da imposição de sistemas de referência europeus sobre os modos de percepção e experiência do social, do tempo, e do espaço das populações dos lugares colonizados. Estas questões podem ser percebidas quando, em um movimento dissidente a este que compõe o tempo ontogênico, Rodolfo Kusch (1973) conceitua o *Estar Sendo* latino-americano como uma contraposição ao *Ser* universal moderno colonizador. Neste movimento, o autor explica que o *Ser* se encontra no ente, enquanto o *estar* se situa no território, no habitat, o que se apresenta como uma ontologia e epistemologia únicas, em que o *Estar* predomina em relação ao *Ser*. Esta diferença implica em muitas questões, dentre elas a discrepância de certa experiência com o tempo que percebe o futuro como progresso e a terra como recurso em contraposição à ênfase na experiência do agora em equilíbrio com a natureza. Além disso, uma perspectiva fundamentada no *Ser* faz com que a autenticidade e a novidade se esvaíam: se o *Ser* está no mundo de acordo com paradigmas reafirmados e cristalizados, o ambiente e a passagem do tempo tendem a chegar de maneiras programadas, repetidas, lineares. Estas questões levam Kusch a afirmar que as populações originárias da América Latina são a-históricas, porque experienciam um tempo que está permanentemente no agora, o que pode dar vias para uma reflexão sobre o que é a História, quem a compõe, e sobre quais moldes de apreensão do tempo-espaço.

A imagem como tecnologia proposta pela pesquisa vislumbra atuar em consonância com epistemologias e práticas que não utilizem modos de experienciar os sistemas de referência estabelecidos na modernidade por meio da fundamentação na constituição do sujeito moderno colonial, excludente e hierárquico. Nos questionamos como a diferença vem se encontrando com a imagem: ambas aparecem como constituídas também por marcas da colonização, que compuseram os modos pelos quais a noção de sujeito moderno colonial foi edificada. Tendo isso em vista, pode ser possível situar os modos pelos quais a diferença vem sendo agenciada historicamente para efetuar uma crítica aos modos pelos quais as categorias que a compõem de acordo com esta perspectiva se articulam, assim como

quais categorias estão dispostas para a efetivação deste processo, objetivando um deslocamento de margens que o coloque em xeque.

Neste escopo, a pesquisa aposta na criação de novas categorias identitárias para a produção de rotas de escape frente às diferenças que se apresentam de forma hierárquica em relação com a produção do sujeito na colonização, de modo que aqui este movimento acontece por intermédio da imagem. Em paralelo à formação de novas categorias, a pesquisa também aposta na produção de modificações nos modos de valoração fundamentados em violências das categorias que já estão postas, movimento que pode transformar o agenciamento das relações entre elas, assim como possibilitar a criação de novas. Estes processos no contexto da pesquisa parecem se dar por meio de uma interferência mútua, agenciando diferentes estratégias que dão vias para a composição de maneiras variadas pelas quais a imagem pode se encontrar com as múltiplas formas de experiência com a diferença, nos corpos e tempo espaços.

A história contada todos os dias por meio de estruturas epistemológicas e referenciais eurocentradas é somente um dos modos pelos quais os corpos e as experiências podem acontecer. O exercício do espaço-tempo fundamentado em engrenagens coloniais pode produzir sofrimento, e aqui apostamos na construção de maneiras de perceber e viver o mundo dissidentes às colonialistas: maneiras que criem novos modos de experienciar os sistemas de referência - em constante transfiguração e por vir - com o fim de produzir a valoração de múltiplas diferenças dissidentes à categorização hierárquica produzida pela colonialidade. Investigando os efeitos da história nos corpos e na experiência, este movimento objetiva atentar para os contextos sócio-históricos múltiplos nos quais os processos coloniais e neocoloniais atuam, e compactua com a localização dos corpos para avaliar as especificidades de cada contexto social: é justamente a contrapelo da generalização e universalização homogeneizantes características da noção de sujeito moderno colonial que acontece a crítica às violências instituídas na sua formação, e a localização de experiências e resistências singulares é um dos modos efetivos pelos quais esta crítica pode ocorrer. O contato de diferentes populações com estes modos de compreender o mundo pode produzir novas existências e resistências. Vislumbrar, desde passados e futuros, categorias, conceitos e práticas que transfigurem a operacionalização do sujeito colonial mediante o exercício da experiência de um agora múltiplo e diversificado se apresenta como uma maneira de tensionar e descobrir caminhos dissidentes para apreender e experienciar o mundo e o social. Reconhecer

as marcas históricas que constituem o espaçotempo em que nos encontramos com o fim de analisar os meios pelos quais o compreendemos e experienciamos pode nos levar a um lugar outro, que questione os modos pelos quais a própria categoria analítica de História vem sendo agenciada, e permita a criação de novas. Este caminho é decolonial, crítico e coletivo - e a imagem pode atuar como um elemento acessível e passível de investimentos individuais e conjuntos nesta empreitada.

cena VI: o dia em que morri parte II

Acho que chegou a hora de eu contar sobre o dia em que morri. Escrever sobre isso é difícil, me traz uma sensação ruim no peito e nas pernas, como que um tremor que não se manifesta no movimento corporal, mas na sensação. Acho que é ansiedade, mas não se trata de qualquer ansiedade. Muitas vezes fico ansiosa sem motivo aparente, só que dessa vez tem um motivo que grita. Lembro do estrondo que o grito dele fez: “isso tem que acabar”. E veio violento para cima da minha namorada, no corredor do prédio dela. Essas coisas acontecem muito rápido, não dá tempo de pensar sobre o que fazer. Meu instinto agiu: fechei a porta para os bichos não se machucarem, e fui na direção da briga. Lembro perfeitamente do que gritei: “tá maluco, tu não vai bater em mulher!” Ainda que nessa situação tivesse um afeto envolvido em relação à pessoa que estava ao meu lado, posso afirmar que minha reação foi decorrente de uma questão de princípios, talvez de ética. Não concordei com o que estava acontecendo. E foi quando eu me vi, pela primeira vez, em uma situação de violência extrema. Caso nunca tenhas experienciado algo assim, e espero mesmo que não, digo que estar fisicamente vulnerável é uma sensação muito ruim. Saber que a vida está em risco acarreta um instinto de sobrevivência urgente, visceral. Tudo que está ao redor se apaga, e a atenção passa a se concentrar inteira em uma só coisa: sair vivo da situação. Naquele momento, os gritos entravam na minha cabeça como que em um eco ininterrupto aos quais eu respondia, à flor da pele, em brasas. A expressão “matar ou morrer” nunca havia chegado em mim de uma maneira tão forte, porque naquele momento eu sabia que a violência só acabaria com alguém nocauteado. Não sei como dizer essas coisas de uma maneira leve, e acho que não existe essa possibilidade mesmo. A violência é crua, e ela provoca muito, mas muito medo. E o medo faz contra atacar. Mas o que mais doeu não foi a dor no corpo. Foi a vulnerabilidade, que senti no momento da agressão do até então vizinho amigável, e em todas as coisas que aconteceram durante e depois: além de me perguntar sobre

o que faz com que uma pessoa se sinta no direito de violentar alguém e de correr o risco de tirar uma vida, me pergunto porque, por mais altos que fossem os gritos, ninguém saiu do seu apartamento para apartar a violência. Também soube que, salvo algumas exceções, a comoção do prédio foi manifestada em coro: “elas mereceram”. Acho que a essa altura nem preciso dizer quem foi escoltado pela polícia para casa porque estava em perigo, mas vou dizer mesmo assim: o agressor. Me pergunto se, ainda que de maneiras diferentes, talvez também seja medo o que a existência de pessoas que não se enquadram totalmente na norma desperte em quem é profundamente habitado por ela. Qual o tamanho do vazio que fica se a norma vai embora? A vulnerabilidade que senti ainda se faz presente porque nessa ocasião ficou evidenciado para mim, mais uma vez, e da pior maneira, que a violência não estava só no agressor. Desde então, não paro de me perguntar porque muitas vezes o diferente desemboca no ataque, tendo em vista que pode provocar incontáveis sensações.

- quem tem medo de quem?



Impotência, 2021
Nanquim e caneta sobre papel
14,8x21

A gramática e o tempo podem atuar em consonância com o sujeito moderno, que compõe tempos verbais e vivenciados. Ser sujeito pressupõe ser, e o Ser

pressupõe muitas coisas. O Ser se desencontra do Estar, porque é transcendente. O ser é - adjetivos compõem o restante da frase. E assim a colonização opera cristalizando o tempo, situando nos corpos modos de experienciar a diferença por meio da operacionalização violenta dos sistemas de referência pautados na modernidade de forma usualmente binária. Estar é no presente, desenhado por memórias, palavras, gestos e sonhos. Ele acontece no agora. O Ser eurocentrado se desencontra do Estar, que agencia modos de experienciar o tempo muito diferentes, não fundamentados no tempo linear progressista para experienciar o cotidiano, o social e o espaçotempo. Dentre inúmeras violências instauradas pelas bifurcações do paraíso, uma grande problemática está no fato de que no movimento de estas dicotomias tentaculares se articularem para formar o sujeito colonial outras possibilidades de experienciar o mundo são marginalizadas, e aí se encontra um diagrama que não pode se fechar em dois: quantos mundos são possíveis?

5.2. Navegando por águas turvas: Imagem como tecnologia de subjetivação para a produção do sujeito moderno colonial

Como a imagem pode atuar como uma tecnologia de subjetivação para a consolidação do sujeito moderno colonial? Qual é a imagem desse sujeito? Quem pode ver? Quem pode ser visto? Na sessão anterior foi explanado que o sujeito moderno colonial foi instituído por meio de uma hierarquização de humanidades que se alicerça em sistemas de representação agenciados no processo da colonização. Este se consolidou como referência epistemológica em variados aspectos no que tange à compreensão da experiência, e, dentre eles, aqui é destacada a separação das pessoas de acordo com a raça e o gênero mediante a edificação de sistemas de valoração hierárquicos. Conforme será aprofundado nas próximas sessões, estas concepções passaram a estruturar exponencialmente grande parte da experiência social a nível global desde então. Tendo em vista esta conjuntura, nesta sessão são investigadas as interferências da imagem na produção de modos de ser sujeito de acordo com uma perspectiva colonial enquanto axiomáticos. A regulação das imagens aparece em paralelo à regulação deste sujeito, processo que acontece mediante a produção de regimes de visibilidade que acarretam também nos efeitos do invisível. Esta relação entre o visível e o invisível é atravessada por imagens com mais ou menos aceitação social, nas quais sugere-se que a noção de sujeito de acordo com

uma perspectiva colonialista se apoia. Assim, esta sessão acontece com o objetivo de investigar como a imagem atuou como uma tecnologia de subjetivação para a edificação da concepção de sujeito moderno colonial e dos sistemas de referência que o constituem.

As opressões diferem muito, e têm efeitos singulares de acordo não só com classificações isoladas que podem ser violentas, mas com múltiplas possibilidades que constituem um sistema de classificações em rede, e também com quem está sendo visto e com quem vê. Conforme explanado, o sistema de categorização postulado pelo sujeito colonial afeta diferentes categorias identitárias, com efeitos de violência variados, mas que defluem da mesma sistematização de nomeação posta na instauração do sistema-mundo-moderno-colonial. Nesta conjuntura, talvez seja possível sugerir que ver e ser visto nunca foi tão brutal antes deste momento. A apreensão do gênero e da raça mediante uma perspectiva eurocentrada acontece na colisão com diversas outras possibilidades de compreensão que muitas vezes não assumem nem mesmo a forma destes conceitos, tornando a nova dinâmica global de nomeação extremamente violenta em diversos aspectos: epistemologicamente, fisicamente, psicologicamente, economicamente, dentre outros que poderiam ser citados aqui. Ver e ser visto passa a ser uma questão de sobrevivência.

Em “Pele negra, máscaras brancas” (1952), Frantz Fanon realiza uma análise que entende as implicações do processo de colonização na produção do racismo estrutural, e analisa os efeitos que estes mecanismos têm nas subjetividades. Sua obra traz consigo muitas reflexões sobre as implicações da imagem no que se refere à produção de uma lógica colonial fundamentada na separação racial, abordando como o negro passa a ser objeto ficcionado pelo olhar do branco, ambos aparecendo como invenções colonialistas. Também se faz possível vislumbrar como o sistema de referência que produz as engrenagens da raça garantiu uma série de privilégios para pessoas brancas, movimento que se constitui por meio da inserção de outras populações em posições de inferioridade nesta estrutura, e tem como efeito a cristalização de identidades que operam de forma alienadora. O autor disserta sobre como as relações de opressão afetam os modos como as pessoas negras se percebem, e aponta para os efeitos de sofrimento psíquico que o racismo gera para essa população. Fanon afirma que os modos pelos quais a sistemática da raça é exercida, isto é, através da separação do negro e do branco, impõem um desvio existencial e um complexo de inferioridade para a população negra. Este complexo só pode ocorrer depois de um “duplo processo” (FANON, 2008, p.28), que se inicia

mediante um viés econômico, e desemboca na sua interiorização, ou “epidermização” (p.28), como algo verossímil. Dentre muitos relatos sobre a extensão dos efeitos do racismo na sua experiência, Fanon escreve,

Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da “idéia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição. Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto!

Deslizo pelos cantos, captando com minhas longas antenas os axiomas espalhados pela superfície das coisas, – a roupa do preto cheira a preto – os dentes do preto são brancos – os pés do preto são grandes – o largo peito do preto, – deslizo pelos cantos, permaneço silencioso, aspiro ao anonimato, ao esquecimento. Vejam, aceito tudo, desde que passe despercebido! (FANON, 2008, p.108)

Esta passagem pode introduzir a atuação da imagem como um mecanismo de validação da estrutura racial imposta pela colonização, tendo em vista que indica como neste sistema o “novo gênero” é evidenciado por meio de caracterizações sobre a roupa, dentes, pés e peito. A imagem atua como um mecanismo de reiteração das estruturas sociais produzidas pela colonização, que se deram em um primeiro momento economicamente, e que em seguida foram legitimadas por meio da recorrência a fatores imagéticos que certificavam o desenvolvimento deste sistema. Desta maneira, cada vez mais as estruturas de dominação adquiriam um caráter de veracidade, pretensamente irrefutável. Através desta passagem, também é viável a ponderação sobre as implicações violentas que a vivência de ser visto acarreta nestas engrenagens, em que em Fanon a vontade de passar despercebido grita. A construção de modos de habitar o mundo mediante uma separabilidade vertical passa a operacionalizar relações com a imagem em que esta passa a ser experienciada de maneiras viciadas, prontas e perigosas. A percepção sobre o outro passa a ser exercida em grande parte através de fatores fenotípicos, que buscam no reconhecimento de uma alteridade sustentada por parâmetros instituídos na colonização a validação de si. O autor aponta para a possibilidade de ruptura deste sistema, e afirma, “Mas esqueceram a constância do meu amor. Eu me defino como tensão absoluta de abertura. Tomo esta negritude e, com lágrimas nos olhos, reconstituo seu mecanismo.” (FANON, 2008, p.124), e ainda, “Sou Narciso e quero ler nos olhos do outro uma imagem de mim que me satisfaça.” (p.176).

Também Achille Mbembe (2013) indica a imagem como um elemento expoente na produção e disseminação de violências fundamentadas no racismo estrutural. Em “A crítica da razão negra”, Mbembe disserta sobre como o Negro e a raça adquiriram a mesma significação para as sociedades europeias, e analisa os modos pelos quais a noção de raça opera desde o momento da colonização, passando pelo iluminismo e chegando ao neoliberalismo. O autor disserta sobre como este conceito não é um fato, seja ele físico, antropológico ou genético, e o descreve como uma “ficção útil” (MBEMBE, 2014, p.27) que também adquire a função de desviar a atenção de antigos conflitos que então assumiam um grau maior de verossimilhança, como a luta de gênero ou de classes. Assim como o Negro é uma ficção útil, a construção dos ideais de branquitude é igualmente fabricada, questão que será elaborada no decorrer da dissertação. Mbembe afirma que para que a raça possa se operar enquanto afeto, esta tem que se transformar em imagem e imaginário. Em diálogo com Fanon, escreve,

Ver não é a mesma coisa que olhar. Podemos olhar sem ver. E não é certo que aquilo que vemos seja efectivamente aquilo que é. Olhar e ver têm em comum solicitar este juízo, encerrar aquilo que vemos ou aquilo que não vemos em inextricáveis redes de sentido - as malhas de uma história. Na distribuição colonial do olhar, existe sempre um desejo de objectivação ou de supressão, um desejo incestuoso, assim como um desejo de posse ou, até, de violação. Mas o olhar colonial tem também por função ser o véu que esconde esta verdade. O poder na colónia consiste portanto fundamentalmente no poder de ver ou de não ver, de ser indiferente, de tomar invisível aquilo que não podemos ver. E se é certo que «o mundo é isto que vemos», podemos então dizer que, na colónia, quem decide do que é visível e do que deve ficar invisível, manda. A raça só existe por «aquilo que nós não vemos». Para além «do que não vemos», não existe raça. Com efeito, o poder racial exprime-se no facto de aquele que escolhemos não ver nem ouvir não poder existir ou falar por si só. Em última instância, é preciso fazê-lo calar-se. (MBEMBE, 2014, p.192)

Ao reportar para os modos pelos quais os regimes de visibilidade fundamentam as dinâmicas de poder e dominação da colonialidade, Mbembe aponta para a raça como um véu, que imprime significações estigmatizadas e atua por meio do “olhar sem ver” (MBEMBE, 2014, p.192). A produção deste olhar é sustentada por determinada concessão sobre o que pode ser visto, e tornar invisível o que não pode. Neste sentido, pode-se denotar que a raça é produzida por uma falta: se o que o olhar colonial não enxerga desaparece, a raça aparece como fabricada pelo não visto, pela invisibilização do que não tem permissão para ser visto. Mbembe aponta que o Negro é “uma sombra no centro de um comércio dos olhares. Este comércio tem uma dimensão tenebrosa, quase fúnebre, de tal maneira que exige, para o seu

funcionamento, elisão e cegueira.” (p.192). Ainda em diálogo com Fanon, situa que para este a objetificação perpassa a fixação e a devolução do objeto ao mundo por meio da desfiguração (MBEMBE, 2013), e disserta,

Em larga medida, a raça é uma moeda icónica. Aparece em tomo do comércio dos olhares. É uma moeda cuja função é converter o que se vê (ou aquilo que se prefere não ver) em géneros ou nem símbolos integrados numa economia geral de signos e de imagens que trocamos, que circulam, às quais atribuímos valor, e que autorizam uma série de juízos e de atitudes práticas. Podemos dizer que a raça é simultaneamente imagem, corpo e espelho enigmático dentro de uma economia de sombras, na qual é normal fazer da própria vida uma realidade espectral. (MBEMBE, 2014, p.191)

Estes apontamentos podem dar vias para uma reflexão sobre como os aspectos do visível e do invisível adquirem uma relação complexa neste cenário, tendo em vista que as populações que se situam nas bases da pirâmide que estruturam o esquema de representação colonial passam por um movimento atravessado pelos efeitos da separação do que pode ou não ser visto, se situando muitas vezes no invisível, que é validado justamente pela marcação mediante o visível. Em outras palavras, populações são invisibilizadas porque a desumanização produzida pelo sistema de referência colonial as estigmatiza por meio da marcação hiperbólica do visível, garantindo a manutenção de privilégios para determinados grupos em detrimento de outros. Assim, tanto o visível, quanto o invisível, passam a se entrelaçar e constituir mutuamente, participando de maneira produtiva nas engrenagens de opressão e privilégio da separação racial. Este visível-invisível faz com que as pessoas que não podem ser sujeitos de direito de acordo com a representação colonialista se encontrem no limítrofe da imagem: ser marcado e invisível ao mesmo tempo, o que também pode ser apreendido como ser socialmente visto de acordo com uma perspectiva racista, patriarcal e cisheterocentrada.

A valoração de categorias identitárias postulada pelo sistema de classificação instaurado na colonização estipula que, ainda que de maneiras muito diferentes, todas as pessoas não-brancas e que não são um homem cisgênero e heterossexual, dentre outros grupos, não podem ser classificadas como sujeito. No que se refere à questão do gênero e da sexualidade, Monique Wittig (1992), aponta para os modos como certos discursos que justificam categorias sociais por meio de uma fundamentação no “natural” fabricam e estruturam sistemas de opressão, em especial no que se refere à categoria mulher. A autora disserta sobre como as lésbicas atuam como uma resistência político-econômica frente ao patriarcado, por sustentarem um sistema em que homens não são o centro de referência, assim como não há dependência em

relação a estes em diversas esferas, dentre elas a afetiva e a econômica. Estas questões confluem na caracterização da população lésbica como nem homens, nem mulheres, tendo em vista que para Wittig nas engrenagens do patriarcado as mulheres participam como posse dos homens. A autora sustenta que todas as categorizações das pessoas são inerentemente sociais, e explana que o feminismo pode, por um lado, lutar pelas mulheres e por sua defesa, o que significaria fortalecer o mito da mulher, e, por outro, se situar como a luta das mulheres enquanto classe com o fim do desaparecimento da classe mesma. Wittig escreve,

Un análisis feminista materialista muestra que lo que nosotras consideramos causa y origen de la opresión, es solamente la «marca» que el opresor impone sobre los oprimidos: el «mito de la mujer», con sus manifestaciones y efectos materiales en las conciencias y en los cuerpos apropiados de las mujeres. La marca no preexiste a la opresión: Colette Guillaumin ha demostrado que, antes de la realidad socio-económica de la esclavitud negra, el concepto de la raza no existía, o por lo menos, no tenía su significado moderno, pues designaba el linaje de las familias. Sin embargo, hoy, nociones como raza y sexo son entendidas como un «dato inmediato», «sensible», un conjunto de «características físicas», que pertenecen a un orden natural. Pero, lo que creemos que es una percepción directa y física, no es más que una construcción sofisticada y mítica, una «formación imaginaria que reinterpreta rasgos físicos (en sí mismos tan neutrales como cualquier otro, pero marcados por el sistema social) por medio de la red de relaciones con que se los percibe. (Ellas son vistas como *negras*, por eso *son* negras; ellas son vistas como *mujeres*, por eso *son* mujeres. No obstante, antes de que sean *vistas* de esa manera, ellas tuvieron que ser *hechas* de esa manera.) (WITTIG, 2006, p.34)

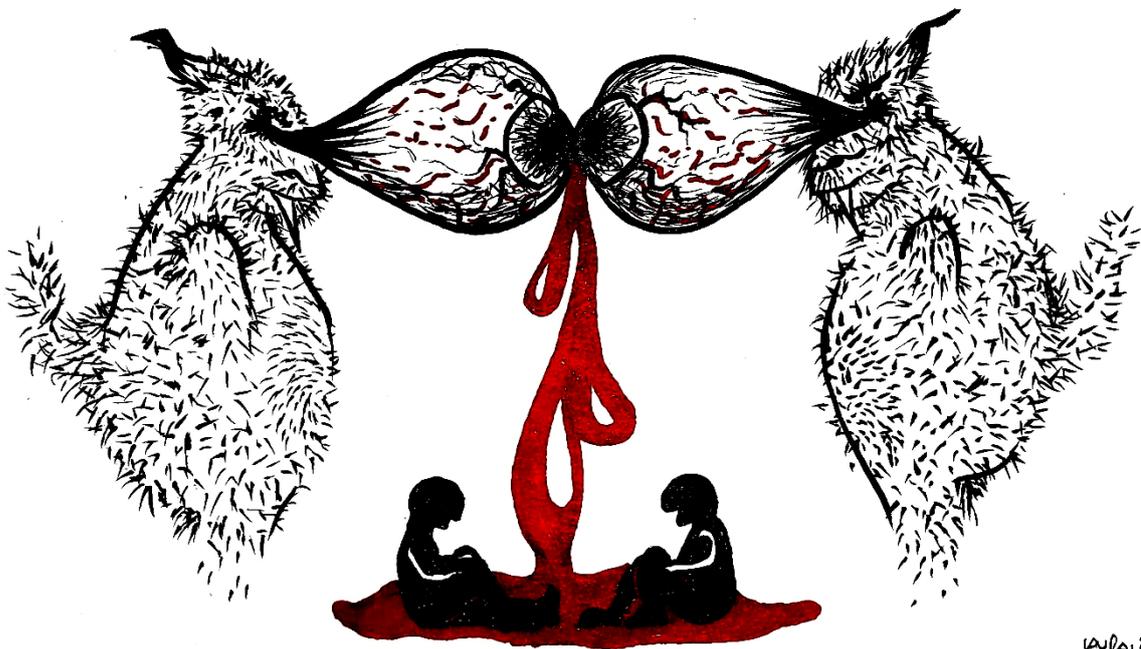
Para Wittig o “fazer” as categorias antecede o “ver”, e que em dado momento este movimento passa a acontecer de maneira autofágica, como que em uma sistemática que produz a opressão por meio da imagem, e vice-versa. Considerando que este movimento começa por um viés econômico, e através de questões imagéticas e fenotípicas passa a adquirir o caráter de naturalidade e ontogenia, a imagem atua como uma reificação com tons de atemporalidade, frequentemente de obviedade, justificando as categorizações por meio de fatores da ordem da imagem. De qualquer maneira, estas categorias se dão mediante um viés social. Se a imagem aparece como um elemento que reifica estas separações, pode-se afirmar que é uma tecnologia de subjetivação para a produção do sujeito moderno colonial porque participou da operacionalização dos modos pelos quais este se constitui: através da associação axiomática de características que poderiam ser neutras na experiência social, mas adquirem um status determinante para a inserção das pessoas no esquema de humanidades formado na colonização. Em outras palavras, a imagem garante a experiência cotidiana do sujeito colonial como algo que aparenta ser

inquestionável, fator elementar para a consolidação exitosa deste. Isso acontece mediante um caráter simultaneamente biologizante e imagético: de acordo com uma perspectiva colonialista, a aparência das pessoas passa a ser um fator fundamental para a determinação sobre se estas vão ou não ser sujeito de direito, o que é operacionalizado em consonância com fatores biológicos, os quais também passam a atuar como um meio para a reificação do sujeito moderno colonial quando agenciados a serviço do gerenciamento das estruturas que o constituem.

cena VII: o dia em que morri parte I

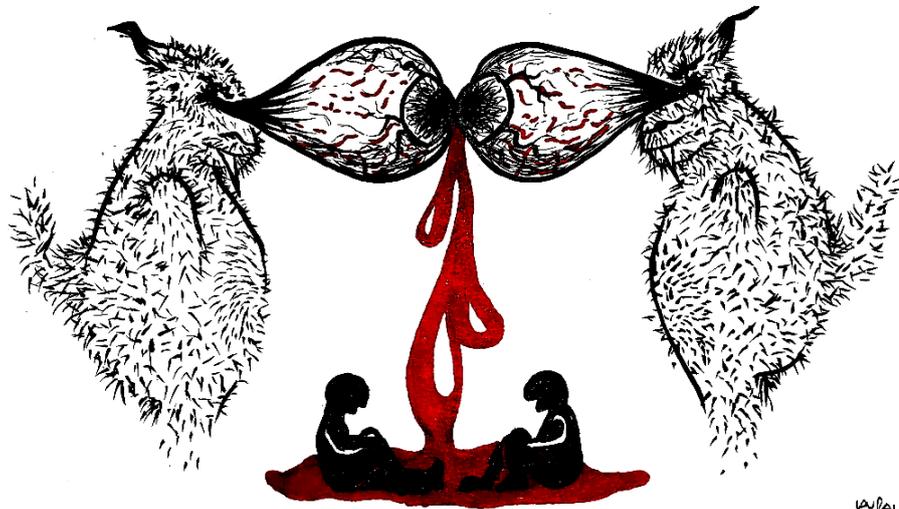
Lá estava eu com minha namorada, entrando no apartamento dela, quando um vizinho saiu do apartamento dele vindo em nossa direção. Na semana anterior ela havia ido ao seu apartamento para perguntar se ele ouvia algum barulho ocasionado por ela, tendo em vista que a vizinha de cima havia reclamado do som dos passos na casa. A resposta foi certa: “meu problema é com as vizinhas da frente”. As vizinhas em questão também eram um casal, de modo que estes três apartamentos e mais um formavam o lado de cá do corredor. Acho que ele pensou que por se tratar de dois casais LGBTQIAP+, era indiferente qual ele atacaria, afinal, talvez para ele nós e as vizinhas coubéssemos no mesmo estereótipo: lésbicas, e tudo o que isso pode vir a implicar para um homem cisgênero e heterossexual. O que é ser lésbica? Será que todas as lésbicas são iguais? Me pergunto. E te pergunto. Será que tu, que me lêes, é o agressor? E, mesmo que não sejas, será que já foi violento com uma mulher? Com alguém LGBTTQIAP+? Me pergunto o que te diria. Poderia dizer muitas coisas, acho que uma das primeiras seria para olhares de novo.

- o que vêes?



12/10/2021

Perspectiva, 2021
Nanquim e caneta sobre papel
14,8x21



W. B. 2021



Impotência 2021
Nanquim e caneta sobre papel
14,8x21

Nota-se que a seleção de humanidades postulada na colonização faz com que se justifique e perpetue a opressão, tendo em vista que ao colocar corpos em uma

posição de não humanidade faz-se possível a legitimação da violência sem uma reflexão perante esta. Compreende-se aqui que a imagem é uma engrenagem chave neste controle. Neste cenário, fatores relacionados à imagem produzem regimes de visibilidade em que a imagem e o sujeito colonial, assim como o visível e o invisível e as definições sobre a garantia ou retirada do direito a ser apreendido socialmente como sujeito de acordo com este sistema passam a se interferir mutuamente, se enredando em uma grande teia limítrofe que fundamenta sistemas de referência violentos atuantes na experiência social até os dias de hoje. Para colocar em outros termos: quando a norma vê imagem, pode ser que ali não veja pessoa, e nem sempre olhar é ver.

5.3. Eu fundo morreu, mas a imagem não: Imagem como tecnologia de subjetivação para a produção de modulações na concepção de sujeito e os impactos do sujeito moderno colonial na experiência com a imagem na atualidade

Hoje, o que é o Eu? E como o Eu se relaciona com a imagem? Como a concepção de sujeito é experienciada na atualidade? Que modificações aconteceram desde o momento da colonização até a contemporaneidade em relação a este conceito? Como o sujeito moderno colonial interfere na experiência com a imagem nos dias de hoje? E, ainda, o que pode acontecer nestas passagens múltiplas? Na sessão anterior foi abordado como a imagem atuou como uma tecnologia de subjetivação que participou ativamente na produção e consolidação do sujeito moderno colonial. Esta sessão segue a investigação sobre os modos pelos quais a colonialidade pauta operacionalizações em que os corpos são representados através da imagem mediante a busca pela identificação do sujeito colonial, mas agora esta análise se dá por meio de uma investigação sobre estas problemáticas na contemporaneidade digital. Aqui compreende-se que, ainda que a definição de sujeito tenha passado por diversas transformações durante os séculos que procederam a colonização, os sistemas de referência utilizados para sua formação seguem participando ativamente da experiência social mediante a experiência com as subjetividades e imagens. E, ainda, a imagem aparece como um elemento que segue interferindo na experiência com a concepção de sujeito, atuando para a produção de modulações nesta concepção, de modo que a imagem e o sujeito aparecem como

agentes que se modificam mutuamente em ritmos que se articulam e desencontram - enquanto o Eu interior se esvai paulatinamente, as imagens giram e dançam nas telas.

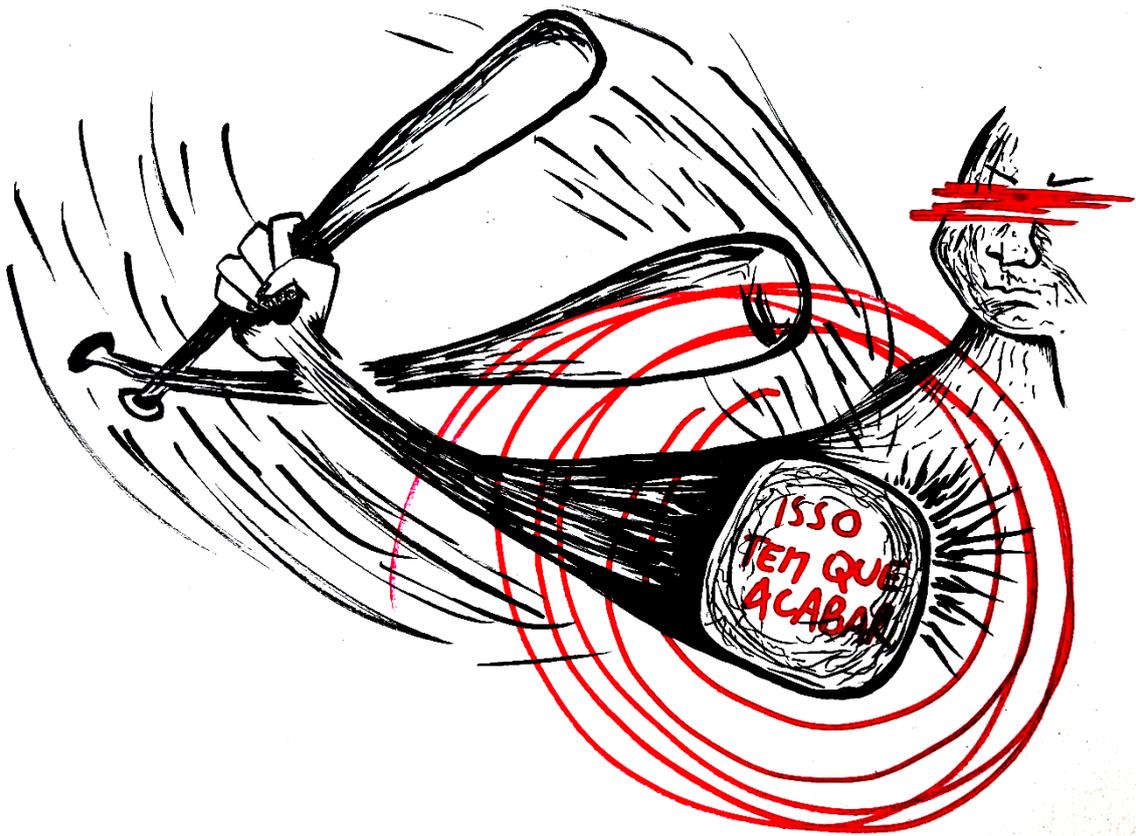
Afinal, quem morre escreve? Esta sessão aborda os enigmas das passagens. Ainda que aqui não se trate em suma da passagem vital que nos espreita, são interpeladas passagens outras, passagens do Eu, passagens entre fronteiras, ou, mais especificamente, da passagem de uma maneira de ser Eu em meio às fronteiras que viajam pelas superfícies, tendo como efeito a chegada no horizonte de imagens 3D e a morte de todos os sentidos que não sejam a visão. Através de uma exploração da passagem dos modos de experiência do Eu da modernidade até a contemporaneidade digital, neste momento é realizada uma análise que se aventura por fronteiras perigosas que atravessam fugazmente polarizações que costumavam constituir as subjetividades e as imagens: dentro/fora, público/privado, eu/outro, íntimo/exposto, transgressão/resistência, dentre outros, dão vias para uma investigação sobre como a imagem atua nestes processos, e também sobre o que fica e o que se esvai com o evento do digital em nossas vidas. São indagações com respostas em constante regeneração, e, ainda que seja difícil respondê-las com precisão quando se está em permanente passagem, é possível vislumbrar alguns caminhos.

cena VIII: o dia em que morri parte III

Estávamos no corredor, ele ia em direção ao apartamento dele, me segurando pela gola do casaco. “Pega o bastão”, ele gritava. Eu o empurrava enquanto minha namorada tentava acertar ele com o punho cerrado, mas ele não soltava. “Me solta”. Gritei isso algumas vezes, sem efeito: ele só soltou quando ela se jogou em cima dele com força, fazendo com que os dois rolassem para dentro da casa dele e caíssem no sofá, que virou de cabeça para baixo. Nesse momento eu dei uns dois ou três passos para frente, também entrando no apartamento, e paralisei. Não sabia mais o que fazer para que a situação parasse. Eles se levantaram, minha companheira tentava conter ele contra um armário, e foi quando um detalhe que havia passado despercebido por mim se fez aparente do pior jeito, e de um jeito que nunca imaginei que poderia acontecer comigo: ele estava segurando um taco de baseball, e era por isso que minha namorada tentava contê-lo. Nesse momento os gritos que ele fazia clamando por um bastão fizeram sentido. O bastão era o taco, que soube depois que nos

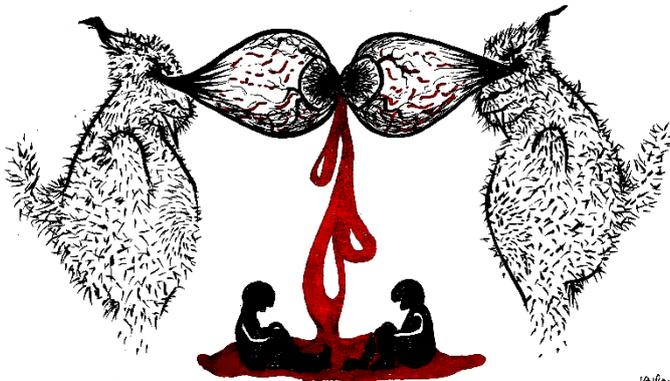
esperava no chão, logo ao lado da porta do apartamento, desde o momento em que ele veio na nossa direção no corredor. Vou contar mais sobre isso mais adiante, mas o que interessa agora é que no momento em que os gritos e o taco se conectaram, adquirindo o mesmo sentido para mim, ele estava com o corpo contido pela minha namorada, com uma mão livre, erguendo o taco no ar, e me olhando fixamente. Nesse lapso de tempo eu estava ainda parada, a cena se desdobrando em câmera lenta enquanto o taco percorria o trajeto que chegaria à minha cabeça em frações de segundo, e tudo que pude fazer foi pensar: “não acredito que vou morrer assim”. E quando o estrondo que a paulada na minha cabeça fez se esvaiu, eu morri.

- a vida é um sopro



10/10/2021

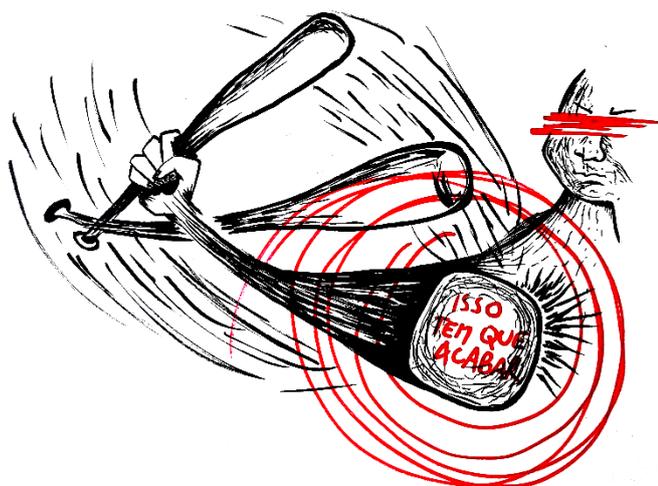
Detalhes, 2021
Nanquim e caneta sobre papel
14,8x21



Perspectiva, 2021
Nanquim e caneta sobre papel
14,8x21



Impotência 2021
Nanquim e caneta sobre papel
14,8x21



Detalhes, 2021
Nanquim e caneta sobre papel
14,8x21

Em “Somos nada mais que imagens”, Anne Sauvagnargues (2020) indica a produção de novos modos de criação e de experiência através da relação das

subjetividades com as imagens, e postula uma Ecologia das Imagens. A autora propõe uma filosofia da imagem que se aplica à subjetividade, e aponta para o sujeito enquanto algo não substancial, mas sim um modo: os sujeitos seriam passivos, tendo em vista que são produzidos pela relacionalidade, e a subjetividade seria a-personal. Sauvagnargues (2020) indica que o sujeito enquanto um efeito e não ponto de partida fundamenta perspectivas políticas decoloniais, tendo em vista que o sujeito moderno é um “constructo da cultura branca ocidental colonial” (SAUVAGNARGUES, 2020, pg.20), e o define como “efeitos de uma nuvem de relações que determina o tipo de relação que os qualifica” (SAUVAGNARGUES, 2020, p.16). Nestas relações ocorrem um efeito de contração do que nos cerca “em uma pequena nuvem que se chama singularidade” (p.17), esta que é uma passividade ativa, tendo em vista que a passividade se dá a partir da compreensão do sujeito enquanto fruto de um conjunto de relações exteriores que passa a ser ativo também quando é singular, quando deseja.

Se Sauvagnargues propõe uma Ecologia da Imagem em que a imagem é situada como um elemento ativo no exercício subjetivo, Paula Sibilia (2012) trabalha com a concepção de sujeito em relação com a imagem quando aponta para a codificação dos elementos imagéticos em relação a este na atualidade digital. A autora disserta sobre as modificações que a concepção de sujeito vem acarretando no decorrer dos últimos séculos, e refere para os modos pelos quais as instituições – escola, nação, família – participaram no exercício e fundamentação deste. Para isso, refere às sociedades disciplinares, momento intitulado por Foucault (1975) para explicar as sociedades que surgiram no século XVIII e funcionavam por meio da centralização nas instituições para a subjetivação e para o desenvolvimento social como um todo. Sibilia refere a modernidade como o momento em que há a sincronização de estilos de vida em escala planetária, em que “Milhões de corpos se mobilizaram ao compasso dos ritmos urbanos e industriais, tutelados pelos vigorosos credos da ciência, da democracia e do capitalismo, rumo a uma meta então considerada indiscutível: o progresso universal.” (SIBILIA, 2012, p.42). A autora conta como esta formação histórica começa no momento do Renascimento e tem seu auge nos séculos XIX e XX, em que determinada maneira de produção das subjetividades foi privilegiada em relação a outras, que eram “cuidadosamente” evitadas (p.43). A identificação com o ápice das instituições produziu um sujeito que nelas se apoiou para a auto compreensão e a experiência do social por meio de um estatuto da interioridade. Este processo acontece fundamentado em uma apreensão do eu e do

mundo por meio do plano da transcendência, como se houvesse um aspecto interior a ser trabalhado em relação ao qual se estava em permanente tensão.

Tendo em vista este modo de exercer as subjetividades fortemente alicerçado na relação com as instituições dos últimos séculos, a autora indica que na contemporaneidade a experiência com a concepção de sujeito passa por transformações exponenciais porque agora se fazem necessários outros corpos e subjetividades, que produzem “novos modos de ser e estar no mundo que emergem e se desenvolvem respondendo às exigências da contemporaneidade” (SIBILIA, 2012, p.47). Neste sentido, Sibilía afirma que o sujeito moderno é “bem diferente” (p.57) do que o que se apresenta em relação com o advento das biociências e das tecnologias de comunicação e informação.

O sujeito parece ser capaz de se deslocar da matriz ontogênica que o constitui em um primeiro momento, de modo que muitas possibilidades são despertadas para a apreensão sobre o que configura esta concepção perante a sociedade na atualidade. Nesta conjuntura, o sujeito pode ser apreendido como um efeito de múltiplas interações, com influências de diversos elementos. Estas questões dão vias para considerações no que tange às implicações da imagem na concepção de sujeito enquanto um elemento constituído em desdobramentos interpessoais, inclusive colocando em xeque a própria concepção de indivíduo. A imagem atua neste quadro como um elemento que agencia as subjetividades: na contemporaneidade, sujeito e imagem se encontram para distender a concepção de sujeito ontogênico e binário instaurado na colonização, especialmente no que se refere à dissolução de uma dimensão interna que o constitui.

Sibilía aponta que usos da “parafernália informática” (SIBILIA, 2012, p.51) e das telecomunicações, e também das explorações associadas à biomedicina e farmacologia, “constituem estratégias que os sujeitos contemporâneos põem em jogo para se manter à altura das novas coações socioculturais, gerando maneiras inéditas de ser e estar no mundo.” (p.51). Neste sentido, disserta sobre a emergência de estudos sobre a subjetividade na contemporaneidade que apontam para paradigmas biotecnológicos e somáticos, que, ainda que com ênfases diferentes para apreensão do Eu, acontecem simultaneamente e em relação: no primeiro são destacadas características biológicas e no segundo imagéticas para a apreensão das subjetividades. No paradigma biotecnológico, o corpo aparece como operável e recombinável, ou ainda programável, através de uma perspectiva que se fundamenta na informação biotecnológica para apreender o corpo através de estudos sobre DNA

e de uma ênfase acentuada nos processos que se referem à saúde. No paradigma somático, há um enfoque imagético para apreensão e experiência do Eu, que aparece como performativo e traduzível, ou epidérmico, se constituindo na interação. Estes modos de compreender o Eu fundamentados na imagem podem ser apreendidos como alterdirigidos, se opondo a modos introdirigidos de experienciar a subjetividade, e que agora se orientam exponencialmente pela informação visual. Conforme aponta Rodrigues (1990), estes modos podem ser considerados significantes, se alicerçando na crescente valorização da imagem e da localização do visto cada vez mais como codificável, ou, conforme o autor indica, como “signos potencializados por sua síntese científico-tecnológica através dos meios de comunicação e dos sistemas digitais de informação” (RODRÍGUEZ, 1990, p.10). Também Bezerra (2002) aponta para estes novos modos de experienciar o Eu quando aponta que se forma “uma subjetividade exteriormente centrada, avessa à experiência de conflito interno, esvaziada em sua dimensão privada idiossincrática e mergulhada numa cultura cientificista” (BEZERRA, 2002, p. 236). Para Sibilia,

Essas novidades estariam substituindo o hábito já meio vetusto de tecer secretamente a própria identidade em torno daquele núcleo etéreo que se considerava tão interior quanto essencial e que, precisamente por isso, não só era “invisível aos olhos” e mais verdadeiro que as vãs aparências, mas também se apresentava como refratário à decodificação técnica porque estava — e sempre estaria — cheio de mistérios. (SIBILIA, ANO, p. 50)

Nota-se que na modernidade o indivíduo aparece assegurado pela colonização, onde é estabelecida a primazia de determinados corpos utilizando como um dos recursos a instituição de uma hierarquia alicerçada em fatores imagéticos para se afirmar, que podem ser associados a questões biológicas. Tendo isso em vista, pode ser sugerido que os mesmos pilares epistemológicos que agenciavam exponencialmente a produção da concepção do sujeito na colonialidade se fazem presentes nos alicerces que articulam a experiência do Eu na atualidade: a imagem adquire relevância paralelamente a fatores biológicos no que tange ao gerenciamento das identidades, com o surgimento de bioidentidades e personalidades alterdirigidas (SIBILIA, 2012), de modo que aspectos visuais e biologizantes seguem atuando na apreensão da experiência. Ainda que com relevantes discontinuidades a modernidade e a atualidade, tendo em vista que antes estes elementos apareciam com efeitos de legitimação entre si, e agora se descolam, a imagem e a biologia aparecem como referenciais para atuar na produção de modos variados de exercício

da subjetividade, assim como nas transformações significativas para apreensão do que configura o sujeito.

No que se refere pontualmente à experiência com a imagem na atualidade digital, esta aparece como um fator que participa no processo de dissolução da apreensão de uma interioridade voltada para a alma ou psique para explicar este Eu, que, conforme vimos, agora pode ser elaborado em grande medida mediante a codificação interativa de fatores estéticos em um sistema alterdirigido. A interioridade pode se dissolver em conjunção com a ontogenia, e os modos de apreensão da concepção de sujeito que atuavam como inquestionáveis muitas vezes passam a ser percebidos de maneiras inusitadas. O sujeito moderno colonial se fragmenta em conjunção com a imagem, que na contemporaneidade é atravessada por -assim como atravessa- tecnologias digitais de informação e comunicação que estimulam a interação com o outro para constituir a si utilizando como uma das práticas a éxtimidade¹¹, expondo nas redes para quem quiser ver o que antes seria considerado impróprio ou desconfortável de mostrar a outrem. De todas formas, a produção e experiência com a concepção do sujeito e as diferentes modulações que este vem apresentando aparece em relação com a imagem, que atua como uma tecnologia de subjetivação entre outras para seu desenvolvimento e transformação.

Tendo em vista que aqui postula-se que as severas transformações pelas quais a concepção de sujeito vem passando acontecem em relação com a imagem, também são investigados os elementos que agenciam a ambos com efeitos de opressões estruturais que vêm se rearticulando desde o momento da colonização. No contexto da pesquisa, os modos alterdirigidos aparecem agenciados também mediante a atualização da operacionalização de sistemas de referência postos na colonização, de modo que a hierarquização de humanidades postulada por este sistema muitas vezes segue determinando os modos como vemos uns aos outros: as matrizes de dominação nas quais o sujeito moderno colonial se edifica continuam participando da experiência social.

Este movimento que atua no gerenciamento de estereótipos para a categorização das pessoas ressoa na contemporaneidade pode ser elaborado por

¹¹ Éxtimidade é um conceito que aborda a questão da intimidade na contemporaneidade. Conforme aponta Sibilia (2008), autora que cunhou o conceito, a éxtimidade consiste na exposição deliberada do que antes seria considerado passível de ser escondido. O conceito aponta para a busca frenética por aparecer. Na atualidade digital, não só a casa e relações são expostos, mas também confissões e desabafos podem ser encontrados nas plataformas sociais.

meio do conceito de imagens de controle¹² de Patricia Hill Collins (1990), tendo em vista que este aparece como um elemento interessante no que se refere a questões que seguem atuando na experiência com o sujeito na contemporaneidade. A importância deste conceito para a pesquisa acontece porque este investiga um sistema de dominação perante as mulheres negras fundamentado na produção de estereótipos que reificam matrizes de dominação, que aqui aparecem relacionados aos modos pelos quais a concepção colonialista de que existe um sujeito de direito se mantém e rearticula. Em Collins, estes estereótipos podem assumir diferentes formas, produzindo e disseminando perspectivas sociais frente aos corpos das mulheres negras como uma estratégia de manutenção de sistemas de opressão edificados por lógicas eurocêntricas, fundamentalmente brancas e masculinas.

A noção de imagens de controle é construída por meio de uma análise da experiência social das mulheres negras, e no contexto da pesquisa aparece como um elemento crucial para agenciar a caracterização da imagem como tecnologia porque evidencia o caráter de historicidade no que tange à constituição de perspectivas frente ao social através de uma matriz colonizadora. O âmbito representativo das imagens de controle é produtor de violências de incontáveis maneiras, dentre elas porque sua reprodução acontece através da presunção de neutralidade, o que acarreta na naturalização social das opressões e em sofrimento. Para Winnie Bueno (2019),

As imagens de controle aplicadas às mulheres negras são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir das categorias de raça e sexualidades, sendo manipulados para conferirem às inequidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade. Isso se dá porque as imagens de controle estão articuladas no interior da histórica matriz de dominação que caracteriza a dinâmica intersectada na qual as opressões se manifestam. (BUENO, 2019, p.69)

Além do seu caráter de denúncia, o conceito de imagens de controle se faz importante neste contexto porque traz consigo uma carga imagética expoente, o que pode ser exemplificado pelos estereótipos mammy e jezebel¹³. Estes estereótipos são inferidos diariamente nos corpos das mulheres negras por meio da identificação do seu gênero e raça/cor, dentre outros fatores como classe social ou idade, e, conforme será analisado na próxima sessão, sugerimos que podem se manifestar mais ou menos inclusive de acordo com a situação na qual a inferência acontece. Além disso,

¹² Controlling images é o termo original cunhado por Patricia Hill Collins, traduzido para imagens de controle por Winnie Bueno a partir de conversa entre as autoras.

¹³ Conforme aponta Hill Collins, a mammy pode ser associada ao estereótipo da empregada doméstica que cuida dos filhos de famílias brancas, e jezebel à hipersexualização e promiscuidade.

podem ser rapidamente associados a uma imagem referencial na ordem da imaginação, e estão representados de diversas e incontáveis maneiras na história das artes. De todas estas maneiras, a imagem aparece como um fator crucial para a manutenção destes estereótipos.

A inseparabilidade das imagens de controle com sua dimensão histórica se relaciona com a imagem como tecnologia proposta pela pesquisa na medida em que possibilita a localização do aprisionamento pela imagem como efeito de uma matriz de dominação social com impactos no presente através das imagens. Através deste conceito também o âmbito da expressão pode ser agenciado através da possibilidade da redefinição dos estereótipos, dando vias para a transformação do tecido social. Conforme será elaborado na próxima sessão, este movimento para Collins (1986) pode acontecer através da autodefinição, que consiste na negação destas imposições e no agenciamento de sistemas de referência pessoais que possibilitam a articulação entre estas mulheres e enfraquecem a reprodução das imagens de controle (COLLINS, 1986). No contexto da pesquisa, interessa como esta produção de autonomia pode acontecer por meio do exercício da imagem, possibilitando transformações nos modos de agenciamento da relação entre as imagens e os estereótipos: estes elementos aparecem para a pesquisa como indissociáveis, e aqui aposta-se na capacidade de agenciamento do sensível que a imagem pode acarretar. O caráter de historicidade das imagens de controle é importante porque mostra como as opressões são historicamente constituídas, simultaneamente às perspectivas para a produção de transformações sociopolíticas que podem acontecer quando é viável o reconhecimento das matrizes históricas de violência que constituem nossa experiência com a imagem.

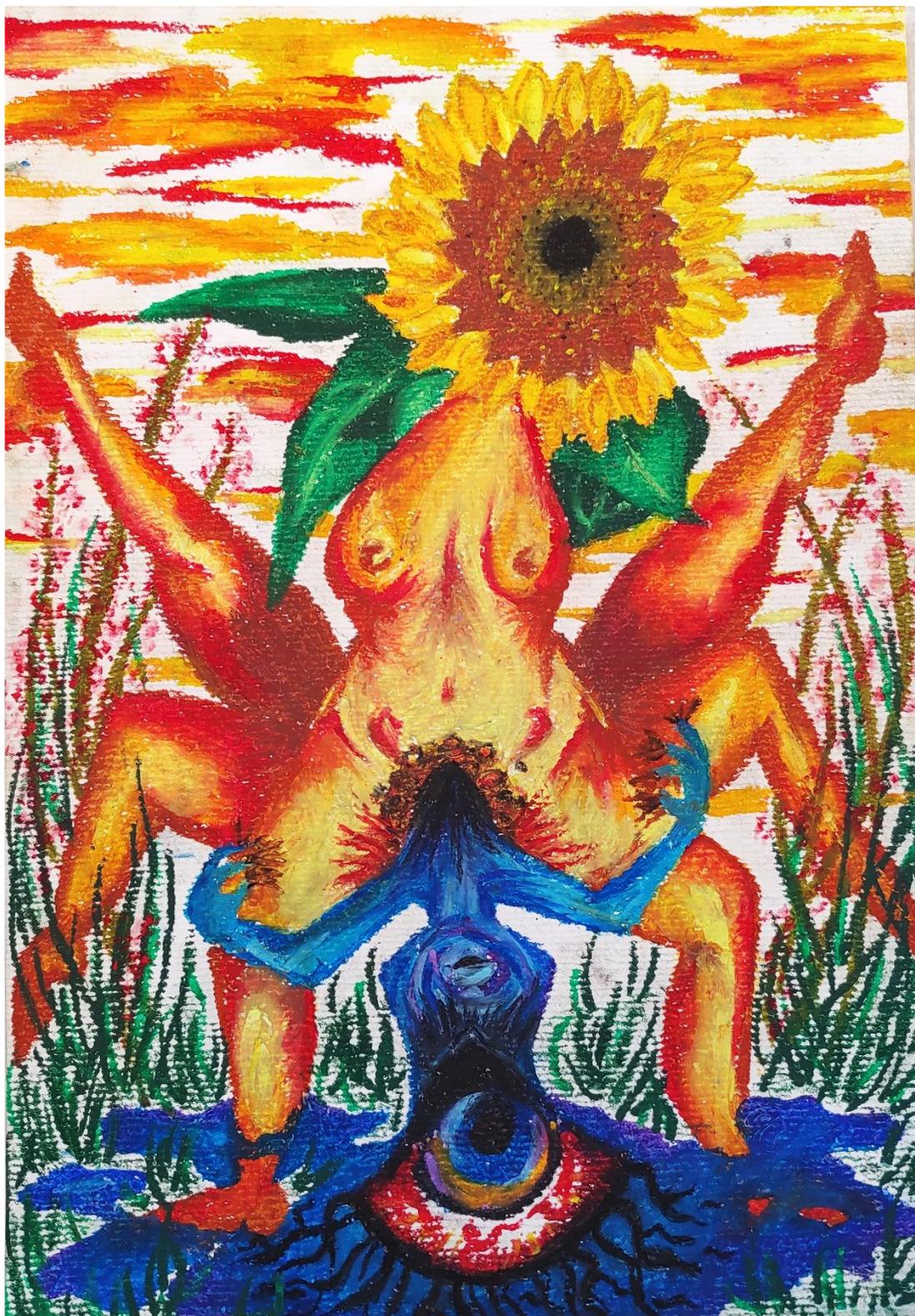
cena IX: três semanas depois do dia em que morri

A carne viva não precisa ser escatológica. Algumas pessoas ficam agoniadas ao ver sangue, seja por imaginar a ferida no seu corpo, seja por sentir nojo. Sobre a minha experiência, já senti essas coisas também, mas quando me deparava com machucados superficiais muitas vezes o desconforto passava longe. Para ser sincera, por vezes a carne viva me chegava quase como poesia, quase que bonita: me parecia crua e sensível. Muitas vezes me machuquei e ao me deparar com o vermelho vívido

percebi o quão viva estava. Foi diferente do caso da agressão, quando minha carne viva não gerou nada que se aproximasse da poesia. Primeiramente produziu em mim um afastamento expoente da dor no corpo para poder ser prática o suficiente com o fim de sair da situação em que me encontrava, e, desde então, me provoca revolta: o sangue que escorria, sangue do meu corpo, a urgência da minha vida, se chocava com um ar putrefato envolvido por uma violência torpe, que de tão pequena me matou. Às vezes queria perguntar: “porque eu? Qual o tamanho do risco que tu corria para correr o risco de matar outra pessoa? A violência pode matar, e tu sabe disso agora mais do que nunca. Tu não tinha esse direito”. Sinto vontade de falar uns palavrões também, porque às vezes ainda sinto raiva. Ainda sem obter essas respostas, o que sei, e gostaria muito de não saber, é que meu estômago está embrulhado desde então. O que aconteceu me desce com gosto amargo, de maneira abrupta, invasiva, como se minha ferida aberta fosse contaminada por uma espécie de raiva purulenta despejada no meu corpo inteiro, impregnando cada um dos meus poros com a brutalidade fétida a qual fui acometida. Esse gosto que ficou desde então me gera ansiedade e um grande ponto de interrogação que entala na minha garganta toda vez que penso nisso. Eu estava no lugar errado, na hora errada, e isso provocou minha morte. Esse gosto que não sai... Me pergunto se o agressor sente na boca também esse gosto sórdido, pouco, que ele vomitou em mim, como algo que apodreceu e permanece ali pelo cheiro que exala. Me pergunto se ele também fica em carne viva quando pensa nisso. Me pergunto sobre a possibilidade de a minha imagem e da minha companheira naquela situação ter influenciado o ataque e a estratégia que ele usou – o que move uma violência tão grande? Um dia ruim? O barulho das vizinhas da frente? Será que ele faria isso se não soubesse que éramos um casal? Será que ele faria isso com duas meninas cisgêneras heterossexuais? Será que ele faria isso com um casal cisgênero heterossexual? Ou será que nossa imagem naquele momento bastaria? E assim vou tentando, pelas beiradas, dia sim, dia não, espremer o pus que contaminou a ferida. Minha namorada é negra não retinta. Ela não performa a feminilidade, e naquele dia não foi diferente. Eu estava performando a feminilidade, com uma saia e uma blusa com decote – o que é performar a feminilidade mesmo? Emboraoubéssemos dentro do estereótipo lésbicas, assim como as vizinhas, e tendo em vista que medimos praticamente a mesma altura (por volta do 1,50cm), às vezes chego à conclusão de que possa ter acontecido uma inferência assim: minha namorada sapatão e lésbica, e eu mulher e lésbica. Ainda que possa parecer uma redundância afirmar que uma mulher é lésbica ou sapatão, as opressões mobilizadas

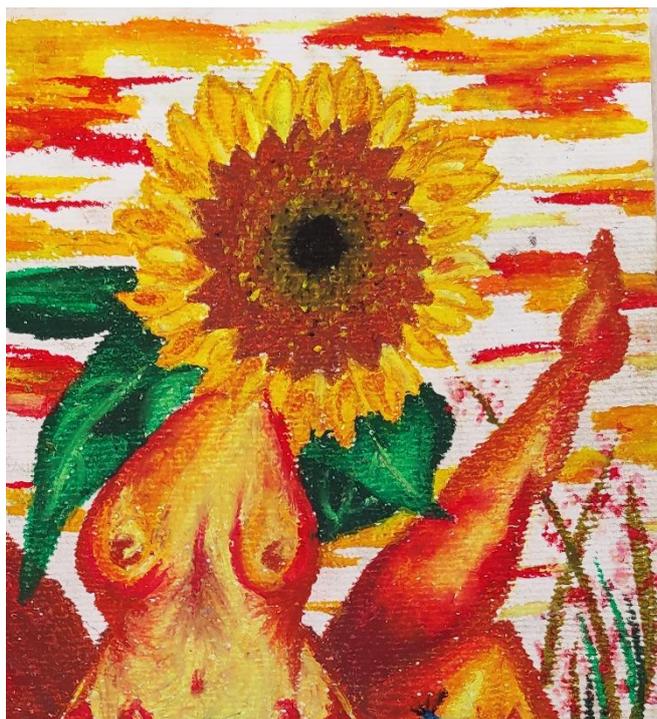
não são da mesma natureza porque os estereótipos diferem bastante: mulheres femininas costumam ser lidas como frágeis, e lésbicas caminhão como violentas, seja pela associação com o masculino ou pela crença de que elas odeiam os homens. E aí adentramos no escatológico das coisas pequenas. Não de tamanho, nem de rasas, mas da reprodução continuada e pré-pronta de determinado comportamento frente à diferença que muitas vezes converge no desfavor de devolver para o mundo ódio e discriminação quando se poderia produzir transformações para melhor. Fico me perguntando o quanto os estereótipos que estavam em jogo podem ter influenciado no acontecimento de eu ter sido o foco da agressão: desde que fui ao encontro da briga, ele não deixou de me olhar, descomedido e compenetrado. Imagino que posso ter sido lida como o elo frágil, e assim talvez mais fácil de nocautear, mas provavelmente não vou saber com certeza o que fez com que ele me escolhesse. Interrogação que não desce. Não sei o quanto me fazer essas perguntas produz no meu dia alguma coisa além de me sentir envolta por um monte de excremento de todos os participantes desta situação que, talvez por não saber que sal grosso é antisséptico caseiro e que dá para olhar para a diferença sem virar infecção, acabaram por sentenciar meu fim assim - escatológico. Estereótipos podem ser perigosos de muitas maneiras, e ainda estou tentando descobrir estratégias para limpar a ferida para que ela possa cicatrizar. Meu corpo vale mais do que essa água suja.

- dizem que do adubo nasce flor

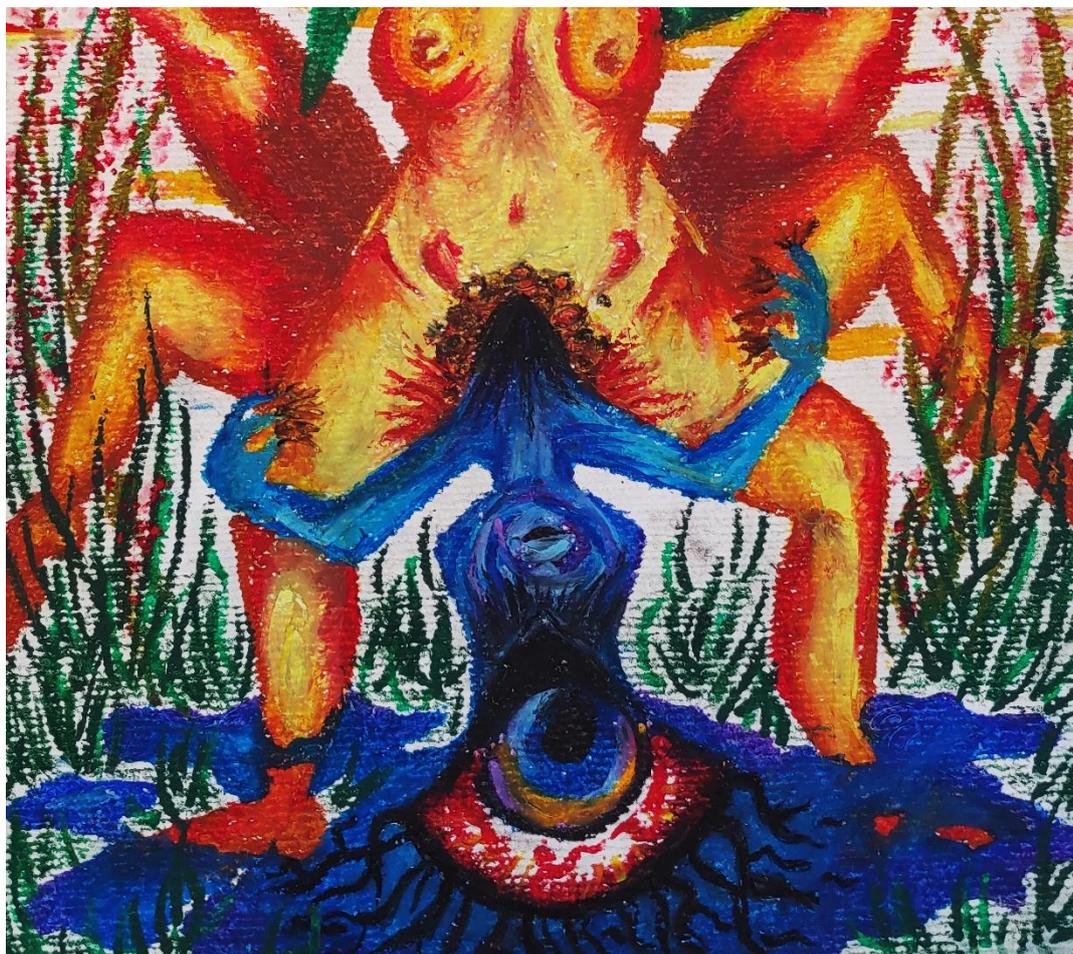


Como se tornar um girassol, 2021
Pastel oleoso sobre papel
21x29,7

Como se tornar um girassol II, 2021
Pastel oleoso sobre papel
21x29,7



Como se tornar um girassol III, 2021
Pastel oleoso sobre papel
21x29,7



A imagem acompanha as mudanças que o sujeito vem apresentando no que se refere à distensão, fragmentação e transfiguração do mesmo. Em paralelo, segue

atuando em relação com estruturas de opressão fundadas na colonização, que continuam separando e categorizando as pessoas com efeitos de sofrimento, como por exemplo acontece com o racismo, a misoginia e a cisheteronorma. As imagens têm efeitos violentos no presente e se encontram atravessadas por relações de poder, aparecendo como geradoras de risco e vulnerabilidade social.

A subjetividade é atravessada pelas imagens, e por isso este trabalho visa ampliar as fronteiras destas a partir de outra lógica de produção pautada na compreensão de que todos os corpos podem ser afetados de infindáveis maneiras, sempre tendo em vista os atravessamentos dos discursos colonizador, racista, homofóbico e transfóbico neste afetar-se: o sensível é atravessado pela experiência vivida, possibilidades e perspectivas que se constituem em relação com estas opressões estruturais, mas que podem co-criar novos modos de relação com a diferença. Será que o sujeito fragmentado é capaz de fragmentar suas matrizes de representação?

5.4. Liquidez: como ser sujeito de outras maneiras através da imagem

Quantas identidades cabem em uma pirâmide? Se as identidades se transfiguram, a pirâmide deixa de ser pirâmide? Como fazer com que o aspecto fictício da norma ganhe visibilidade? O que são possibilidades dissidentes frente à matriz colonialista? Os sistemas de referência coloniais estão enfraquecendo? Como a imagem se articula com a identidade? A imagem pode ser uma ferramenta para o desmantelamento dos modos como as identidades atuam em consonância com lógicas colonialistas? Esta sessão objetiva investigar como a imagem pode participar da construção de sistemas de referência estético-políticos alicerçados na diferença que acontecem no contato relacional dos corpos, agenciando identidades múltiplas como estratégia de resistência. Neste escopo, o objetivo desta sessão não é o embate com toda e qualquer categoria, as possíveis estratégias de resistência frente à opressão não passando necessariamente por sublimar as nomeações pelas quais compreendemos as identidades na atualidade: aqui se intenciona a aproximação de modos de experienciar as identidades que se distanciem da valoração de humanidades instituída pelo sujeito moderno colonial, que em diversos contextos segue agenciando a experiência social muitas vezes com efeitos de sofrimento para muitas pessoas, e se apresenta como apenas uma das maneiras possíveis de se

relacionar com as identidades postuladas pela colonização. A afirmação de identidades marginalizadas aparece como uma estratégia de resistência frente às hierarquias eurocentradas de classificação dos corpos e a consequente manutenção de privilégios para determinados grupos em detrimento de outros. Estas são de suma importância para o tensionamento das normatividades. Tendo isso em vista, objetiva-se a distensão das identidades, tanto no sentido de vislumbrar a multiplicação das possibilidades de identificação, quanto no sentido de produção de autonomia em relação aos significados depositados nas identidades que já estão postas. Neste escopo, aqui aposta-se na imagem como um elemento estratégico que pode atuar em relação com esta fragmentação dos modos de operacionalização das identidades, assim como das identidades mesmas, estes movimentos aparecendo em interrelação, com o fim de colocar em risco as definições eurocentradas sobre os corpos possíveis e impossíveis.

A afirmação da identidade social acontece no decorrer da história: é uma luta coletiva que afirma um passado, presente e futuro. Assim acontece com o movimento antirracista, feminista, LGBTQIAP+, entre outros. Se, conforme vimos, as opressões que estes movimentos afrontam podem ser articuladas com uma matriz colonialista que utilizou a imagem como uma tecnologia de subjetivação para se constituir, aqui estes movimentos também podem fazer da imagem um meio para se afirmar e tensionar estruturas de dominação. Este uso da imagem se encontra na contemporaneidade em uma localização complexa: ao mesmo tempo em que pode afirmar identidades que se constituíram como relevantes na sistematização globalizada que configura a localização social dos corpos por meio da economia política instaurada na colonização, também pauta outros modos de apreensão e experiência destas identidades. Estes modos dissidentes podem acontecer em muitos tempos, desde um resgate de epistemologias e práticas de um passado em que o sistema-mundo-moderno-colonial não participava da experiência social, até um presente de luta e o vislumbrar de futuros mais equânimes de diversas formas. Cada movimento de resistência relacionado a questões identitárias difere entre si, assim como estes assumem variadas vertentes internas. Atentando a essas questões, mas não se debruçando sobre as múltiplas correntes de cada luta, aqui o objetivo é indicar como a imagem vem atuando em relação com possibilidades dissidentes no que se refere à matriz colonialista, as nomeações na contemporaneidade se encontrando com a imagem para produzir práticas de resistência. Neste escopo, a identidade aparece na forma de símbolos coletivos, e a imagem como a experimentação da

localização singular e social dos corpos em relação com o sistema de identidades, de modo que as possibilidades dissidentes que surgem são variadas: fortalecimento de coletivos; tensionamento das matrizes de dominação que muitas vezes gerenciam processos de identificação; fragmentação e multiplicação das categorias de referência postas na colonização; produção de referências pessoais com maior autonomia, dentre outras configurações que irrompem na relação das imagens com as identidades.

Em “Para além do fato e da ficção: Na materialidade da raça na prática”, Amade M'charek (2010) aborda uma perspectiva semiótica materialista para questionar a separação entre o social e o biológico para compreender a raça. A autora disserta sobre como esta pode ser compreendida por meio das categorias fato e ficção, íterim no qual esta categoria se encontra: os fatos não são dados ou descobertas, mas construções da realidade que acontecem por meio da assimilação de elementos heterogêneos. Esta caracterização permite que a autora situe os fatos e as ficções como feitas dos mesmos conteúdos, a ficção aparecendo como o que performa a realidade para promover o sentido dos fatos. A ficção também sai do lugar desprivilegiado em relação aos fatos, tendo em vista que ambos fazem parte do mesmo sistema de compreensão. Nesta análise, a autora traz alguns exemplos que elucidam como a raça se constitui de maneira relacional, podendo ser definida contextualmente de acordo com a cor da pele, características físicas ou identidade nacional. M'Charek ainda aponta que a raça adquire uma dimensão aparentemente factual quando associada a questões biologizantes e imagéticas, como por exemplo quando relacionada à cor da pele e o fenótipo, que se alicerça em fatores como o DNA para situar a diferença. Em um dos exemplos, a autora mostra como um cachecol fez com que seu cabelo parecesse mais curto, dando vias para a percepção de outrem sobre ela como um homem muçulmano: a raça não pode ser compreendida somente de acordo com um marcador social, mas de acordo com uma série de arranjos de diferença, aparecendo como uma configuração relacional que adquire relevância de acordo com o contexto no qual é agenciada. Para a autora, a diferença aparece como uma variável que pode ser adicionada ou subtraída dos corpos para dar forma a novos objetos, sendo promulgada em situações de tensionamento.

cena X: dezoito anos antes do dia em que morri e desde então

Ser vista. Me pergunto como as pessoas me enxergam. Me pergunto como tu me enxergaria caso nos cruzássemos na rua. Penso a imagem como um lapso, composto por uma série de muitos outros, que se ajuntam com efeitos de solidificação e/ou escape. Às vezes a imagem acontece na sutileza, na percepção tácita e silenciosa, no olhar que reage pré-definido. O que vês? “Estranha”. Uma pessoa na rua me disse isso quando eu estava entrando na pré-adolescência, e a marca deixada por essa palavra segue tendo efeitos em mim, ainda que nesse tempo que passou tenha adquirido diversas formas. O que mais me confunde é que esse olhar que chega em mim me intitulado como estranha acontece de acordo com a imagem que performo, no ano, no mês, no dia, na hora. Cabelo comprido, camisa, vestido, blusinha, careca, camiseta, bermuda, short, rímel, e outras variadas formas que minha estética adquire, determina muitas vezes se vou ser naquele momento uma mulher heterossexual, uma mulher lésbica, um menino (ainda não sei se sou lida como um menino trans ou cis quando me chamam no masculino), uma mulher bissexual, uma pessoa não-binária (embora em um geral esse seja mais raro), e outras possibilidades que determinam se em um geral vou ser lida sui generis: estranha. Minha estranheza é atravessada pela contingência: os riscos que corro são incertos, marcados pela peculiaridade da situação de um agora que pode me devolver um sorriso ou um baque. Tendo isso em vista, ocorre que ainda não sei o tamanho do risco que corro quando penso na iminência da estranha que me habita, porque às vezes ela só quer sair, mas não quer tanto ser vista.

- lapso estranha



Sui generis, 2021
Técnica mista
14,8x21



Sui generis II, 2021
Técnica mista
14,8x21



Sui generis III, 2021
Técnica mista
14,8x21

A imagem é articulada na pesquisa como um elemento que articula a “ficção factual” não só da raça, mas também da identidade de gênero e orientação sexual. De acordo com a situação, podem ser geradas diferentes perspectivas frente a estas identidades, que aparecem como ficções muito palpáveis - menos pelas biologias e mais porque têm efeitos nos corpos, cotidianos e histórias de vida. Neste sentido, a imagem agencia sistemas de inteligibilidade de acordo com as situações nas quais se encontra, e isso ocorre aquém e além destes sistemas por meio do exercício do sensível que a imagem pode despertar em quem se depara com ela - a imagem aparece.

Se para a pesquisa a imagem é composta de margens transversais compostas por diversas localizações sociais, a perspectiva interseccional configura um modo pertinente para o debate sobre como a imagem se articula com as identidades. Crenshaw (1991) realiza uma análise interseccional para analisar as dimensões de raça e gênero na experiência social das mulheres não-brancas e demonstra como a separação destas categorias para apreender a opressão deixa a desejar em variados aspectos. Dentre eles, a autora cita como tal separação marginaliza as mulheres não-brancas, tanto no movimento feminista, quanto no movimento antirracista. Também indica que compreender as categorias identitárias somente em seu aspecto de violência e a busca pelo esvaziamento de qualquer significação social em relação a estas é um posicionamento equivocado, tendo em vista que a diferença não precisa estar fundamentada na dominação. A diferença aparece neste contexto como um conceito que pode se fundamentar em diversas características, como o empoderamento social e a reconstrução. Crenshaw indica a importância de uma política identitária interseccional, e afirma que ainda que o processo de categorização seja um exercício de poder, a história aparece como mais complexa que isso, tendo em vista que,

Primeiro, o processo de categorização — ou, em termos de identidade, nomeação — não é unilateral. Pessoas subordinadas podem e participam, às vezes até subvertam o processo de nomeação de maneira empoderadora. Basta pensar na subversão histórica da categoria “negro” ou na transformação atual de “queer” para entender que a categorização não é uma via unidirecional. Claramente, há um poder desigual, mas existe, no entanto, algum grau de agência que as pessoas podem e exercem na política de nomeação. E é importante notar que a identidade continua a ser um local de resistência para membros de diferentes grupos subordinados. (CRENSHAW, 1991, p.1297, tradução Geledés)

Crenshaw aponta que ainda que as categorias identitárias sejam constructos sociais, não significa que estas não tenham significado na experiência do mundo, e

aponta para duas dimensões do poder: a primeira é o seu exercício por meio do processo de categorização em si, e o segundo é como este adquire consequências sociais e materiais. A autora afirma que é possível desafiar um sobre o outro, e que este movimento é politicamente importante, “Podemos analisar os debates sobre a subordinação racial ao longo da história e ver que, em cada caso, houve a possibilidade de desafiar a construção da identidade ou o sistema de subordinação com base nessa identidade.” (CREENSHAW, 1991, p.1297, tradução Geledés).

Neste sentido, pode-se afirmar que, se as categorias identitárias firmadas na colonização são ficções com efeitos no corpo, a ficção que conta a identidade como um efeito somente da dominação, ou da violência sem resistência, ignora a agência de muitos corpos na vivência das identidades. Conforme abordado anteriormente, Collins (1986) aponta para possibilidades de resistência relacionadas a modos de tensionamento frente a estereótipos que participam de engrenagens de opressão, e sugere pelo menos dois movimentos: a autoavaliação e autodefinição. No primeiro são questionados os processos de validação do conhecimento que resulta nas imagens de controle supracitadas, e no segundo são elaborados os conteúdos que definem o que é ser uma mulher negra, substituindo definições externa e compulsoriamente colocadas sobre os corpos das mulheres negras por autodefinições autênticas. A imagem aparece como uma ferramenta para afirmação da resistência na conjuntura identitária, tendo em vista que mediante fatores estéticos se faz possível afirmar a identidade, em um movimento expressivo que parte de si e chega aos olhos dos outros, podendo ter efeitos de maior autonomia e valoração pessoal.

A passagem do tempo nos corpos acontece por meio da historicidade e das contingências, sendo que as situações da história não podem acontecer de outra maneira no tempo em que ocorreram, mas podem ser avaliadas de formas diferentes no agora, modificando a perspectiva sobre estas, e tensionando o que é apreendido por fato. Além disso, o agora pode ser experienciado de muitas formas de acordo com a situação em que acontece. Neste sentido, a afirmação de identidades dispostas, e também a invenção de outras a partir destas, pode fazer com que as categorias colonialistas se ressignifiquem e multipliquem, dando vias para a implosão dos moldes que frequentemente operacionalizam os sistemas de referência de acordo com este sistema por meio do esvaziamento das nomeações que estão no topo da pirâmide colonial: branquitude, masculinidade, heterossexualidade, cisgeneridade. Esta questão pode ser avaliada na atualidade por meio da identificação crescente de pessoas negras não retintas com a categoria de negritude por meio do colorismo, que

entende que pessoas negras podem ter diferentes matizes de cores. Também pode ser evidenciada a retomada de identidades ameríndias, algumas postas como não mais existentes, por pessoas que assumem sua ancestralidade e experiência do presente a partir delas e se assumem como integrantes de populações originárias. No âmbito da orientação de gênero, cada vez mais surgem identidades não pautadas no par binário cisgênero homem-mulher, dentre elas estão as pessoas transsexuais binárias, travestis, não binárias, transmasculinos, gênero fluido, andrógenos, bicha, e outras muitas em constante processo de criação e transformação. As sexualidades também se multiplicam: homossexuais, assexuais, pansexuais, bissexuais, dentre outros, também podem mostrar como a fragmentação e afirmação de identidades possíveis destitui o caráter fundamental de parâmetros colonialistas. Estes movimentos se dão a nível global, e atuam em relação com a imagem cotidianamente. Agora a norma que vê imagem ainda pode não ver pessoa, mas a desvalorização não é mais tão certa assim: se o que era visto reiterava uma identidade, agora o que se enxerga pode deixar uma grande questão – quem estou vendo?

Neste escopo, a imagem que não pode ser sujeito de acordo com perspectivas colonialistas possibilita novas maneiras de exercício da própria categoria sujeito, muitas vezes mediante o acionamento da ambivalência e multiplicidade: perguntar o pronome das pessoas cada vez mais se torna uma questão política, e a autodefinição da raça/cor é uma prática que adquire cada vez mais relevância social. A questão da ambivalência e multiplicidade pode ser elaborada através do texto “La conciencia de la mestiza”, Gloria Anzaldua (2005) sugere que a mestiza é uma consciência inerente às fronteiras, que habita um estado de permanente transfiguração, de países, raça, língua. A mestiza aparece como uma mescla de identidades sobrepostas, misturadas, que dá vias para o surgimento desta identidade que afronta os binarismos e se constitui no encontro. A autora aponta que o posicionamento contrário, ou o “contrapositionamento” (p.705), ainda que tensione as matrizes de dominação patriarcais e brancas, não é “um meio de vida” (ANZALDUA, 2005, p.705). A mestiza tem a capacidade de tolerar ambiguidades, e se constitui no definir-se de acordo com posicionamentos com uma consciência pessoal que questiona os modos pelos quais a compreendem. Anzaldua escreve,

O trabalho da consciência *mestiza* é o de desmontar a dualidade sujeitoobjeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida. A resposta para o problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, reside na cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de

nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos. Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra. (ANZALDUA, 2005, p.707)

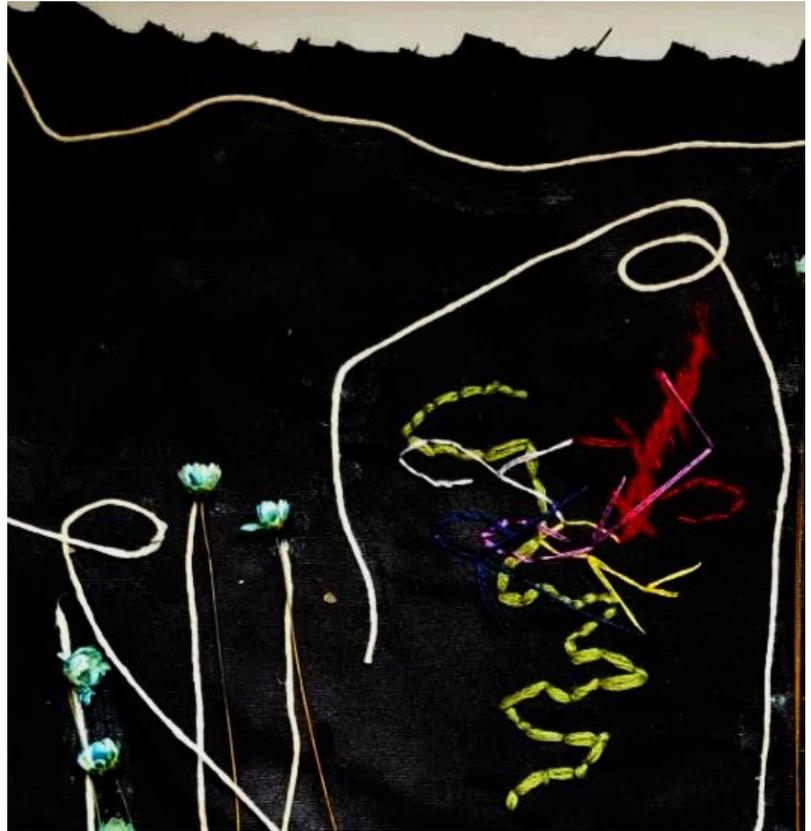
cena XI: dois meses depois do dia em que morri

Juntar os cacos. Coloca linha na agulha, passa de um lado para o outro, finaliza com um nó, corta a linha. Pronto. Remendar o corte, o corpo, as sensações, reflexões. Me remendar. Várias vezes, de maneiras diferentes, mas desse jeito: de um lado para outro, nó. Nó sobre nó, e sobre nó, e torcer para não abrir de novo, porque pode pingar sangue e aí vou ter que começar do início. Será que tem como começar do início? O tempo passa enquanto me bordo inteira, de um lado para outros. Lados para lá e para cá, diagonal também - labirinto de mim que começa no fim. O que morre na morte? Saber que vai morrer? A vida de antes? A direção da linha? E, ainda, o que vive? Camadas sobrepostas e às vezes parece que não foi comigo. E aí sigo para lá, para cá, diagonal, e para baixo. Me deparo com muitas de mim, com marcas afetivas e reflexivas. Diagonal de novo e me vejo um espantalho todo remendado por uma sucessão de olhares que captei, que direcionei, para mim, para e com outras/os/es. Gosto do que vejo, e penso que os passarinhos gostam de mim,

- costura



Nó sobre nó, 2021
Técnica mista
21x29,7



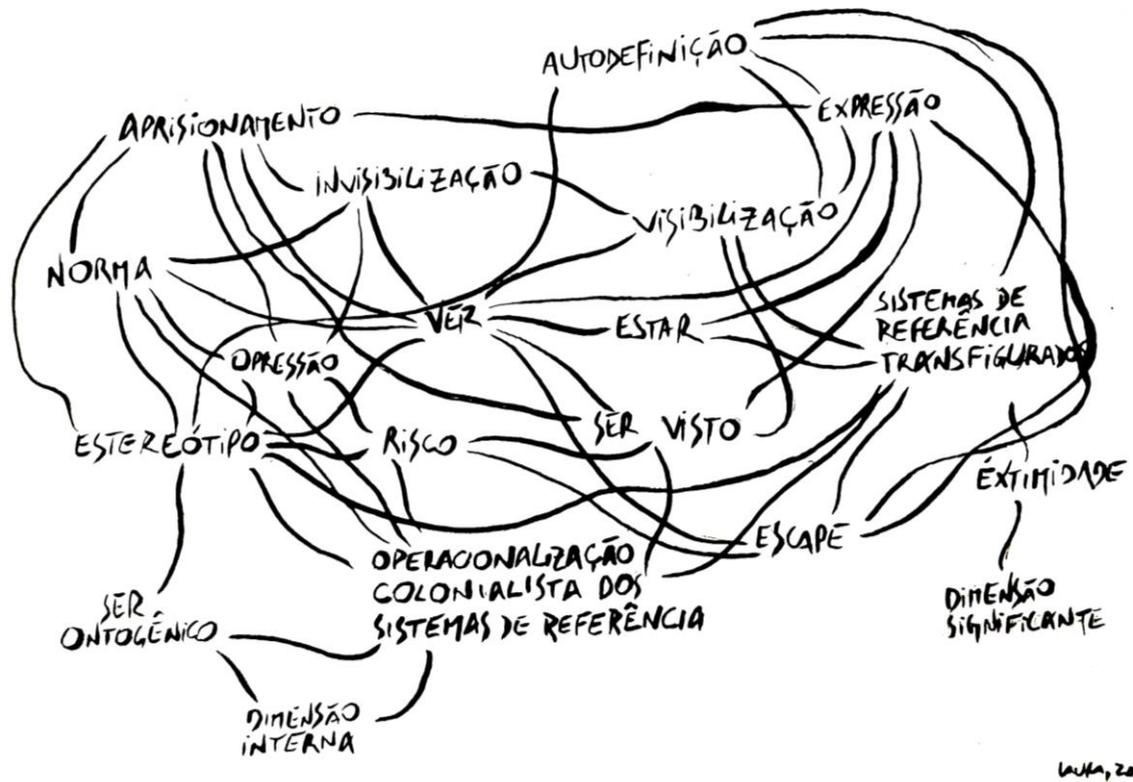
Nó sobre nó II, 2021
Técnica mista
21x29,7



Nó sobre nó III, 2021
Técnica mista
21x29,7

De acordo com o que vimos até agora, as margens da imagem propostas pela pesquisa podem ser elaboradas da seguinte maneira:

Diagrama 2 – Hidrografia da imagem I



Fonte: a autora (2021)

A localização, afirmação, fragmentação, sobreposição, dentre outras possibilidades múltiplas que podem produzir tensionamentos na operacionalização colonialista das categorias identitárias possibilita não só a abertura para a criação de outras possibilidades de existência e resistência, mas também para o reconhecimento e valoração autônoma de existências histórica e epistemologicamente apagadas a partir de perspectivas não eurocentradas em escalas cada vez maiores. Neste sentido, a reconfiguração das identidades pode se encontrar com a reconfiguração dos conceitos mesmo: sujeito, identidade e representação podem se transformar em conjunção com a imagem, o visto e o não visto se enredando em ficções factuais que se transfiguram porque são experiência no encontro com os corpos.

cena XII: cinco meses depois do dia em que morri

o buraco é mais embaixo. Sobre regimes de visibilidade: violência. A questão da imagem é relevante porque pode produzir violência, e muitas vezes de um jeito silencioso. O que mostro? Variadas coisas. O que vê? Não tens direito à concessão sobre meu corpo

tá bem ali. Ali! Ali embaixo. A privação de autonomia não é ingênua - ela deixa de ser ingênua quando adquire uma forma bem específica, e até mesmo visual. ela pode ser um pé, e isso é muito sério. Pé que pode estruturar o corpo, pé que pisa, pé que chuta. Em pequena e grande escala, a concessão sobre outro corpo é estrutural e violenta. Por onde tu andas? Teus pés pisam ou dão passagem? Esperneiam ou caminham ao lado? A gente bem sabe que dá pra gritar e correr ao mesmo tempo e teu tempo já foi então se eu fosse tu ou corria mais rápido ou aprendia alguma coisa porque tem muita gente querendo dar uns bicos na tirania

vou caminhar bem devagar, degustando o caminho e sentindo o cheiro de mato, até chegar no lugar perfeito. Nesse momento vou cavar um buraco, mas não vai caber um corpo porque vai ser bem pequenininho, vai ser pequeno e úmido, e ali com os pés na terra eu vou plantar uma semente de alecrim ou de diferença e fazer um feitiço

violência é fácil, quero ver semear novos caminhos de respeito e equidade assumindo responsabilidades. De passo a passo, pé em pé, semente semeada, horizontes possíveis são desenhados na altura dos olhares que se encontram

- não passarão.



Caminhos, 2020
Aquarela e acrílica sobre papel
29,7x42



Caminhos II, 2020
Aquarela e acrílica sobre papel
29,7x42

6. Estuário e vida: Corpo

Nesta sessão, a imagem segue aparecendo como apta a agenciar relações sociais como uma tecnologia de subjetivação que se encontra nas margens entre o aprisionamento e a expressão, atuando em relação com modos de experiência do social pautados na colonialidade – seja para reiterá-los e/ou subvertê-los. Aqui os sistemas de referência colonialistas abordados na sessão anterior se encontram com a construção de perspectivas sobre o corpo por meio das interferências das imagens, análise que também parte do momento da colonização e chega até a contemporaneidade digital. Neste percurso, nota-se que a relação das imagens com os corpos passou por mudanças exponenciais, em especial no que se refere à era biotecnológica e informacional. Tendo isso em vista, também é apontado que regimes de visibilidade moderno coloniais seguem atuando na experiência social, de modo que a análise sobre a relação do corpo com a imagem é um desdobramento da investigação precedente sobre o sujeito, estes elementos se interrelacionando no decorrer da sessão. No percurso que integra a aproximação da relação da imagem com o corpo, a imagem mesma assume a forma de um corpo que acontece na conexão – por entre dores e delícias.

O primeiro subitem aborda as intervenções dos paradigmas biológicos modernos na construção do corpo que sustenta também o sujeito moderno colonial, de modo que a imagem aparece como uma tecnologia de subjetivação que participou deste processo, ao mesmo tempo em que os regimes de visibilidade alicerçados, dentre outros elementos, em fatores biológicos, aparecem como produtores de modos de experiência social com a imagem que tem como efeito a não marcação de determinados corpos e a proliferação de opressões estruturais. Em seguida ocorre uma análise sobre a situação atual da imagem em relação ao corpo, esta atualidade sendo atravessada por uma série de tecnologias biotecnológicas e informacionais, de modo que o corpo orgânico acaba por ser novamente marginalizado em relação ao aspecto imaterial, que na modernidade assumia o caráter transcendente do intelecto ou religioso, e na atualidade assume a forma da informação, e, aqui, em especial das imagens. No terceiro subitem ocorre uma explanação sobre como o corpo é apreendido no contexto da pesquisa, e este assume o caráter de conexão entre margens, sensível e indissociável da organicidade, e apto a se encontrar com elementos variados. Por fim, esta reflexão sobre o corpo permite a caracterização da imagem como um corpo sensível que atua em engrenagens sociais repletas de

sistemas de referência, de modo que a questão da representação faz parte do plano sensível no qual se insere. Esta imagem corpo acontece no contato interpessoal, e é indissociável da organicidade, assim como é exercida na temporalidade do agora repleto de estímulos e afecções que traz consigo a potência para agenciar diversos espaçotempos. Como todo corpo, a imagem é política - e repleta de margens.

cena XIII: o agora vive

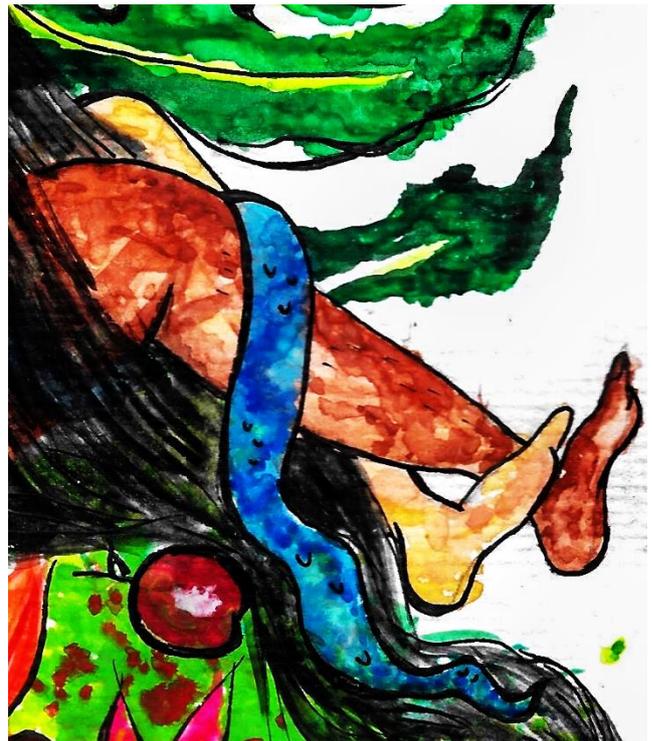
Ainda não sei se essa história é sobre o início do fim ou o fim do começo. Morri porque não pude existir de acordo com uma perspectiva alicerçada na opressão. Poderia dizer que quem não existe é o agressor, e que tudo isso de normatividade é somente uma ficção. Mas se for assim ninguém existe – e todo mundo abriga um lado careta. Além disso, aprendi com a minha morte que talvez o problema não se localize em existir pouco, mas em existir muito. Naquele momento que antecipou minha morte todos nós existimos muito, e acho que a diferença é esse existir muito, sentir muito: o problema está posto quando os modos de lidar com as várias sensações provocadas pela diferença são marcados por uma postura reativa e violenta. Imagina se o desconforto que irrompe com a diferença vira reflexão ao invés de soco? A imagem me faz refletir sobre a produção de desconforto... Vou contar uma coisa para ti: eu tô é bem viva! Algo me diz que tu já sabias, mas vou dizer aqui que de certa maneira morri mesmo. Existem muitos jeitos de morrer, um deles é sobre maneiras de habitar o mundo. Não sei se uma perspectiva pode morrer de fato, mas sei que ela pode se transformar. A que eu tenho agora é bem molhada e repleta de margens. Mas por ora vou dizer que sofri um traumatismo craniano leve, sutura, e outros traumas que não são físicos, mas também moram no corpo. Enfim, depois disso tudo, posso dizer que passo bem, e que o lugar em que me encontro é a rua da minha casa, Brasil, América Latina, Planeta Terra. Aqui as pessoas se olham muito (e flertam bastante também).



LAIIRA.2020

Lilith e Eva, 2020
Aquarela e nanquim sobre papel
21x29,7

Lilith e Eva II, 2020
Aquarela e nanquim sobre papel
21x29,7



Lilith e Eva III, 2020
Aquarela e nanquim sobre papel
21x29,7



6.1. Solidificação: corpo biológico moderno e regimes de visibilidade que ecoam

Como fatores da ordem da imagem participaram na construção de concepções sobre o corpo? Que corpo é esse? De que maneiras estas concepções se articulam com a produção de regimes de visibilidade? Como estes desdobramentos se desenvolveram em relação com a colonialidade? A relação do corpo com a imagem é um dos eixos que possibilita a compreensão desta como uma tecnologia sensível e transfigurável, conforme proposto pela pesquisa. Visando mostrar como esta relação é elaborada na dissertação, nesta sessão é feita uma explanação pontual referente à intersecção de certas percepções sobre o corpo com perspectivas biologizantes e eurocêntricas no decorrer dos últimos séculos. Aqui segue a investigação sobre a relação de fatores da ordem da biologia com a imagem, e é sugerido que a atuação do paradigma da objetividade científica na apreensão sobre o corpo biológico, que muitas vezes acontece com tons de neutralidade e homogeneização, é atravessado pela imagem como uma tecnologia de subjetivação. O corpo é entendido como um espaço de disputa territorial e política no qual são imprimidos paradigmas científicos que, conforme será explicitado na explanação que segue, são também sociais. Estes paradigmas podem se apresentar de maneiras similares em diferentes campos de estudos, produzindo modos de apreensão do corpo fundamentados em perspectivas racistas, machistas, homofóbicas e transfóbicas, e gerando regimes de visibilidade consonantes com estas opressões.

A investigação sobre as implicações da imagem na edificação de perspectivas sobre o corpo no processo colonizatório objetiva demonstrar como esta relação agencia dinâmicas sociais produtoras de violências que se rearticulam na atualidade. Neste escopo, esta exploração dá vias para uma análise sobre as possibilidades de experiência com a imagem na contemporaneidade. Se os conhecimentos sobre o corpo relacionados à biologia passaram por transformações exponenciais no decorrer dos últimos séculos, no contexto atual se situando em compatibilidade com o advento das biotecnologias, as implicações sociais do conhecimento sobre o corpo biológico da modernidade repercutem nos dias de hoje mediante a operacionalização de regimes de visibilidade sociais postulados também a partir destes conhecimentos.

O corpo vem sendo pensado desde Platão, que instituiu o “mundo das ideias” em contraposição ao mundo material, que seria uma cópia imperfeita do primeiro, e o desenrolar do pensamento ocidental sobre o corpo sucede em grande escala em relação a este momento. Tendo em vista a continuidade da discussão, gostaria de demarcar por ora dois momentos históricos importantes no que tange à percepção do

corpo de acordo com uma perspectiva eurocentrada. O primeiro é o Renascimento do sec. XV, momento da colonização e do cogito “penso, logo existo” que marcou o pensamento moderno, fundamentou binarismos e colocou o corpo em uma posição separada e à margem em relação à razão. O segundo é o Iluminismo do séc. XVIII, momento em que, conforme explicitado anteriormente, as sociedades se constituem fortemente em relação com as instituições. Este foi um momento histórico com implicações racistas significantes (ANDRADE, 2013), o que pode ser avaliado, dentre outros fatores, pelas implicações do paradigma da objetividade e neutralidade em relação ao conhecimento sobre populações que passaram por um processo colonizador, ignorando a autoimagem que estes povos têm de si.

Linda Nicholson (1999) explica que o Iluminismo foi um marco em que o humano passou a ser percebido enquanto “coisificado”, ou seja, os aspectos físicos passaram a testemunhar de maneira incisiva “a natureza do eu que esse corpo abrigava” (NICHOLSON, 2000, p.17). O corpo passa a ser fonte de conhecimento em oposição à corrente teológica¹⁴ anterior, embora isso aconteça com uma guinada ao determinismo biológico, que atesta percepções variadas de acordo com paradigmas da biologia. Segundo a autora, uma das maneiras através da qual a centralização em torno do corpo implicou em mudanças na apreensão da identidade foi a utilização do corpo “como recurso para atestar a natureza diferenciada dos humanos” no século XVIII (p.18). A autora então aponta para o conceito “raça”, que passou a ter relevância expoente neste momento ao ser utilizado para distinguir os seres humanos de forma autoritária, as diferenças físicas adquirindo significação moral e política. O mesmo aconteceu com o conceito “sexo”, que já existia anteriormente, mas que passou a ter um novo sentido a partir da relevância das diferenças físicas que constituiriam a distinção agora altamente binária entre “masculino” e “feminino” (NICHOLSON, 2000). As diferenças passaram a habitar exponencialmente o corpo físico, que se consolidou como um elemento necessário na distinção de raça e gênero.

Thomas Laqueur (1994), que realiza um aporte histórico das concepções a respeito do corpo na História da literatura médica, divide as perspectivas operadas sobre este em dois momentos: a noção “unissexuada do corpo”, vigente dos Gregos até o sec. XVIII, em que o corpo designado por feminino era uma versão imperfeita do designado por masculino, como por exemplo a vagina era percebida enquanto uma variante interna do pênis; e a noção “bissexuada do corpo”, vigente a partir do sec.

¹⁴ Teologia pode ser caracterizada como o estudo de Deus ou da fé, comumente associada ao cristianismo.

XVIII, em que o corpo designado por feminino era percebido enquanto totalmente diferente do designado por masculino, o que poderia ser evidenciado por qualquer parte do corpo, inclusive o esqueleto. Nesta explanação o autor atenta para o fato de a categoria “mulher” ser uma categoria vazia por só a mulher parecer ter gênero, tendo em vista que esta é analisada sempre em relação ao homem como matriz de referência, e afirma, “com base em evidencia histórica, que quase tudo que se queira dizer sobre o sexo -de qualquer forma que o sexo seja compreendido- já contém em si uma reivindicação sobre gênero” (LAQUEUR, 2001, p.23).

Anne Fausto Sterling (2000) também remonta para a história da perspectiva científica frente a categorias relacionadas à sexualidade e ao gênero e cita a criação do termo “homossexual” em 1869 - que foi anterior ao conceito de “heterossexual” -, momento entendido enquanto o estopim da emergência das categorias do gênero do século XX por alguns pensadores. Estas categorias foram sistematizadas junto a discursos médicos atravessados pela realidade social, como por exemplo foi a partir da associação da masculinidade à atividade e da feminilidade à passividade que surgiu a ideia de que em um casal de mulheres havia que ter uma mulher “invertida”, com “atributos marcadamente masculinos” (STERLING, 2002, p.43). A autora aponta que para mudar a política do corpo há que se mudar a política da ciência, e conclui que “na maioria das discussões públicas e científicas, o sexo e a natureza são considerados reais, e o gênero e a cultura são vistos como construídos” (p.77). E então aponta que se trata de “falsas dicotomias”, afirmando que, “Começo com os marcadores mais visíveis e exteriores do gênero – os órgãos genitais – para mostrar como o sexo é, literalmente, construído” (STERLING, 2002, p.77).

Londa Schiebinger (1994) também argumenta que os estudos científicos e biológicos sobre o gênero e sexualidade são realizados em um contexto específico e socialmente limitado, e aporta para esse contexto ao explicar como a terminologia “mamífero” tem sua fundação a partir de uma lógica binária e patriarcal que separa a natureza da cultura e as mulheres dos homens. A autora aponta que a categoria mamífero se fundamenta na busca por uma aproximação do humano com o animal através das mamas, característica atribuída às mulheres. Esta categorização acontece em um contexto com uma implicância política expressiva, tendo em vista o movimento contra as amas de leite vigente na sociedade europeia em voga.

Esta breve explanação sobre as percepções imprimidas no corpo com o passar dos anos pode demonstrar a centralidade do discurso eurocêntrico nas compreensões sobre este, com a decorrente marginalização de outras perspectivas e vivências,

como é o caso da Latino América. Pode-se dizer que esse corpo mexido e remexido, ainda que percebido de muitas formas com o decorrer dos anos, permaneceu em muitos momentos no aspecto da reiteração da diferença por intermédio da separabilidade através da fundamentação em paradigmas biológicos de acordo com uma perspectiva colonialista. O corpo se manteve como algo que serve para sustentar a cabeça e receber análises, projeções, examinações, meios de legitimar opressões que servem a este paradigma europeu que impôs descrições sobre o corpo em larga escala durante séculos.

Compreender a história do pensamento sobre o corpo dá vias para percebê-lo de outras maneiras, ou ainda reconhecer outras maneiras pelas quais ele vem sendo percebido, regenerando e transformando amarras que se pretendem matrizes em laços que pretendem se disseminar. Neste escopo, tal explanação também pode dar vias para uma reflexão sobre como a imagem aparece como uma tecnologia de subjetivação que apoiou determinadas perspectivas sobre o corpo fundamentadas em paradigmas biologizantes em sociedades colonialistas. Esta questão pode ser elaborada pela associação de fatores fenotípicos com questões da biologia, que, conforme vimos anteriormente, acarretam implicações sociais expoentes. Mulheres, negros, gays e lésbicas aparecem nestes autores como marcadores para o desenvolvimento de explicações científicas sobre o corpo, o que também pode ser evidenciado pela sucessão de ilustrações de livros que atestaram diferenças sociais por meio de explicações biológicas¹⁵. As marcações sobre determinados corpos nos processos de produção de conhecimento sobre o corpo biológico muitas vezes se fundamentaram na produção e reprodução de matrizes de referência de corpos socialmente privilegiados, a neutralidade se constituindo como uma conjectura perigosa porque parte de imagens homogeneizadoras nestes procedimentos: frequentemente aparece de maneira implícita o corpo de um homem branco cisgênero heterossexual como fundamento para comparações, situando outros corpos como marcados e marginalizados.

Aqui é sugerido que essa marginalização acontece nos processos de produção de conhecimento sobre o corpo biológico da modernidade, que adquire implicações significativas na apreensão sobre o corpo nas sociedades colonialistas, mediante interferências das imagens. As imagens neste cenário podem atuar como uma

¹⁵ Vide A Escala Unilinear das Raças Humanas e Seus Parentes Inferiores, de Nott e Gliddon (1868). Outros exemplos podem ser encontrados no estudo de Laqueur intitulado "Inventando o sexo: dos gregos a Freud" (2001).

tecnologia de subjetivação dentre outras para a edificação de perspectivas sobre o corpo mediante a intersecção de fatores econômicos, sociais, imagéticos e biologizantes. Conforme abordado no capítulo sobre o sujeito, a imagem como tecnologia atuou em relação com o sujeito moderno colonial produzindo implicações nas opressões que este produz. Aqui, o corpo gerado por este sistema aparece como um elemento que recebe interferências das imagens por meio da sua relação com os regimes de visibilidade sociais produzidos e reiterados por uma série de elementos em relação, o sujeito colonial, o corpo biológico moderno e as imagens se interferindo mutuamente.

Se a imagem atuou como uma tecnologia de subjetivação na construção de paradigmas científicos sobre o corpo em sociedade colonialistas, estes também interferem nas dinâmicas sociais de experiência com as imagens. Conforme vimos, de acordo com uma perspectiva colonial, a matriz de referência para dinâmicas sociais com as imagens acontece mediante a manutenção da concessão sobre o ver para determinados sujeitos em detrimento de outros. Neste cenário, o corpo biológico se apresenta como uma construção que em muitos momentos acarretou implicações sociais expoentes para a legitimação da hierarquização de humanidades constituintes do sujeito moderno colonial em conjunção com a imagem: antes do olho que tudo vê, há o corpo que não se faz ver. Se quem tem permissão social para ver de acordo com uma perspectiva colonialista é o patriarcado branco cisheteronormativo, os corpos que são vistos comumente são os que não estão neste lugar, de modo que o corpo que não é marcado se perpetua precedendo afirmativas na história da produção de conhecimento científico – e também nos cotidianos.

A relação entre o marcado e o não marcado pode produzir imagens cristalizadas que acarretam em efeitos muito palpáveis nos corpos, de modo que o gerenciamento de imagens em consonância com estas lógicas acontece de maneiras muito vivas, porque vivenciado por toda gente das mais diferentes maneiras. Isso ocorre a partir do entendimento de que o corpo que não é marcado é parte de um mecanismo que atua no social por meio da regulação de opressões conferindo mais ou menos privilégios através do grau de aproximação que as imagens dos corpos apresentam em relação a este, muitas vezes tendo como efeito a produção de violências. Esta questão da ausência de marcação social de determinados corpos pode ser evidenciada quando Judith Butler (1993), em “O gênero em chamas”, aponta em relação à filmagem do documentário “Paris is burning” que, “La cámara comercia pues con el privilegio masculino de la mirada no corporizada, la mirada que tiene el

poder de producir cuerpos, pero que no pertenece a ningún cuerpo.” (BUTLER, 2002, p.198). A questão da visão que se descorporifica pode ser avaliada também em Frankenberg (2004), quando, em estudo sobre a branquitude, a autora aponta os seguintes elementos que estruturam este conceito:

1. A branquitude é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial.
2. A branquitude é um “ponto de vista”, um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros e as ordens nacionais e globais.
3. A branquitude é um locus de elaboração de uma gama de práticas e identidades culturais, muitas vezes não marcadas e não denominadas, ou denominadas como nacionais ou “normativas” em vez de especificamente raciais.
4. A branquitude é comumente redenominada ou deslocada dentro das denominações étnicas ou de classe.
5. Muitas vezes a inclusão na categoria branco é uma questão controvertida e, em diferentes épocas e lugares, alguns tipos de branquitude são marcadores de fronteira da própria categoria.
6. Como lugar de privilégio, a branquitude não é absoluta, mas atravessada por uma gama de outros eixos de privilégio ou subordinação relativos; estes não apagam nem tornam irrelevante o privilégio racial, mas o modulam ou modificam.
7. A branquitude é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas significados socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquitude têm camadas complexas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis.
8. O caráter relacional e socialmente construído da branquitude não significa, convém enfatizar, que esse e outros lugares raciais sejam irreais em seus efeitos materiais e discursivos. (FRANKENBERG, 2004, p. 312).

Pode-se afirmar que o corpo que não é marcado se constitui de uma série de discursos e práticas na história das ciências biológicas e filosóficas modernas, inseparáveis das relações sociais, mediante a marcação de outros corpos de maneira estigmatizada, questão que foi elaborada anteriormente. Se, conforme vimos, os corpos marcados por meio de modos de operação de estruturas de referência agenciados na colonização se encontram em uma localização complexa entre o visível e o invisível, aqui é indicado que os corpos que não se marcam também se situam de maneira multiforme no plano da visibilidade: os corpos que se colocam como neutros operam sua localização social mediante uma passabilidade tão arraigada na sistematização epistemológica e social colonialista que afluem em certos modos de visibilização gerenciados justamente no aspecto do que, ainda que apareça muito, não é reparado, tendo em vista que configura o pressuposto neste sistema. Assim, estes corpos podem passar despercebidos justamente por se constituírem no ideal de estética ocidental; são corpos não marcados, mas muito visíveis.

Estes aspectos da complexidade das dinâmicas de visibilidade pode ser um obstáculo nos processos de reivindicação de direitos sociais, tendo em vista que se

faz necessária uma demarcação contínua de opressões sociais naturalizadas, assim como dos corpos privilegiados nestes sistemas. Esta questão pode ser elaborada mediante a crescente reivindicação da caracterização da branquitude como uma racialidade por muitos setores do movimento negro, e também pela categorização de pessoas cisgêneras como tais, ao invés de somente a população transgênera ser demarcada. Estes movimentos provocam o que muitas vezes é socialmente visto de acordo com estruturas de representação fundamentadas na colonialidade, produzindo tensionamentos sobre privilégios naturalizados mediante a produção de demarcações relevantes nas localizações sociais que por muito tempo atuaram de maneira implícita – o olhar pode ter muitas vias, e quem tem permissão para ver de acordo com uma perspectiva colonial também pode ser visto; visto e marcado.

Em “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, Donna Haraway (1995) explora a questão da descorporificação fazendo de um sentido mesmo um viés metodológico através do conceito visão. Quando pensamos sobre a visão o que muitas vezes aparece é um corpo que só absorve, como se a visão fosse análoga à contemplação. Mas a visão pode ser muito perigosa - especialmente quando escapa ao corpo. Haraway alerta para o perigo da visão que se descorporifica e passa a ditar o mundo irresponsavelmente. Para a autora, ver é sempre mediado por tecnologias da visão, que também podem ser parciais e corpóreas. A autora aponta para uma corporificação finita continuada, que aparece enquanto uma proposta interessante para situar possibilidades de processos de produção de conhecimento e resistências. Segundo a autora,

A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar. (HARAWAY, 2009, p.33)

A partir desta ponderação sobre as implicações colonialistas quando se trata de algumas práticas que constituem o paradigma da objetividade científica em relação ao corpo, objetiva-se um tensionamento nas percepções sobre este pautadas nas percepções solidificadas e produtoras das relações de visibilidade e invisibilidade apontadas anteriormente. Conforme vimos, os binarismos não se constituem per se, mas se enredam em uma teia de hierarquias, anulações e legitimações por meio das oposições fundadas na colonização. Estes binarismos se articulam na modernidade

colonial, dentre outros fatores, com o sujeito colonial, o corpo biológico moderno, e a imagem, e têm efeitos de violência na atualidade mediante a atualização dos regimes de visibilidade a partir das referências díades disseminadas a partir deste momento a nível global. O corpo biológico se modifica drasticamente na contemporaneidade, mas os binarismos produzidos em conjunção com a biologia moderna com efeitos de atestar hierarquizações muitas vezes aparecem em conflito com outras possibilidades na atualidade por meio do aspecto social do visível.

6.2. Quando o corpo afunda e o reflexo vive ou o fenômeno das ondas circulares que expandem: imagem e corpo na contemporaneidade biotecnológica informacional

Como o corpo vem sendo agenciado na contemporaneidade? O que acontece quando o corpo biológico é atravessado pelo advento das biotecnologias? O que é o corpo na atualidade? Como a imagem se relaciona com este corpo? Nesta sessão é elaborada uma análise sobre a relação do corpo com a imagem na contemporaneidade atravessada pelas tecnologias biológicas e de informação, na qual o corpo aparece também sendo operacionalizado mediante articulações variadas com a imagem. Conforme abordado no capítulo anterior, esta relação acontecia na modernidade mediante uma dinâmica que funcionava por meio de certa legitimação mútua que teve como efeito a perpetuação de relações hierárquicas. Também foi abordado anteriormente que o conhecimento sobre a biologia do corpo humano na contemporaneidade passa por transformações expoentes, de modo que fatores biológicos e imagéticos relacionados ao corpo dão vias para modulações que transformam os modos pelos quais a categoria sujeito pode ser experienciada, como por exemplo acontece com as bioidentidades e personalidades alterdirigidas (SIBILIA, 2012). Tendo estas questões em vista, neste capítulo são investigados os modos pelos quais as biotecnologias em relação com as tecnologias de comunicação e informação – com hiper abundância de imagens - podem estar contribuindo para uma cultura que direciona atenção significativa para funções biológicas e estéticas do corpo simultaneamente à supressão do aspecto sensível e orgânico, e, ainda, vivo, deste corpo.

Em “O homem pós-orgânico”, Sibilia (2005) realiza uma investigação precisa sobre os modos pelos quais o corpo se articula com as tecnociências, em um percurso

crítico que analisa as concepções sobre o corpo no decorrer dos séculos. A autora disserta sobre como as polarizações que definiam o corpo estão se modificando, com atenção especial para a dicotomia entre artificialidade e natureza, afirmando que a vida e a natureza já não coincidem mais com as definições que as delineavam há três séculos atrás (SIBILIA, 2005). O conceito de natureza passa a ser afetado drasticamente no mundo contemporâneo, caracterizado como “um universo pós-mecânico e vertiginosamente informatizado” (SIBILIA, 2015, p.130). Sibilia aponta que a biologia não assume tanta importância quanto outros conhecimentos científicos como a física até o século XXI, momento em que se encontra com as tecnologias informáticas e produz a codificação da genética. Por meio do conhecimento sobre genomas e RNA, as espécies passam a ser diferenciadas por estas diferenças quantitativas biomoleculares, e também podem ser transformadas: eis a pós-evolução (SIBILIA, 2005).

Esta capacidade de interferir e modificar o DNA tem implicações que se desdobram em cadeia, porque além da possibilidade da criação de transgênicos e misturas inusitadas entre diferentes classes e reinos do grande grupo dos seres vivos, se fazem possíveis inovações referentes aos humanos, que, no final das contas, são a grande expectativa deste século. O corpo humano é percebido como imperfeito quando comparado às inúmeras possibilidades despertadas pelas tecnociências, que são enfatizadas como uma promessa de melhoria da espécie. Sibilia aponta para um “projeto de digitalização dos reinos orgânicos e inorgânicos” (SIBILIA, 2015, p.159), em que “conectaram-se com sucesso dispositivos computacionais a organismos vivos: o sistema nervoso humano, neurônios animais ou moléculas de DNA” (p.159). A operação de interface entre dispositivos informacionais e o corpo humano pode ser avaliada pelo investimento no aperfeiçoamento de próteses, por dispositivos que se conectam e potencializam os sentidos como a visão ou o olfato, pelo setor de transplantes, dentre outros, e podem acontecer nos níveis individual, embrionário, e inclusive comportamental, com investimento financeiro significativo nos inúmeros projetos em voga relacionados ao tema (SIBILIA, 2005). Sibilia aponta que a ênfase nos processos bioquímicos básicos, “levada adiante por uma poderosa artilharia da tecnociência contemporânea, costuma deixar de lado outros componentes fundamentais da condição humana: nada menos que o corpo, os outros e o mundo, por exemplo.” (SIBILIA, 2015, p.116), e afirma que questões que costumavam ser vistas como sociais, passam a ser vistas como biológicas. Neste cenário, com mudanças avassaladoras em relação a variados aspectos no que se refere a habitar

o mundo, a autora aponta que acontece certa atualização da relação dualista entre mente e corpo postulada na modernidade no contexto informacional,

Desse modo, essas inovadoras variantes da metafísica tradicional não fazem mais do que reafirmar os velhos dualismos, mesmo que seja em novas roupagens, porém privilegiando sempre seu polo imaterial (*informação*) enquanto desdenham e punem o polo material (*organismo*). Nessas narrativas, que boa parte das mídias e das artes contemporâneas insistem em metabolizar ou reproduzir, o corpo não é descartado por ser pecador à maneira cristã, mas por ser impuro num novo sentido: imperfeito e perecível, devido à sua constituição carnal. E, portanto, fatalmente limitado. Por ser viscoso e orgânico, meramente orgânico, ele é considerado inexoravelmente obsoleto. Mas a própria tecnociência se propõe a consertá-lo, estendê-lo, recriá-lo, transcendê-lo e reprogramá-lo, com a ajuda das metáforas e dos produtos que emanam dos centros de pesquisa e acabam plasmando seus efeitos tanto no mundo como na carne humana. (SIBILIA, 2015, p.108)

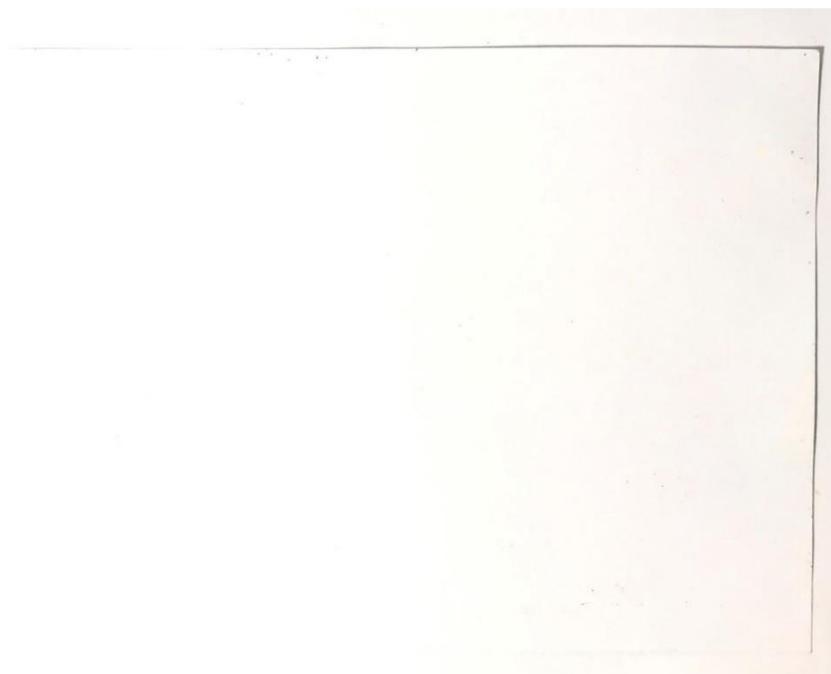
Francisco Ortega (2007) também disserta sobre os perigos das biotecnologias na experiência do corpo e apreensão do mundo, em que muitas vezes o aspecto da virtualidade se sobrepõe à existência factual do corpo, produzindo um corpo que aparece como “empecilho” (ORTEGA, 2007, p.384) ou “prisão” (p.384). O corpo é contraposto às múltiplas promessas que o advento do digital traz consigo, em que se apresentam possibilidades para a experiência de “um mundo descorporificado sem interioridade” (ORTEGA, 2007, p.384). Assim como Sibilía, o autor também aponta para o elitismo que incute estas promessas, tendo em vista que grande parte da população global não tem acesso às tecnologias, e, por tanto, não pode se dar ao luxo de ignorar a materialidade de seus corpos na “luta cotidiana pela sobrevivência” (p.385).

A carne marginalizada se encontra em meio a uma série de artefatos informacionais, biotecnológicos e programáveis, que a situam mais uma vez na localização precisa da imperfeição. Dentre tantos fatores que contribuem para a rearticulação do plano da transcendência que se sobrepõe à organicidade, a imagem aparece como um fator exponencial nesta sistematização, muitas vezes até mesmo se sobrepondo aos corpos. Esta sobreposição pode se dar por muitas vias, dentre elas uma que se dá por meio da manutenção e proliferação dos regimes de visibilidade colonialistas abordados na sessão anterior, alicerçados na relação da imagem com o corpo biológico moderno e o sujeito colonial. Estes regimes atuam até os dias de hoje mediante a articulação de uma série de separações e hierarquizações, dentre elas a separação da mente e do corpo, e também dos corpos sujeitos que podem adquirir inúmeras formas e lugares nesta sistematização.

Visto que de acordo com uma perspectiva colonialista fundamentada em binarismos o sujeito marcado tem corpo – vide *mammalia* – e o sujeito a priori tem cérebro – vide *homo sapiens* -, o sujeito branco masculino opera por meio do plano da transcendência, seja através da alma ou do racional, de modo que muitas vezes se perpetua na relação limítrofe entre o visto e o não visto: é um sujeito cujo corpo não aparece, Adão que pensa, é sagrado, e dá vida à Eva – de onde veio o corpo de Adão? O sujeito e o corpo não marcados – mas que aparecem muito - se situam como matriz epistemológica e social nas sociedades colonialistas, e, de acordo com correntes exponenciais da filosofia ocidental, a cópia é imperfeita em relação à matriz. De acordo com este modo colonialista de operação dos regimes de visibilidade, quem mais se aproxima da nomeação de sujeito de direito é quem mais se aproxima de uma imagem normativa. Esta imagem marginaliza a organicidade do corpo, que é associada ao primitivo, à cópia, à imperfeição, de modo que os sujeitos são polarizados em diversas categorizações que localizam os corpos em relação com uma matriz imagética colonial fictícia, que se coloca como original, e, ainda, que muitas vezes pode inclusive ser inalcançável. Tal imagem rege a pirâmide colonial em relação com os corpos e sujeitos de maneiras que existem muito por provocarem efeitos muito palpáveis nas experiências: quanto mais perto desta imagem, mais privilégios a pessoa experiencia, o que implica que quanto mais longe, mais opressões a pessoa sofre. Esta escala pode se dar de muitas formas porque são muitas as localizações possíveis dos corpos em relação com as opressões e privilégios, mas essa imagem está ali, ao fundo – e se materializa de muitas maneiras no contato com os corpos, bem ali, na frente, ou atrás; às vezes ao lado. Pode-se sugerir que esta imagem normativa atua como uma imagem estética e pouco orgânica – de acordo com esta perspectiva, pode-se até mesmo colocar que o sujeito de direito colonial pressupõe muita imagem e pouco corpo. A separação colonialista fundamental entre o civilizado e o primitivo não escapa à imagem. Essa questão pode ser avaliada quando Ortega (2007) aponta para o conceito de abjeção, que em Lacan constitui “o que ficava de fora na constituição de uma imagem corporal coerente” (ORTEGA, 2007, p.384), e passa a ser identificado de maneiras viscerais por algumas pensadoras. Se em Lacan o objetivo era demonstrar o que permanecia para a formação da identificação da criança com sua imagem, este conceito pode ser percebido pela via do que é excluído dessa imagem corporal. O autor aponta que

Kristeva, Grosz e Weiss, por sua vez, dirigem a atenção para o que não é incorporado no processo de transformação das diversas sensações corporais em uma imagem corporal unificada. O abjeto remete a alguma coisa da ordem da animalidade, da morte e da visceralidade, que escapa da inscrição simbólica, e que ameaça a estabilidade da imagem corporal ideal: carne, sangue, muco, fezes, urina, suor, saliva, vômitos e outros fluidos corporais. Partes de mim que devem ser expelidas, expulsas para me inscrever na ordem simbólica. Essa inscrição cultural, que torna o corpo a entidade simbólica e discursiva do construtivismo social, passa necessariamente pela abjeção de sua dimensão carnal, pela rejeição carnal da corporeidade: o 'pavor da carne' (usando a expressão de Paula Sibilia). (ORTEGA, 2007, p.384)

Diagrama 3 - Pausa para você inserir aqui a imagem que não é corpo ou a Perfeição Original



Fonte: A autora (2020)

Se por meio de uma via simbólica as imagens podem colocar os corpos à margem, na atualidade esta sobreposição acontece de maneiras cada vez mais complexas: as imagens dos corpos aparecem também em outdoors e em propagandas nos mais variados dispositivos. Na sociedade da informação, a imagem pode ser localizada como um veículo de estímulos onipresente que atua em relação com os corpos, atualizando esta superposição de maneiras inusitadas e cada vez mais potentes. A imagem adquire uma relevância econômica e cultural sem precedentes, com investimentos pessoais e coletivos exponenciais associados ao mercado capitalista: estamos experienciando uma sociedade com avalanches de imagens onipresentes, que influenciam na percepção que temos da autoimagem e do corpo.

A relação da imagem com o corpo na contemporaneidade pode ser elaborada com Isleide Fontenelle (2004), quando a autora pergunta “o que é o corpo numa

sociedade das imagens?” (FONTENELLE, 2004, p.2). Fontenelle refere que, tendo em vista que a imagem do corpo é construída socialmente, a publicidade se revela como uma forma privilegiada para a constituição corporal e subjetiva, que aparecem como indissociáveis, a marca publicitária se apresentando como “uma forma social por excelência para o processo de formação da imagem corporal.” (p.2). Fontenelle sugere que estamos inseridos em uma “sociedade das imagens” (p.2), caracterizada pelo capitalismo. Neste cenário, o principal fator de concorrência no mercado é a diferenciação dos produtos pelas imagens. A autora disserta sobre este modo de experiência social quando aponta que houve uma “imbricação entre economia e cultura ao ponto da indústria cultural - no sentido de indústria como cultura - tornar-se seu paradigma por excelência” (p.2), e que é uma sociedade na qual ““estar na imagem é existir”, e vive-se, então, numa forma de socialidade marcada pela performance, pela produção de impressões.” (p.2) Em relação ao corpo, Fontenelle disserta,

O corpo, imagem de marca, apresenta, a ambiguidade de ser o corpo possível para se viver dentro da sociedade, das imagens - já que necessário para sobrevivência material no seu interior - e ser, ao mesmo tempo, fonte de angústia, de dor, por se deparar o tempo todo com o risco da insignificância e da própria inexistência em uma sociedade na qual só se é sujeito quem está dentro das imagens veiculadas para consumo. (FONTENELLE, 2004, p.12)

Fontenelle explica que estamos em um momento em que a era da repressão dá vez para uma “política do gozo” (FONTENELLE, 2004, p.14) atrelada à lógica do mercado, em um sentido de que o que era fixo se desmantela e dá lugar a uma lógica pautada pelo consumo repleto de imagens que busca pelo imediatismo e o prazer, e alerta, “O corpo torna-se refém de uma lógica contraditória que assume o vazio estrutural do social apenas para oferecer imagens que possam tamponar esse vazio historicamente determinado pela aceleração do tempo.” (p.14). A autora explica que as identidades fixas estão sendo desmanteladas, e que as ambiguidades geradas por este processo são meios de buscar o novo. Para isso, é necessário assumir que o corpo é um lugar primordial onde essas ambiguidades se inscrevem, de modo que o corpo aparece como uma localização para a produção de estratégias de escape (FONTENELLE, 2004). Também Ortega (2007) dá indícios sobre a busca generalizada de emancipação do corpo em direção à imagem, assim como também aponta a relevância de assumir a condição orgânica e viva do corpo na sociedade do consumo em que nos encontramos,

A prometida libertação da facticidade da vida real e da emancipação do espaço-tempo e da ordem simbólica na realidade virtual e nas biotecnologias revelou-se uma ilusão. Por um lado, como vários autores constataram, os espaços virtuais reproduzem freqüentemente às normas dominantes da vida real, incluindo os mesmos modelos racistas e sexistas de beleza e comportamento. Pode-se imaginar um cenário ainda pior no qual a liberdade torna-se a liberdade de abusar e atormentar, e a libertação dos constrangimentos de nosso corpo uma incitação para a tortura virtual, assim como uma distração de nossas obrigações e responsabilidades reais num mundo real. Por outro lado, o corpo modificado por cirurgias plásticas, implantes e próteses de todo tipo, orgânicas e inorgânicas, ou clonado (o corpo clonado também nasce, morre e age), não desaparece nem permite superar a corporeidade como origem da ação. (ORTEGA, 2007, p.385)

Em conjunção com aspectos biológicos, a imagem dos corpos parece estar ganhando mais atenção do que o movimento e a vida destes. É uma imagem que paulatinamente se descola do corpo, desde a instauração do sujeito colonial e o corpo biológico moderno até a contemporaneidade informacional, e que recebe muitos olhares e investimentos econômicos e subjetivos. Mas, neste cenário caótico e repleto de novidades, o corpo está - a organicidade dos corpos permanece. O que nos atravessa conversa com nossos corpos, e isso inclui qualquer teoria ou imagem que desperta emoções, sensações, memórias, reflexões; nossa compreensão de mundo se dá a partir de nosso estado de corpo. O corpo não é passivo, tendo em vista que não só tem agência no ato, mas também na percepção. E a percepção é indissociável da imagem: o corpo que percebe e o corpo que é percebido são atravessados por ela. Eis que aparece o seguinte questionamento: será que a imagem pode, de fato, se descolar dos corpos?

6.3. Contracorrente que desemboca ali no encontro das águas: Corpo como conexão

A carne viva e o afeto são coisas separadas? Para experienciar novas vivências em relação aos modos como o sujeito ou o corpo são postulados de acordo com uma perspectiva colonialista, publicitária, neocolonial e biotecnológica, é necessário que aniquilemos o corpo? E, ainda, será que as opressões que acontecem em relação com os corpos, e entre os corpos, são provindas das diferenças nos corpos ou das concepções que fazemos delas? Estaria o corpo obsoleto? Enfim, que corpo está sendo mobilizado na pesquisa? Alguns autores já apontam para um futuro em que o corpo humano será substituído por um HD, uma máquina, e nos tornaremos uma série de máquinas com subjetividades descorporificadas. Conforme abordado

previamente, a sociedade informacional reatualiza a dicotomia entre o material e o imaterial e situa mais uma vez o corpo como imperfeito, como algo que precisa de conserto, um “quase” incessante. A contrapelo desta lógica inúmeras vezes reconfigurada no decorrer dos últimos séculos por meio de uma perspectiva que separa o corpo de si, o corpo é apreendido na pesquisa através da aposta nas conexões sensíveis: o corpo é agenciado como ponto de encontro da vida, movimento, carne, sensibilidades. Estas reflexões sobre o corpo são relevantes porque permitem a apreensão da imagem em relação com o corpo na contemporaneidade, questão que será elaborada nas próximas sessões.

Um debate muito difundido sobre a temática do corpo é o que acontece entre Deleuze e Merleau-Ponty, que, dentre muitos apontamentos, se dá em torno de o corpo ser carne ou afeto. Estes dois autores são de escolas de pensamento diferentes: o primeiro é pós-modernista, e o segundo da fenomenologia. Merleau-Ponty escreve sua teoria sobre o corpo efetuando uma crítica a grande parte da perspectiva ocidental em que o aspecto carnal do corpo é desqualificado, e aponta que o corpo é uma carne sensível que se encontra com a “carne do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1964). Esta carne do mundo atuaria como um plano de fundo repleto de sensibilidades na qual o “Ser bruto” se insere e é capaz de atingir algo como uma sensibilidade plena de maneira ativa quando sente. Para o autor, o corpo é histórico, a apreensão que temos dele é atravessada pelas condições que se apresentam em determinado espaçotempo. De acordo com Furlan (2011), pode-se afirmar que, ainda que o autor tenha sido bem sucedido ao firmar seu propósito de conceder relevância expoente para o aspecto orgânico e sensível do corpo, a dualidade entre sujeito e objeto característica do pensamento moderno permaneceu. O corpo de carne só existe inserido na carne do mundo, se separando e integrando desta em um só movimento, tendo em vista que os limites do corpo permanecem na mesma medida em que este corpo é afetado pelas sensibilidades do mundo. Existe o corpo, que pode ser associado ao sujeito, e existe o mundo, que pode ser associado ao objeto. “A carne do mundo não é se sentir como minha carne – Ela é sensível e não sentiente – Eu a chamo, entretanto carne (...) para dizer que ela é pregnância de possíveis” (MERLEAU-PONTY, 1964, p.304).

Já Deleuze e Guattari propõem a concepção de agenciamentos: os agenciamentos são acontecimentos multidimensionais situados em uma rede de relações, corpos e signos. Se relacionando e intervindo mutuamente, se dão em dois polos: em forma de agenciamentos maquínicos de corpos, que podem ser entendidos

como conteúdo, e em forma de agenciamentos coletivos de enunciação, que podem ser entendidos como expressão. Os agenciamentos maquínicos de corpos consistem nas relações entre os corpos; são o estado de mistura entre os corpos em uma sociedade, que não podem ser percebidos se não enquanto corpos de multiplicidade em seu estado mutuamente social e natural. Já os agenciamentos coletivos de enunciação dizem respeito a um regime de enunciados, despedindo-se assim da ideia de indivíduo, tendo em vista que estes só podem ser partilhados no *socius*. Os autores explicitam a relação entre os agenciamentos da seguinte maneira: “Expressando um atributo não corporal, e ao mesmo tempo atribuindo-o aos corpos, não estamos representando, não estamos nos referindo, estamos intervindo de alguma maneira, e é um ato de linguagem” (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p.112). Ainda, “a independência das duas formas, de expressão e de conteúdo, não é contrariada, mas pelo contrário, é confirmada por isso: as expressões vão interferir nos conteúdos não para representá-los, mas para antecipá-los, recuá-los, ralentar ou precipitar, destacar ou reunir, recortá-los diferentemente” (p.112).

Neste sistema, a concepção de indivíduo não faz mais sentido, pois estamos todos inseridos em uma dinâmica de afetos, conceitos, maquinarias que possibilitam o seguimento do funcionamento das coisas como se dão ou a criação de linhas de fuga, de modo que estamos em constante territorialização e desterritorialização, em movimento. Os autores apontam para a questão da representação e da identidade, que em sua teoria aparecem como produzindo modos de experiência pré-prontos, e acabam por enfraquecer a potência do desejo, capaz de dissolver as barreiras das opressões. Tudo aparece como produção de desejo, como funcionalidade, como maquinaria: somos máquinas desejantes, nosso inconsciente aparece como produzido pelo desejo, e o desejo como produção de realidade. As formas que os corpos podem adquirir de acordo com esta óptica são muitas, desde que estes corpos funcionem, produzam territórios: um corpo orgânico pode ser um corpo, um grupo de pessoas, um conceito, uma universidade, etc.

Yonezawa (2013) aponta que o que produz as máquinas desejantes são também os órgãos palpáveis e o corpo, que servirão à “fruição desejante” (YONEZAWA, 2012, p.231). Pelo corpo passam os desejos, assim como pelos órgãos, que são aptos a receber todas as possibilidades que o desejo pode vir a ser. Já o organismo é imprimido no corpo “pela memória que se imprime no corpo” (p.231). Todas as coisas que se apresentam como estruturas indiscutíveis, impostas, transcendentais, são organismos: saberes biomédicos, o Estado, princípios religiosos,

rotinas predispostas, etc. “O corpo é sobre donde o organismo se impõe” (YONEZAWA, ANO, p.233). O autor aponta que existem três estratos ligados ao corpo que atuam a contrapelo da potência do desejo, o primeiro é o organismo, o segundo é a significação: a significação atua para fazer com que os corpos sejam apreendidos repetidamente da mesma maneira, de acordo com perspectivas transcendentais. E a terceira é a “ilusão das causas finais” (p.234), que entende os efeitos dos outros corpos como a finalidade dos encontros, e, como o corpo neste estrato abriga uma consciência que rege as finalidades do corpo, acaba por culminar no questionamento sobre o que rege essa consciência, desembocando na “ilusão teológica” (p.234), em que Deus aparece como a grande consciência transcendental responsável pelos efeitos vividos.

Em relação ao funcionamento destas máquinas desejantes que se encontram com os corpos, o Corpo Sem Órgãos aparece como uma possibilidade de escape porque é agenciado como um corpo que não tem uma funcionalidade pré-disposta. Os órgãos têm modos de funcionamento predispostos, são uma estrutura. Se não tem órgãos, o desejo pode agir de maneiras múltiplas e não pré-determinadas, se afetando multidirecionalmente e produzindo escapes. Assim, o corpo em Deleuze e Guattari se encontra com a potência dos afetos. A potência e o devir são dispostos em dinâmicas de territórios sem centro, interconectadas, nas quais estes corpos abstratos com efeitos na experiência se encontram, modificam, interferem, transfiguram. Esse corpo não é o corpo de um indivíduo, mas o corpo do encontro dos desejos multidirecionais, e potentes, em relação.

Tanto em Deleuze e Guattari, quanto em Merleau Ponty, o corpo se encontra com a arte, que aparece como um meio de transformar perspectivas por meio do sensível, produzindo novos sentidos frente ao mundo. Estas filosofias se diferem em grande escala porque Deleuze e Guattari acusam Merleau-Ponty de aderir uma perspectiva originária, ontológica, frente à carne, que aparece antes da filosofia, e até mesmo do senso comum. Furlan (2011) disserta sobre este debate e aponta que a distinção entre carne ou afeto que anima esta discussão pode se encontrar muito próxima, e até mesmo similar, nestas filosofias, ainda que divirja na extensão do sensível:

Note-se, como já dissemos, que a noção de Ser bruto ou Ser selvagem em Merleau-Ponty remete à questão da sensação em Deleuze-Guattari, primeira forma de composição do Caos. O Caos seria, assim, o pressuposto equivalente ao Ser sensível para Merleau-Ponty, um ou outro que se anunciam em nossa experiência da vida. A própria vida, como tudo que é formado, encontra-se no seio do caos de relações de forças entre os corpos (Deleuze-Guattari), ou no seio do sensível

(Merleau-Ponty). Mas enquanto em Merleau-Ponty a sensação, ou sentir (cf. nota 22), encontra seu limite na própria vida, Deleuze-Guattari a estendem a todo o Ser, com uma noção mais ampla de sentir. Segundo eles, há muito mais perceptos e afectos em um homem do que aqueles que ele de fato percebe e sente, e a função da arte é justamente extrai-los, isto é, torná-los percebidos (FURLAN, 2022, p.121)

A questão pode ser colocada da seguinte maneira: de acordo com a perspectiva fenomenológica, o mundo sensível desperta sensibilidades múltiplas, e quem sente é a carne, o aspecto “sentiente” (MERLEAU-PONTY, 1964). De acordo com a perspectiva pós-estruturalista, os afetos podem atuar como um plano autônomo, em que os desejos se articulam em um plano coletivo de forças repletos de disputas e territórios que se formam, desfazem e formam novos, em um movimento multidirecional e ininterrupto. Parece que a questão pode ser colocada também em termos da concepção de sujeito: ou a carne sente em relação ao mundo ativamente, ou somos um campo de desejo flutuante em que a concepção de sujeito aparece para oprimir todas as possibilidades que o desejo pode assumir.

Pois bem, na pesquisa o corpo aparece em uma relação íntima com a imagem, esta sendo agenciada como o que aparece nos corpos e regimes de visibilidade em disputa que se encontram e deslocam em relação à colonialidade. Conforme vimos no capítulo sobre o sujeito, o sujeito moderno colonial produz violências desde sua instauração, e a concepção de sujeito vem passando por modificações expoentes na contemporaneidade em relação com a imagem. Neste cenário, a dissolução do sujeito, qualquer que seja este, aparece como um escape que faz muito sentido – e é muito tentador. A pesquisa objetiva contribuir para a dissolução do sujeito colonial, para um mundo em que as relações aconteçam movidas pelos desejos, afetos, sensibilidades, e não de acordo com representações pautadas na opressão. Mas, para chegar lá, parece que tensionar os moldes nos quais o sujeito se inscreve de acordo com a colonialidade através da afirmação de modos outros de ser sujeito configura uma estratégia política que vem surtindo efeitos sociopolíticos relevantes. Neste sentido, aqui o sujeito é reconhecido como um conceito que mobiliza realidades sociais, seja este um fato, ou uma ficção – conforme vimos com M'Charek, os fatos e ficções fazem parte de um mesmo sistema que confere significados às experiências. Ainda assim, o corpo como conexão não termina na carne, ou no sujeito, porque se trata de um composto sensível que unifica variados agenciamentos que o integram. Eis que aqui o corpo se encontra em uma divisão de águas: é afeto, mas se relaciona com a relevância das modulações relacionadas ao sujeito político e à identidade por

meio destas categorias, e é carne, mas não termina na carne. Afinal, que corpo é esse?

O corpo na pesquisa é agenciado por múltiplos encontros que se dão a um nível físico e social, que aqui são apreendidos como indissociáveis na experiência corporal: a disjunção entre natureza e cultura, a primazia do sujeito em relação ao objeto, a diferença entre carne e afeto, não fazem sentido para a apreensão do corpo de acordo com esta perspectiva. O corpo aqui é apreendido mediante a participação de múltiplos agenciamentos que se conectam, sempre sensíveis: moléculas, sinapses, organismos, sorrisos, desconfortos, sustos, abraços, empatia, relações interpessoais, sistemas de referência, o social, mãos dadas, estímulo. O corpo recebe diversos estímulos cotidianamente, e se insere em um esquema que assume diversas camadas, constituindo um só plano movido pelas conexões sensíveis. Assim, a sensibilidade do corpo se encontra com a organicidade, ambas que acontecem em relação com o outro, com o mundo: somos porque em rede, repleta de afetos e diferenças.

A teoria de Spinoza (1677) parece muito pertinente para esta discussão. Spinoza abriu portas para muitas perspectivas sobre o corpo, tendo em vista que o tema da proeminência da mente em relação ao corpo era uma discussão efervescente na época em que escreveu sua obra. Para o autor, o corpo é uma potência de existência e de ação mobilizada pelas afecções, perspectiva compactuada pela pesquisa. Uma afecção é o encontro de um corpo com outro, que quando afetados neste encontro sofrem uma transição, ou alteração da potência de agir. Destas afecções podem surgir os afetos, como a tristeza e a alegria (SPINOZA, 1677). O autor questiona a separação e hierarquização da mente em relação ao corpo, e afirma que o corpo é movido por uma série de afetos que se apresentam de acordo com as situações nas quais se insere, afirmando que “o homem consiste de uma mente e de um corpo, e que o corpo humano existe tal como o sentimos.” (SPINOZA, 2009, p.31). Spinoza disserta,

Com efeito, todas as maneiras pelas quais um corpo é afetado seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que o afeta. Portanto, a idéia de cada uma dessas maneiras envolverá necessariamente a natureza de ambos os corpos. Assim, a idéia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado por um corpo exterior envolve a natureza do corpo humano e a do corpo exterior. (...) Segue-se, em segundo lugar, que as idéias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores (SPINOZA, 2009, p.34)

No contexto da pesquisa, este corpo como conexão apto a ser transformado pelas afecções também se encontra com a carne. Aqui, é também porque tem efeitos na carne viva que se torna relevante. A carne é apreendida pela pesquisa como os efeitos corporais que se manifestam na experiência da presença no agora mediante as sensibilidades. Carne é arrepio, frio na barriga, sangue, suor. A violência gerada pela colonialidade abordada pela pesquisa tem efeitos palpáveis porque faz com que a dinâmica social entre os corpos seja atravessada por uma série de crenças que podem ser somatizadas cotidianamente, assim como levar à dor, e à morte. Donna Haraway, sobre a carne, escreve que “A semiose materializada da carne sempre inclui os tons da intimidade, do corpo, do sangramento, do sofrimento, da suculência. Carne é sempre de algum modo úmida. Está claro que não se pode utilizar a palavra carne sem entender vulnerabilidade e dor.” (HARAWAY; GOODEVE, 2015, p.55).

Neste escopo, a relação do corpo sensível aparece como indissociável do social, ainda repleto de estruturas coloniais, o que pode ser elaborado por meio dos apontamentos de Frantz Fanon sobre a corporalidade. O autor disserta que, dentre muitos efeitos negativos que o racismo gera, a assimilação da estrutura social mediante a separação racial decorre na dificuldade de elaboração do esquema corporal para as pessoas negras, este compreendido como a construção do “eu enquanto corpo”, podendo abarcar aspectos fisiológicos, das sensibilidades e reflexos. Em seguida, o autor aponta que, ao se encontrar com a historicidade, “o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial.” (FANON, 2008, pg.105). O corpo aparece em Fanon atravessado por estruturas colonialistas que produzem na percepção e no sensível dinâmicas indissociáveis destas engrenagens, afetando os modos pelos quais as sensibilidades acontecem nas relações interpessoais. Estas reações podem se dar de maneiras incontáveis, mas muitas vezes se encontram com operacionalizações da disposição de localizações sociais que culminam em sofrimento na elaboração do sensível, complexificando o que é entendido por reflexo corporal espontâneo.

As conexões produzidas pelo encontro dos corpos se espalham multidirecionalmente, e acontecem em relação com seres vivos, de qualquer espécie. As máquinas por si só podem codificar, analisar, quantificar, e também incitar sensações múltiplas de maneiras variadas, mas não podem sentir afetos como carinho, afinidade ou desconforto. O sensível só acontece se mobilizado por afetos, que podem receber estímulos variados de diversos dispositivos, e se encontrar de maneiras variadas com as organicidades dos corpos. Apostamos na articulação entre

os corpos a partir das variadas conexões proporcionadas pelo sensível, com o objetivo possibilitar perspectivas sobre este a contrapelo dos regimes de visibilidade operacionalizados pela colonialidade e pelo neoliberalismo publicitário, assim como pelas biotecnologias, dando vias para sua apreensão por meio de uma ênfase no movimento e na sensibilidade que chegam na carne viva. As sensibilidades que se encontram com os corpos, constituídos do sensível, acontecem neste plano da experiência social repleta de afecções. Aqui, apreender o corpo como sensível aparece como uma afirmação da carne, de modo que estas sensibilidades se aproximam da mesma, ao invés de afastar – a carcaça de cada dia resiste mais um dia.

Em “Como falar do corpo. A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência”, Latour (2004) apresenta a possibilidade de compreender o corpo a partir de conversas entre diversos elementos que o afetam, tornando esse corpo mais facilmente descritível. Para o autor não faz sentido descrever o corpo diretamente, de modo que aponta para a sensibilização do corpo, que permite o registro dos elementos múltiplos que o afetam e são atravessados pelos sentidos. Assim, não faz sentido a distinção entre sujeito e objeto, tendo em vista que essa distinção está alicerçada na exclusão: ou exclui o sujeito que percebe, ou exclui o mundo e a ciência. O autor aponta para o conceito de articulação, que consiste na capacidade de afetar-se com o outro e com as diferenças, e possibilita agência aos componentes “artificiais e materiais que permitem progressivamente adquirir um corpo” (LATOURE, 2008, pg.43). Latour disserta,

Se o contrário de ser um corpo é morrer, não podemos pretender ter uma vida separados do corpo, muito menos uma vida depois da vida, ou uma vida do espírito: ou se tem um corpo, se é um corpo; ou está-se morto, é-se cadáver, um número numa macabra contagem de corpos. É esta a consequência directa do argumento de Vinciane Despret, inspirado nas ideias de William James sobre as emoções: ter um corpo é aprender a ser afectado, ou seja, «efectuado», movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas. Quem não se envolve nesta aprendizagem fica insensível, mudo, morto. (LATOURE, 2008, p.39)

Se é certo que mente e corpo não podem ser percebidos enquanto núcleos individuais, a percepção inevitavelmente terá um envolvimento sensório, seja de maior ou menor expressão consciente (CSORDAS, 1993). Csordas aponta que perceber o corpo enquanto paradigma metodológico, ou sujeito da cultura, leva a um colapso não só da distinção sujeito e objeto, mas também das distinções self e Outro, cognição e emoção, subjetividade e objetividade, e mente e corpo, atentando que esta última é de suma importância para fazer uma revisão conceitual do corpo, tendo em vista que

é necessário que o corpo enquanto figura metodológica não seja ele mesmo estruturado em uma dualidade (CSORDAS, 1993). Assim como o mundo não é um recurso passivo a ser descoberto pela ciência, o corpo não é só um objeto a ser observado, considerando que participa sensível e ativamente nos processos de percepção. Estamos no mundo porque em corpo. Para Lévi-Strauss (1975) entendemos o mundo a partir de feixes de oposições binárias, dicotomias que adquirem significado somente a partir do diálogo entre os extremos que as constituem. Esta lógica pressupõe um sistema significativo que ignora as sensações: a atenção necessita de um envolvimento sensório (CSORDAS, 1993) e há sensações sem significado léxico. Neste escopo, o corpo pode encontrar sua potência na mesma medida em que pode colocar em xeque modos polarizados de apreensão do social. Atentar para o corpo e o mundo através da consciência da importância dos sentidos no processo de percepção e construção teórica pode levar ao surgimento de epistemologias mais conscientes do espaço em que habitam.

O corpo, assim como a percepção, tem agência, e pode ser perigoso. Que o corpo é perigoso porque pode ser violento, agredir e matar é dito. Mas o corpo também pode ser perigoso de outras maneiras. Porque o corpo socialmente localizado – o que pode ser dar de múltiplas formas -, consciente de sua corporalidade e visão contingente, e inserido em uma rede de relações de naturezas diversas, pode apresentar um perigo porque aparece repleto de margens: ao se perceber situado nas próprias fronteiras parciais de localização a partir da experiência singular e relacional, e não em limites fundamentados em dicotomias hierárquicas e imagens homogeneizantes, pode passar a se expandir em termos de perspectiva, e, por que não, de imagem. O corpo pode ser perigoso porque tem uma perspectiva que pode se assustar e arrepiar.

cena XIV: agora e sempre

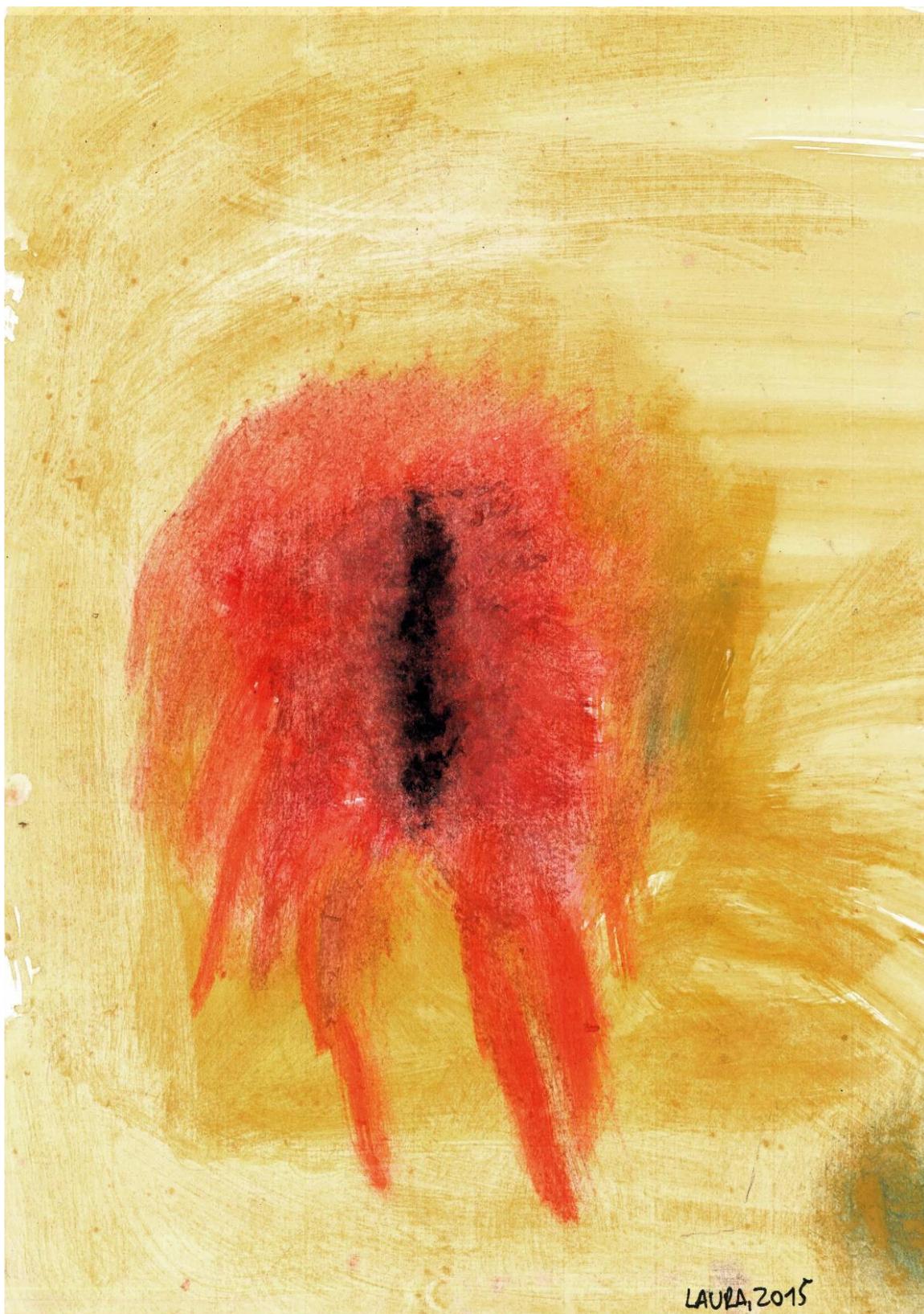
Por ter sido marcada virei oca, espelhando uma perspectiva certa a cada situação que passa e me constituindo em algo parecido com a fumaça que trago para ver se preenche de agoras etéreos que se repetem. Risco iminente e incessante – me esvaio. Me esvaio em pensamento, sentimento, fazendo do perigo minha lente primeira na leitura do mundo. Mãos trêmulas, suadas. Taquicardia. É isso o que acontece a cada

momento em que a marca é maior do que o agora - alerta. Estou em perigo. O “normal” prevalece mais uma vez. De novo, e de novo, e de novo... e muito. E a cada vez.

Mas se o perigo fica, eu também fico. Permaneço. E, ainda que eu tenha sido vítima de uma agressão, não me agrada a perspectiva de que eu seja uma vítima. Primeiro porque ser é uma palavra que pode adquirir tons de sentença, e, ainda, porque não me sinto em um lugar vulnerável. Posso ser perigosa de muitas maneiras. E a minha periculosidade não se encontra na força física – ainda que também possa se encontrar aí. As nuances bélicas do perigo que constituo, as quais prezo e acredito, podem habitar corpos sem confronto físico: a escrita e a arte são capazes de produzir vulnerabilidades em estruturas de violência, e ao acreditar nisso não me sinto vítima. Posso ser perigosa também porque sei que existem muitas camadas de cortes - e às vezes não sangra.

De cilada eu entendo bem, mas também de rota alternativa. Minha expressão tá aqui e os caminhos são muitos - cicatriz é transformação na física e na psique. Remendada e passo firme. Meu corte cicatriza a cada vez que me expesso. A cada morte uma marca, a cada vida um mergulho... para mergulhar basta estar vivo.

- o que rasga a pele?



O que rasga a pele, 2015
Espanja e acrílica sobre papel
21x29,7

É aí? São denominadas de "GURIA LEGAL" DE
 BONE, q' fala, né? Que diz q' são uma guria legal
 q' faz coisa de guri...
 Ou perguntei pra Anderson se da g
 PATTY e ela colocô a mão atrás da orelha
 e disse:
 - Ai! EU?
 Com 1 voz aguda, aí o Lucas disse:
 - TU É + O ESTILO D'ESSA GURIA, É A CAURA
 DE ANDA COM ELAS...
 ANA - TU B'JA GURIA?
 ANDRÉ - HÃ?
 EU - ñ tá preocupem gosto de guri...
 É b'ja o Lucas!
 - DAI PENAN! ESSA GURIA É TABADA! EIX SE AGAR-
 RANDO NAGEANTE! ~~Essa referindo à Ana Julia~~
 PENAN! Mas a TIK também se agarra!
 Lucas - Ah! A TIK é homem! PRR
 Quem de noite tenta pensando se eu
 era lesbica, nada contra, mas ñ quero ser lesbi-
 ca... O preconceito q' a sociedade tem comigo
 guria q' anda com guri...

im, ela é bonita!

Bom Tu é curial!

coisa estranha!!
e senti mal

zuri, vale! pq só bacia nem nada

lêrica - Bicho não há hora a laringe

lêrica - Tu eu lêrica 2 x há já
a coragem, vale!

na, se me orgulho disso. do agente e memória pra um
de laringe igual pq o corpo dos 2 sexes é igual, mas
ado. parece é difícil... Cui encara!!

lêrica - se quer saber, ter medo qn é vergonha, vergonha!
m ter coragem de enfrentar, e sem ele, a coragem qn é
mistéria. e só vi lida na coragem! e só não de

cena XV: uma imagem do agora

Meu corpo acontece agora. Corpo que existe, vida que existe. Responsabilidade que existe.

6.4. Manancial: Imagem como corpo

Será que onde tem representação não tem afecção? Se o corpo aparece como uma possibilidade de produção de resistências, em que medida a imagem atua nestes processos? O corpo que muda a autoimagem transforma a si e ao outro ao mesmo tempo? A imagem se espalha? A imagem pode ter outros sentidos que não a visão? E, ainda, a imagem pode ser um corpo? Nesta sessão, o corpo e a imagem são entendidos enquanto realidades verossímeis, faces que se encontram no afetar-se e se espalham em múltiplas direções, podendo se relacionar de formas inusitadas quando atravessados pelo sensível. Estes encontros sensíveis do corpo com a imagem são multidirecionais – aqui objetiva-se escapar aos centros, dualismos, holismos, e percepções solidificadas. A imagem é caracterizada como um corpo que acontece nas relações interpessoais, de forma que aparece como apta a agenciar engrenagens sociais mediante as sensibilidades. A exploração sobre a relação do corpo com as imagens dá continuidade à discussão sobre as implicações de uma perspectiva interseccional no agenciamento destas, e possibilita a posterior discussão sobre o transitar das imagens nas tecnologias digitais de comunicação e informação. Por se encontrar entre margens, a imagem pode atuar em relação com diferentes sistemas e perspectivas, reproduzindo violências e/ou dissidências agenciadas pelo sensível e pela diferença. De acordo com o que foi sugerido anteriormente, a imagem pode atuar como uma estratégia no agenciamento das dinâmicas com as identidades, movimento que ocorre em conjunção com a possibilidade de tensionamento da gênese do sujeito moderno colonial. Agora esta perspectiva sobre a imagem é investigada por meio da ênfase nas fronteiras da potência do afetar-se em relação com os sistemas de referência sociopolíticos dispostos – e aptos a transformações.

Em sua obra intitulada *Matéria e Memória*, Henri Bergson (1986) questiona a disputa entre duas grandes correntes da história das epistemologias modernas,

realismo e idealismo, ao sinalizar o papel central da memória e da imagem nesta equação. Ainda que o que exponho aqui seja um breve esboço de sua obra, são viáveis alguns apontamentos relevantes de quando o autor estabelece uma conversa com a relação entre o corpo, imagem, percepção e afecção propostas nos capítulos iniciais de *Matéria e Memória*, temas caros para esta pesquisa. Em sua teoria da imagem, Bergson aponta que a imagem é o conjunto das matérias, “uma existência situada a meio caminho entre a “coisa” e a “representação”” (BERGSON, 1999, pg. 2), e abrange tudo o que existe e pode ser visto, desde objetos até seres vivos, assim como atua em todos os tempos, desde a percepção presente até a memória passada que atua em função da ação futura. Em aposta na compreensão da imagem para o senso comum, o autor aponta que “o objeto existe nele mesmo e, por outro lado, o objeto é a imagem dele mesmo tal como a percebemos: é uma imagem, mas uma imagem que existe em si” (p.2). Em “Percepção e memória na filosofia de Henri Bergson”, Rafael Pellegrino (2015) aponta que o termo imagem em Bergson “possui dois sentidos, e os unifica em si: 1) é aquilo que participa do conjunto do mundo material; 2) é a imagem percebida, portanto, a parte do mundo material que reflete a ação possível e o interesse de “meu corpo”” (PELLEGRINO, 2015, p.57). De acordo com esta perspectiva, o corpo é caracterizado enquanto uma imagem, ou matéria, tendo em vista que está imerso em um todo material unificado, de forma que se constitui para Bergson enquanto uma extensão do todo que o cerca, com a peculiaridade de ser uma imagem que tem o caráter de agência perante as outras devido à sua complexidade fisiológica. Bergson aponta,

Pode dizer que meu corpo é matéria ou que ele é imagem, pouco importa a palavra. Se é matéria, ele faz parte do mundo material, e o mundo material, conseqüentemente, existe em torno dele e fora dele. Se é imagem, essa imagem só poderá oferecer o que se tiver posto nela, e já que ela é, por hipótese, a imagem de meu corpo apenas, seria absurdo querer extrair daí a imagem de todo o universo. *Meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é, portanto, um centro de ação; ele não poderia fazer nascer uma representação.* (BERGSON, 1999, p.14)

O corpo em Bergson é o centro de ação da percepção, esta última se alterando de acordo com as variações do primeiro, o que faz com que através do corpo se regulem todas as outras imagens, e com que a exterioridade e a interioridade não sejam mais do que interações entre imagens (BERGSON, 1999, p.21); pode-se indicar que para o autor os sentidos atravessam o querer, ou o interesse, voltado para determinadas imagens em detrimento de outras, e que é no nível das imagens que a percepção está colocada. Indissociável da imagem, a percepção pode aparecer

enquanto a relação entre o conjunto de imagens e a ação possível da imagem corpo: a percepção seria a subtração, ou decréscimo, do todo de imagens, e tem o fim de atentar para as imagens que interessam para o momento, ou que podem ser úteis para a ação, e neste sentido há uma classificação antecipada dos objetos percebidos. Bergson aponta que provisoriamente pode-se compreender a percepção da seguinte maneira: “Chamo de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo” (p.17).

Uma das vias para a elaboração do conceito de representação em Bergson pode ser percorrida a partir da noção de “reconhecimento no instantâneo”, em que se abrem caminhos para a possibilidade de se experienciar o espaço-tempo presente através da percepção e do querer, atrelando os corpos e as imagens mais ao âmbito da agência do que da representação. Assim, para o autor em relação à percepção pura, “apenas o corpo é capaz, sem que nenhuma lembrança explícita intervenha. Ele consiste numa ação, e não numa representação.” (BERGSON, 1999, p.103). Ainda que o que depende da atividade do corpo é a representação das imagens e não a existência destas, tendo em vista que o todo material e as imagens podem ser entendidos como a mesma coisa, esta representação acontece sempre em função do espaço-tempo presente, seja em referência ao passado ou ao futuro, e através da percepção e do afeto; a representação em Bergson sai de um plano exclusivamente mentalizado para ser atravessado pelo plano dos sentidos. Ainda assim, pode-se dizer que a imagem em Bergson adquire um caráter ontogênico, tendo em vista que o autor aponta que acontece uma existência pura da imagem que se transforma em representação quando há a supressão da imagem em si, que passa a ser conservada e se atrela à memória,

O que a distingue, enquanto imagem presente, enquanto realidade objetiva, de uma imagem representada é a necessidade em que se encontra de agir por cada um de seus pontos sobre todos os pontos das outras imagens, de transmitir a totalidade daquilo que recebe, de opor a cada ação uma reação igual e contrária, de não ser, enfim, mais do que um caminho por onde passam em todos os sentidos as modificações que se propagam na imensidão do universo. Eu a converteria em representação se pudesse isolá-la, se pudesse sobretudo isolar seu invólucro. A representação está efetivamente aí, mas sempre virtual, neutralizada, no momento em que passaria ao ato, pela obrigação de prolongar-se e de perder-se em outra coisa. (BERGSON, 2010, p. 33)

Em “Somos nada mais que imagens” Anne Sauvagnargues (2020) faz referência a Bergson quando este “tenta definir a percepção sem lhe dar um sujeito

ou um objeto. Portanto, ele define a percepção sem dizer “há alguém que percebe”, “uma coisa que é percebida” (SAUVAGNARGUES, 2020, p.20), e faz alusão ao momento em que Bergson coloca a diferença entre a imagem corpo e as outras imagens a partir da constatação de que se fechamos os olhos as outras imagens desaparecem, o corpo sendo um “sistema perceptivo que enquadra, e que, portanto, pode parar de enquadrar” (p.20). Assim como em *Matéria e Memória* fica evidente a importância da percepção e do corpo na seleção das imagens, Sauvagnargues aponta para a criação de uma *Ecologia das Imagens*, perspectiva em que as imagens também não se apresentam enquanto apenas representativas, mas existem onde quer que haja um enquadramento subjetivo, desde o ser humano até as câmeras fotográficas e materiais artísticos. A autora também aponta para a relação entre a percepção e a ação, indicando que a imagem é em si percepção, ação e afecção, a relação entre a percepção e a motricidade sendo mantida pelo afeto. Assim, toda percepção é motora, e a imagem é um modo de individuação sensório-motor, não estando mais “subordinada ao plano das representações e ao mesmo tempo ela (a imagem) tomaria uma existência física e cognitiva” (SAUVAGNARGUES, 2020, p.23). Em relação à questão da separação entre o âmbito “real” e “imaginário”, que pode ser também entendido como a separação entre a mente e o corpo, a autora aponta que “somos compostos de relações materiais, e o pensamento acompanha o conjunto destes compostos” (p.23), e ainda, “o pensamento, em seu reino, descreve exatamente as mesmas relações que a relação corporal” (p.23), o que conflui na proposição de uma “ordem de ideias que é também uma ordem material de conexão” (p.24). Isso pode ficar evidenciado quando a autora propõe uma filosofia da imagem que se aplica à subjetividade, dando margem para o surgimento de uma subjetividade técnica em que aparelhos tecnológicos possuem pequenas subjetividades que podem aumentar nossa capacidade de sentir.

Ainda que Bergson postule que a percepção está voltada para fora enquanto a afecção se volta para dentro, estes elementos se apresentam enquanto componentes indissociáveis, de modo que se faz possível elaborar a importância do corpo na seleção de imagens, ponto chave para a caracterização da imagem enquanto uma tecnologia de subjetivação sensível, especialmente quando associada à caracterização do corpo enquanto uma imagem. A busca por uma imagem que pode viver mais atrelada a um âmbito sensório do que representativo em Bergson é atravessada pela percepção e afecção, de modo que o autor aponta para possibilidades de experimentação da imagem mediante a compreensão do corpo

enquanto uma imagem com agência perante as imagens que lhe afetam: a contrapelo de muitas teorias da imagem que apreendem a imagem exclusivamente por meio da representação, as imagens podem ser apreendidas sensivelmente, e para cada corpo as imagens se apresentam de maneiras diferentes. Tanto em Bergson quanto em Sauvagnargues, ainda que exista uma grande diferença de época e de paradigmas científicos entre estes autores, nota-se a indissociação da imagem com o corpo e da percepção com a agência, o que também possibilita uma perspectiva frente às imagens a partir da sensibilidade e da afecção.

Também compreendemos o vínculo do corpo com a imagem através das implicações das sensibilidades. A imagem se encontra nas margens entre o material e o imaterial, orgânico e sensível, entre a representação e a afecção. Para estes estudiosos da imagem, pode-se dizer que os objetos com existência concreta podem ser imagens, inclusive nossos corpos, seja a partir de uma óptica que volta a imagem para a matéria ou para enquadramentos subjetivos: o corpo é uma imagem. No contexto da pesquisa, o corpo igualmente aparece como uma imagem, mas a imagem também pode ser um corpo. Nota-se que esta diferença no modo de colocar a sentença abre uma série de portas para a apreensão da relação da imagem com o corpo, tendo em vista que, de acordo com esta perspectiva, a imagem pode ser percebida também por seu caráter corpóreo: sensível, indissociável da organicidade, e sempre relacional - conectivo.

Se o corpo ao qual a pesquisa se aproxima é repleto de conexões multidirecionais e variadas, aparecendo como composto de aspectos orgânicos, afetivos e sociais, a imagem aparece como um corpo agenciado pelos sistemas de referência sociais e sensibilidades, produzindo e sendo produzidos também pelo contato com a carne viva: aí está a fatalidade do risco da imagem, e também do gozo. Vejamos novamente o que Spinoza disserta ser um corpo:

Com efeito, todas as maneiras pelas quais um corpo é afetado seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que o afeta. Portanto, a idéia de cada uma dessas maneiras envolverá necessariamente a natureza de ambos os corpos. Assim, a idéia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado por um corpo exterior envolve a natureza do corpo humano e a do corpo exterior. (...) Segue-se, em segundo lugar, que as idéias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores. (SPINOZA, 2009, p.34)

Para o autor as imagens e corpos atuam como coisas diferentes, as imagens das coisas aparecendo em sua teoria como “as próprias afecções do corpo humano,

ou seja, as maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelas causas exteriores e está inclinado a fazer isto ou aquilo.” (SPINOZA, 2009, p.61). Tendo isso em vista, aqui há consonância com a teoria do autor em relação à capacidade das imagens de produzir afetos, mas, atentando para a caracterização do corpo como a capacidade de estabelecer conexões sensíveis previamente elaborada, a imagem sugerida pela pesquisa também pode se manifestar como um corpo relacional imerso em um plano afectivo multidirecional. Isso decorre do entendimento de que esta imagem agenciada na pesquisa é experienciada no encontro interpessoal, como um corpo que se encontra nas margens entre uma pessoa e outra(s), produzindo comoções variadas – assim como o corpo em Spinoza.

Em consonância com os autores citados nesta sessão, estes encontros acontecem também nas margens do material e imaterial, mas no contexto da pesquisa se dão nas fronteiras das estruturas de representação coloniais e dos diversos agenciamentos possibilitados pela experiência sensível despertados pelas imagens que se articulam com estas estruturas de maneiras variadas, estes aspectos da imagem aparecendo de forma indissociável. Esta perspectiva permite uma aproximação voltada para a relevância da imagem nas dinâmicas produzidas pelas relações sociais, agenciadas tanto pelas referências sociopolíticas, quanto pelo plano das sensibilidades. As imagens corpos se encontram no limítrofe da significação e da sensibilidade, assim como da materialidade e da imaterialidade, de maneira que a imagem se caracteriza como corpo na medida em que -diferentemente do que em Bergson - o corpo pode ser tanto um centro de ação como de representação: as estruturas de referência podem se articular de maneiras variadas, se fragmentando em relação com as sensibilidades, e a imagem aparece como um corpo que também agencia estas relações por se encontrar neste ínterim.

Talvez o ponto crucial para a apreensão da imagem como corpo proposta pela pesquisa habite no aspecto da representação: em diversas teorizações sobre a imagem, esta se encontra em um lugar que pende para a afecção ou para a representação, estes conceitos aparecendo frequentemente como incompatíveis. Muitas vezes, a imagem pode aparecer como uma representação ou significação na medida em que se relaciona com a memória, de forma que frequentemente atua como uma imagem mentalizada ou significante no sentido do abafamento dos afetos; por outro lado, a memória pode aparecer como a manifestação da afecção no tempo, dissociada da representação. Ainda que a mente e o corpo possam ser apreendidos como realidades indissociáveis, a imagem então aparece como algo que pode ser

cristalizado no tempo através da capacidade da lembrança, seja esta orgânica ou mental, e para manter ou diminuir a potência dos afetos, comumente tendendo para, de um lado, a afecção, e, de outro, a representação. Esta valorização de um aspecto sobre outro em relação com a memória pode ser evidenciado quando Spinoza aponta que “O homem é afetado pela imagem de uma coisa passada ou de uma coisa futura do mesmo afeto de alegria ou de tristeza de que é afetado pela imagem de uma coisa presente.” (SPINOZA, 2009, p.56). e, ainda sobre a imagem em Spinoza, “A essência das palavras e das imagens é constituída exclusivamente de movimentos corporais, os quais não envolvem, de nenhuma maneira, o conceito do pensamento.” (SPINOZA, 2009, p.46). Ou, conforme suprarreferido em Bergson em relação às imagens representadas, “A representação está efetivamente aí, mas sempre virtual, neutralizada, no momento em que passaria ao ato, pela obrigação de prolongar-se e de perder-se em outra coisa.” (BERGSON, 2010, p. 33).

Aqui, a imagem também se encontra com a representação, mas em sentidos muito sensíveis: em larga escala, a imagem é situada como corpo porque seu agenciamento acontece nas relações interpessoais, por entre os sistemas de referência dispostos e seus tensionamentos, sempre repletos de sensibilidades. São imagens que podem habitar a memória justamente porque podem habitar os afetos e organicidades, produzindo reafirmações ou tensionamentos em relação aos sistemas de opressões que acontecem em agoras multiformes. A memória neste esquema atua como memória coletiva e pessoal agenciada pelas representações, engrenagens de opressão e privilégio, que possibilitam o aprisionamento e/ou a expressão, de forma que o próprio cenário por onde a imagem atua pode ser modificado, assim como a concepção sobre o que são o sujeito e o corpo. A imagem é um corpo tanto social quanto individual – afeto conectivo indissociável dos efeitos na carne viva.

cena XVI: agora

o profundo é sempre mais fundo porque pró fundo tão fundo fundo mas tão fundo que pelo e por fundo se chega no raso pé na areia lá nas profundezas da água doce e enfim se descobre que é peixe sabe nadar só que sem guelras mas com pés e no fim o fundo é bonito é delicioso mas nunca foi o fim e nunca foi o fundo e sim o início de uma vida no rio

é assim que tu pode fundar teu fundo porquê de fundo possivelmente tu entendas mas e de se perder no imenso tudo nada nadando no raso poça d'água quem sabe a gente se encontra lá tu sabe onde tem conchas portais e é muito molhado bem ali virando ali olhando ali horizonte raso fundo cachoeira de pernas pés fluidez de riso solto até chorar e nesse momento mergulho a inexatidão incerteza das águas vai dar aquela resposta que todo mundo quer saber sobre o peso das gotas e a leveza de toneladas de enxurrada bem aqui pé no chão banho de chuva na infinitude infinita do raso mais raso e mais fundo que já existiu

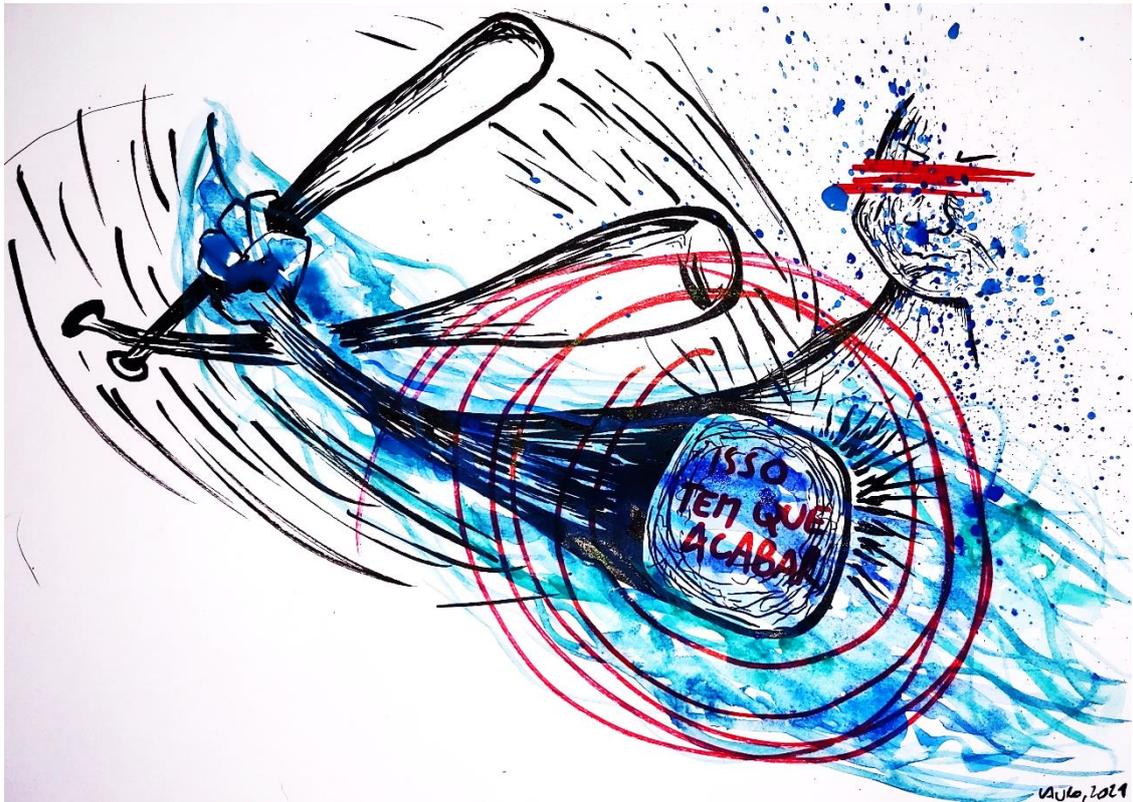
- água corrente desafia o paradoxo



Fluxo I, 2022
Técnica mista
14,8x21



Fluxo II, 2022
Técnica mista
14,8x21



Fluxo III, 2022
Técnica mista
14,8x21

No texto “Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial” (RESENDE; ROBALINHO; AMARAL, 2019), se faz possível a exploração sobre os modos pelos quais a imagem pode se encontrar com o corpo e com a decolonialidade. O artigo analisa os eventos de violência extrema que envolvem os ossos de africanos escravizados no Rio de Janeiro e o filme “Era o Hotel Cambridge”, que aborda a situação dos refugiados no Brasil, para postular a imagem como um meio de resistência e sobrevivência a estruturas coloniais. Estes elementos são entendidos no artigo como “operadores de invenção corporal e subjetiva, tributários não apenas da composição de um corpo, mas de uma imagem capaz de constituir um corpo, dilacerado, muitas vezes, através de múltiplos agenciamentos” (RESENDE; ROBALINHO; AMARAL, 2019, p.482). As imagens dos ossos e do filme aparecem como um meio de resistência porque mostram o que muitas vezes se tenta apagar, esquecer. Neste sentido, os ossos de africanos escravizados aparecem como corpos que existem “apesar de tudo” (DIDI-HUBERMAN, 2003). Em se referindo ao corpo de uma jovem, a qual se encontra ainda neste local, mas agora com um funeral religioso, os autores apontam que “há um corpo-imagem que nasce na intermitência que ela própria produz, imagem que nasce do esforço do seu próprio apagamento.” (RESENDE; ROBALINHO; AMARAL, 2019, p.487). Essas imagens se fazem presentes mediante diversas conexões possibilitadas pela sua existência, tensionando modos de experiência do social e perspectivas sobre a história colonialistas através da sua permanência ao longo dos diversos tempos e espaços. Os autores indicam que

Na intermitência dessas imagens, que vão e voltam, cruzando tempos e espaços distintos, é que nos parece possível encontrar as (r)existências. Elas são corpos – e os corpos são imagens – que teimam em emergir; são rastros e restos coletivos de pequenas ardências, chamas que acendem clareiras na escuridão. Como os vaga-lumes, esses corpos e essas imagens sobrevivem, de forma intermitente, desaparecem e tornam a aparecer, apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Assim, se de uma geografia exaurida (ROGOFF, 2006), como esta na qual estamos imersos, nasce a demanda por uma reflexão que busque recursos de outros instrumentos analíticos, este artigo, de algum modo, aposta na imagem como recurso fundamental no contexto das pós-colônias. O desafio é escavar a contrapelo a imagem que nos olha, de modo a fazer com que esta, enquanto instrumento analítico, possa também ser capaz de nos fazer ver. (RESENDE; ROBALINHO; AMARAL, 2019, p.497)

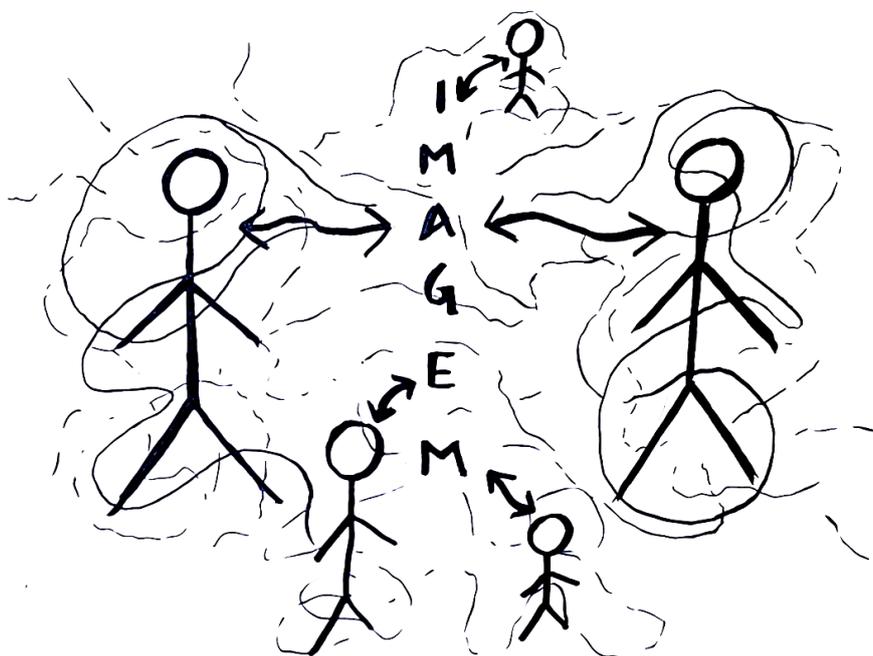
De acordo com esta perspectiva, a imagem aparece como um corpo de memória e resistência que vai a contrapelo dos regimes de visibilidade coloniais porque transita por tempos e espaços afirmando outras possibilidades de existência e denunciando as violências produzidas por estas práticas. Desta maneira, a imagem distende o campo do visível, tensionando que sujeitos podem ser vistos, e como. Além disso, a imagem também pode produzir novas maneiras pelas quais as circunstâncias históricas são vistas, evidenciando as variadas violências que permanecem em relação com muitas destas circunstâncias e proporcionando agenciamentos possíveis no campo em disputa das identidades em diversas temporalidades e espaços a partir de agora repletos de possibilidades.

A imagem corpo para a pesquisa se encontra com esta perspectiva mediante a aposta na produção de tensionamentos que imagens que viajam por margens diversas em relação com os sujeitos e as variadas dinâmicas com a identidade podem produzir. A atuação destas imagens em agora repletos de elementos tanto inusitados, como estruturais, possibilitam o exercício das sensibilidades de maneiras complexas, e as perguntas sobre o que é visto e o que não é e como estas faces da visibilidade se encontram e desencontram em relação com sistemas de representação coloniais são articuladas mediante a imagem como uma tecnologia capaz de produzir sensibilidades. O sensível imbricado nestes agenciamentos configura possibilidades dissidentes em relação às estruturas do visível esquematizadas pela colonialidade quando culminam em reflexões – dentre elas o questionamento iminente sobre quem pode ser o sujeito da imagem.

Assim como os modos de apreensão frente às imagens podem aparecer muitas vezes de maneira predisposta, confluindo na desumanização e na produção de violências, se faz possível o reconhecimento de sensibilizações provocadas pelas imagens de maneiras diferentes. Os corpos tem sensações, marcas e memórias singulares agenciadas em variados contextos de dinâmicas sociais que se apresentam de forma estrutural com elementos em comum, assim como de formas inesperadas, de acordo com as situações. Estas dinâmicas podem articular os regimes de visibilidade nos quais as imagens se inserem, de modo que a imagem se encontra nas fronteiras das sensibilidades, organicidades e sistemas de referência, que aparecem no estudo como aptos a se afirmar e fragmentar paralelamente e em conjunção. Deste modo, a localização política dos corpos pode atuar em relação com o âmbito das sensibilidades, inclusive pré-verbal e pré-reflexivo, possibilitando a

efetivação de fraturas nos sistemas de representação colonialistas e nas dinâmicas de dominação e violência. Apostamos que a relação estrutural colonialista de desumanização e produção de risco, e, por consequência, sofrimento social, pode se transfigurar: o desconforto aparece para quem e porquê? E ainda, onde e quando? O desconforto, o susto, a afinidade, dentre outros afetos, podem ser agentes potentes para mudanças nos modos de perceber a localização dos corpos, e a imagem como corpo pode atuar em relação com a disseminação, assim como com o escape, no que se refere aos modos de operacionalização dos sistemas de representação coloniais em relação com os regimes de visibilidade fundamentados em violências. Tendo isso em vista, a imagem é investida como um elemento apto a produzir agenciamentos variados por entre afecções, sistemas de representação, reflexões, olhares. A imagem como corpo relacional pode ser visualizada através do diagrama abaixo:

Diagrama 4 – Imagem como corpo



2021

Fonte: a autora (2021)

Pode-se pensar no quão nociva uma imagem pode ser a uma lógica normativa, tendo em vista que, se de acordo com os corpos não marcados da colonialidade, ser

sujeito pressupõe não ter um corpo, e sim uma imagem normativa, uma imagem corpórea e sensível pode atuar como uma tecnologia de subjetivação que conflui em processos reflexivos em relação a opressões estruturais que regulam humanidades em consonância com o sujeito moderno colonial. Assim pode ser possível a perspectiva sobre uma rede de imagens que se afetam multilateralmente: sujeitos que se afetam a partir de imagens variadas no contato, dando margem para a criação de novas imagens e modos de experiência com as variadas modulações pelas quais as sensibilidades e relações interpessoais podem acontecer - é assim que a imagem pode ser um corpo.

Descentralizar a imagem de um sujeito pré-formado e destituir a unilateralidade da imagem: é possível afetar, ser afetado e vivenciar esses dois aspectos da afecção simultaneamente, em relação com modos de agenciamento variados das estruturas de representação coloniais. A imagem neste cenário aparece como uma tecnologia de subjetivação sensível e relacional. Seja a partir da experimentação dos nossos corpos enquanto laboratórios imagéticos afetivos através da vivência de uma estética singular enquanto prática de si; seja através da aptidão humana à suscetibilidade de ser atravessada por imagens que tocam; seja enquanto imagens compartilhadas no plano presencial; seja por imagens encontradas em ambientes virtuais: se dinamizam conexões, todas estas imagens podem ser caracterizadas enquanto corpos. A imagem aparece como uma tecnologia de subjetivação social, corpórea e fronteiriça, apta a tensionar o visível e o invisível e atuar no sentido da produção de fissuras nas representações fundamentadas em lógicas colonialistas gerenciadas por práticas de violência e marginalização – encontro também é fissura. De acordo com o que foi exposto até aqui, as margens da imagem podem ser elaboradas assim:

Diagrama 5 – Hidrografia da imagem II



Fonte: A autora (2022)

Camaleoa com fome de vida II, 2020
Nanquim sobre papel
14,8x21



7. Torrente ou sonho: Digital

Este é o momento da pesquisa em que todas as questões trabalhadas até agora se encontram especificamente na atualidade digital. Esta sessão se debruça na análise dos fatores implicados na produção e disseminação de imagens neste contexto, dentre os quais se encontram a economia, a tecnicidade, e a experiência com o tempo, que se transformam drasticamente em relação ao contexto da colonização explicitado anteriormente. Neste cenário, a imagem aparece como um fator expoente para o estabelecimento da nova dinâmica política, econômica e social, que agora configura a performance crescente das tecnologias digitais nos mais diversos âmbitos. A imagem se encontra com a colonialidade e com o tecnoliberalismo, de modo que é agenciada de maneiras contínuas e descontínuas em relação aos regimes de visibilidade elaborados até aqui devido ao seu caráter técnico. Estes regimes ainda se fazem presentes, se reatualizando e perpetuando matrizes de dominação e violência, assim como se transfigurando e produzindo novas dinâmicas interpessoais: a imagem aparece como um elemento indissociável do social, agenciado em larga escala por certa lógica pautada na extração que converge nos efeitos da colonização na experiência com maneiras de exercer as identidades. Além disso, a imagem segue sendo investigada mediante sua atuação como um corpo repleto de conexões, agora com destaque para os modos pelos quais estes agenciamentos acontecem no contexto atual. Este contexto, marcado pela economia dos algoritmos¹⁶, se encontra com a colonialidade de maneiras complexas, e também com os afetos. Em relação com a imagem, os afetos parecem participar ativamente da operacionalização da economia política na atualidade – onde se encontram as vias de escape?

Esta sessão se inicia com uma investigação sobre os modos pelos quais a imagem se encontra com a colonialidade na atualidade digital, dentre os quais se encontram questões econômicas que se relacionam com perspectivas colonialistas e extrativistas, e a imagem é elaborada como um elemento dentre outros para o gerenciamento deste sistema. Em seguida, acontece uma exploração sobre as novas dinâmicas de relação com a imagem quando estas são produzidas de maneira

¹⁶ Economia dos algoritmos consiste na negociação, compra e venda de algoritmos. Este processo pode ser associado à economia psíquica dos algoritmos. Segundo Fernanada Bruno (2013), as subjetividades são influenciadas pelos processos realizados através de algoritmos com o fim de produzir e prever condutas através da análise monitoramento de dados psíquicos e emocionais.

técnica, de modo que os agenciamentos que irrompem se fundamentam menos em ontogenias para se encontrar com uma perspectiva inovadora em relação à experiência com o tempo. O sujeito colonial perde força, mas os regimes de visibilidade instaurados por este sujeito parecem ainda se fazer presentes. Por fim, a imagem aparece como um corpo dinamizado pelas conexões despontadas na atualidade, de modo que são expostos elementos relacionados a atividades neoliberais que proporcionam o cenário para a apreensão da imagem nesta conjuntura: a imagem segue atuando como um corpo atravessado pelos afetos, organicidades e representações, agora com destaque para sua performance em relação com certa gestão do digital sistematizada por algoritmos, de modo que estas conexões proporcionadas pela atuação da imagem como um corpo permite uma aproximação dos modos pelos quais os corpos – orgânicos, afetivos, relacionais, interativos - estão sendo conectados. Aqui, a representatividade se encontra com o tecnoliberalismo, e a temática da gestão digital das imagens é explorada por entre as margens de interesses político econômicos, afecções e dissidências.

7.1. Escoamento: colonialidade e imagem na atualidade digital

Como a colonialidade se encontra com o advento do digital? E, ainda, como as imagens se inserem neste jogo de forças? Nesta sessão são explorados os modos pelos quais as digitalidades se encontram com práticas coloniais, e também é inserido o tema da articulação com a imagem nesta conjuntura. Aqui, a imagem aparece como um elemento dentre outros que podem ser apreendidos através da lógica da extração. Esta configuração colonialista produz desdobramentos econômicos e sociopolíticos complexos, e situa a imagem como apta a atuar no sentido do gerenciamento deste sistema na atualidade.

Sociedades paulatinamente atravessadas pelas tecnologias de informação e comunicação edificadas por lógicas algorítmicas dão indícios de que o sistema colonial operacionalizado pela lógica do progresso e da extração de recursos se reconfigura no funcionamento do big data¹⁷ (MEJÍAS, 2109; RICAURTE, 2019). Salvo

¹⁷ Big data pode ser traduzido como “megadados”. Conjunto imenso de dados processados e armazenados que permitem a extração de informações e a produção de estratégias variadas através do cruzamento de dados.

algumas exceções, os vales do silício se encontram em grande escala em territórios historicamente situados como colonialistas ou imperialistas, o que pode ser estendido para a localização das pessoas mais influentes no ramo das plataformas digitais, em um geral associadas à GAFAM¹⁸. Estudos também apontam o maior engajamento de imagens que mostram pessoas brancas nestas plataformas e manifestações do racismo estrutural nas biometrias de reconhecimento facial (BROWNE, 2015). As plataformas digitais atuam como máquinas com uma imensa gama de dados, capturados, armazenados, cruzados e comercializados, de modo que empresas e governos se beneficiam deste mecanismo algorítmico para incitar perspectivas, desejos e ações (MANOLO, 2019; BRUNO, 2013). Estas engrenagens suscitam modos de estar no mundo que ressoam com lógicas colonialistas, tanto no sentido de disseminação de perspectivas, quanto no sentido de distribuição de influência econômica e política. Através de uma perspectiva sobre as margens, é viável a ponderação sobre como estas se complexificam através da inserção de modalidades reatualizadas do que poderia ser chamado como conteúdos e softwares sociais caso isso fosse possível – e se não fosse deliberadamente insuficiente - em um movimento autofágico e ininterrupto.

Esta atualização de engrenagens do sistema colonialista em relação com as tecnologias digitais parece se dar, além de mediante maneiras inovadoras, com uma permissibilidade inacreditável: a regulamentação do algoritmo é ínfima se comparada à capacidade de agenciamento dos modos de existência que o digital tem acarretado, e muitos problemas relacionados à marginalização aparecem no horizonte desta problemática. Gentrificação, reiteração de opressões estruturais, inacessibilidade em relação ao conhecimento sobre mecanismos de programação e sobre questões econômicas que regem as plataformas digitais, dentre tantas outras relações que poderiam ser feitas entre as tecnologias digitais e estruturas neocoloniais e imperialistas, fazem por mostrar que a internet é uma questão política, e ainda, que a internet, em muitos aspectos, pode compor arranjos problemáticos. Mas não são arranjos que surgem no século XXI de modo fortuito e ocasional, e, além disso, a internet não traz consigo só – e não precisa necessariamente trazer – questões da ordem da marginalização.

A polêmica nova era geológica intitulada Antropoceno por Paul Crutzen nos anos 2000 se encontra com o advento do digital para marcar a saída da humanidade

¹⁸ Acrônimo de grandes plataformas digitais: Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft.

do Holoceno: o Antropos, ou humano, aparece então como elemento central para a compreensão e experiência dos modos de vida na Terra. Dentre outros fatores que articulam a passagem do Holoceno para o Antropoceno, podem ser citados aqui o crescimento demográfico da população humana no último século, a multiplicação da produção e do consumo associado ao progresso tecnológico, e as mudanças climáticas (SVAMPA, 2019). A perspectiva extrativista que tem regido as margens sociais e naturais atua nesta nova era geoglobal nos mais diversos âmbitos, de maneiras variadas e incisivas: de uma perspectiva ambiental é notável o consumo expansivo de recursos naturais dos últimos anos, dando vias para um debate geológico sobre os efeitos destes acontecimentos nas rochas sedimentares por meio da acumulação de plástico (ZALASIEWICZ, 2016). No que se refere a questões da ordem do digital, o colonialismo de dados pode ser localizado como um exemplo dentre outros de uma grande engrenagem sustentada por lógicas pautadas na extração, aparecendo para tensionar o que pode ser caracterizado como recurso e também os meios para obtenção de lucro no tecnoliberalismo. Ainda assim, os efeitos destas novas práticas não podem ser dissociados da materialidade, ou da historicidade: desde os depósitos de lixo tecnológico até o acesso ao alimento, limites econômicos e geográficos estão bem definidos quando se trata de obtenção de recursos, seja eles quais forem. Estudos apontam para a relação do Antropoceno com a expansão das fronteiras dos commodities¹⁹ nas periferias (SVAMPA, 2019), o que também indica a complexidade da relação do digital com a colonialidade.

Mejías e Couldry (2019) propõem o termo colonialismo de dados para analisar as relações entre a colonização e a computação, em que existe uma conexão global com estruturas de comunicação e informação cuja distribuição de poder e influência é desigual e se relaciona com a operacionalização colonialista em curso destas dinâmicas. Neste cenário, a vida social configura um recurso a ser extraído, de modo que os fluxos globais de dado “son tan expansivos como la apropiación de tierras, recursos y cuerpos del colonialismo histórico” (MEJÍAS; COULDRY, 2019, p.80). Os autores tensionam certa perspectiva que apreende a vida como extensão do trabalho para sinalizar os processos que gerenciam os dados como extração, tendo em vista que neste contexto a vida é configurada para proporcionar a apreensão de dados, que por sua vez devem produzir relações entre si (MEJÍAS; COULDRY, 2019). Os autores apontam que o colonialismo de dados aparece como um conceito que complexifica

¹⁹ Produtos que funcionam como matéria prima, que possuem características uniformes. Usualmente extraídas de países ex-colônias.

tais relações, tendo em vista que estamos presenciando “la apropiación colonial de la vida en general y su anexión al capital, a través de diversos mecanismos entre los cuales se encuentran las plataformas digitales” (MEJÍAS; COULDRY, 2019, p.82). Os autores dissertam,

Argumentamos que las plataformas producen “lo social” para el capital, es decir, una versión de lo “social” que está lista para la apropiación y la explotación del valor en forma de datos, cuando se combina con otros datos que han sido apropiados de manera similar. En lugar de una expansión del proceso de trabajo, una mejor analogía se encuentra en la apropiación de la naturaleza física dentro de los procesos de producción capitalista (Moore, 2015). Sin embargo, debido a que esta apropiación nos convierte a todos en sujetos del capital de maneras nuevas y distintivas, el marco general más útil aquí es el de una nueva fase del colonialismo que está profundamente entrelazada con el desarrollo del capitalismo a largo plazo. (MEJÍAS; COULDRY, 2019, p.82)

Os autores caracterizam os dados como “personales” (p.83), que são o resultado de uma “socialidad calculada” (p.84). Assim, os dados não são uma realidade à parte das interações sociais, tendo em vista que para que sejam capturados é necessário que a sociedade se articule e produza a capacitação para tal captura. De acordo com os autores, esta extração pode ser equiparada às convenções jurídicas e filosóficas necessárias para modular a extração de recursos naturais nos termos em que aconteceram e acontecem. A captura de dados pessoais se articula ao colonialismo de dados através da fundamentação em uma série de “racionalidades extrativas” (p.85), conforme os autores explicam:

Hay, como lo han señalado muchos críticos (Scholz, 2013; Fuchs, 2017), una racionalidad social que trata gran parte de las actividades que contribuyen a la extracción de datos como un valor sin valor, simplemente como un intercambio. También hay una racionalidad práctica que enmarca a las corporaciones como las únicas con el poder y la capacidad para procesar (y, por lo tanto, apropiarse de) datos. Simultáneamente, una racionalidad política opera para posicionar a la sociedad como el beneficiario natural de los esfuerzos extractivos de las corporaciones, así como se suponía que la humanidad se beneficiaría del colonialismo histórico como un proyecto “civilizatorio”. (MEJÍAS; COULDRY, 2019, p.85)

Dentre estas racionalidades, os autores apontam que dispositivos discursivos atuam de maneira incisiva para a inserção dos sujeitos em dinâmicas pautadas na colonização. Em relação ao trabalho, os dados atuam como uma “forma social abstracta que también está disponible para la mercantilización” (MEJÍAS; COULDRY, 2019, p.89), de modo que o que possibilita a irrupção do sistema econômico da atualidade não são as relações trabalhistas, mas “las relaciones sociales mercantilizadas, o, más sucintamente, las relaciones de datos”. (p.89). Segundo os

autores, a vida cotidiana se acoplará ao processo de produção de maneiras tácitas, de modo que nada ficará de fora dos processos de produção capitalistas. Estas questões podem ser elaboradas em relação com a questão da autonomia, quando os autores escrevem,

En el mundo del colonialismo de datos, socialmente vacío, las operaciones llevadas a cabo por los datos invaden el espacio del “yo” haciendo del rastreo un rasgo permanente de la vida, expandiendo y profundizando la base sobre la cual los seres humanos pueden explotarse unos a otros. La realidad del sujeto como un yo se pone en juego. Es la integridad mínima de la vida humana la que debe ser protegida. Esta realidad, que los sujetos pueden reconocer entre sí, no puede intercambiarse sin poner en peligro las condiciones básicas de la autonomía humana. (MEJÍAS; COULDRY, 2019, p.92)

Paola Ricaurte (2019) também analisa a relação das tecnologias digitais com a colonialidade e aponta que estamos vivenciando um modelo epistemológico em que o big data, processado por estatísticas e previsões, informa os modos pelos quais tomamos decisões, agimos e nos relacionamos. Neste sistema, o big data aparece como um conhecimento fundamentado em três premissas: reflete a realidade, é um conhecimento absolutamente preciso, e pode fundamentar decisões para a ação no mundo (RICAURTE, 2019). A autora indica que estas premissas não levam em consideração questões como a colonização, e que o big data precisa ser analisado em relação com este sistema, tendo em vista que a colonialidade tem implicações relevantes quando o assunto é a internet e tudo o que ela implica: “a racionalidade data-centrada deve ser entendida como uma expressão da colonização do poder” (RICAURTE, 2019, p.351, tradução nossa), que “nega a existência de mundos e epistemologias alternativos” (p.351, tradução nossa). Ricaurte afirma que as novas maneiras de estabelecer a colonialidade através do big data acontecem por meio de formas materiais e simbólicas, e que uma análise decolonial se faz necessária neste contexto.

De acordo com a autora, a colonialidade exercida através do digital acontece em diversos níveis, e configura “um conjunto sociotécnico complexo que articula infraestruturas materiais” (RICAURTE, 2019, p.353, tradução nossa), e também dimensões biológicas, emocionais, ecológicas e simbólicas (RICAURTE, 2019). Em contraponto a diversas teorizações que não atentam para todas estas dimensões, Ricaurte afirma que as dimensões do conhecimento, do ser, e do sentir não podem ser dissociadas, que estas se associam a uma série de outras, e também que a colonização por meio do big data implica diversas “formas violentas de dominação”

(RICAURTE, 2019, p.353, tradução nossa). As narrativas produzidas por este sistema “guiam nosso imaginário e governam o que significa viver em sociedades urbanas contemporâneas” (RICAURTE, 2019, p.352, tradução nossa), de modo que a colonização do sentir se apresenta como um ponto relevante para a manutenção deste sistema. Em tabela com diversas dimensões da colonização por meio do data, Ricaurte aponta para a associação de questões subjetivas, de linguagem, do corpo, gênero, raça, sexualidade, com a captura da vida, afetos, desejos, sensações, percepções, interações, representações (RICAURTE, 2019, p.355).

Estes aspectos da relação do data com a colonização importam muito para a pesquisa, tendo em vista que indicam como as questões trabalhadas até agora sobre os impactos dos sistemas de referência colonialistas, que aqui aparecem como indissociáveis do sensível, são agenciados no âmbito digital. Se os dados podem aparecer atuando no sentido da colonização através de uma composição com diversas camadas, dentre as quais se encontram a lógica extrativa e o conteúdo desempenhado neste sistema, parece imprescindível a alusão à performance das imagens neste contexto. As imagens participam do colonialismo de dados porque são parte imprescindível das tecnologias de comunicação e informação, disseminando conteúdos que estimulam o exercício das subjetividades muitas vezes em consonância com este sistema através de uma lógica fundamentada – ainda – na extração. Nesta conjuntura, apostamos que a imagem pode atuar no sentido de lógicas colonialistas e neoliberais, mas também como uma estratégia de resistência política – quem é o sujeito da imagem, mesmo? O que afirma? O que não aceita? Onde se encontra?

7.2. Vórtice de águas: por entre tempos, imagens técnicas e a intrínseca relação da imagem com o social

O aspecto técnico das imagens pode ser dissociado do social? Onde as imagens se encontram nestas novas dinâmicas? Como novos modos de experiência com o tempo não fundamentados exclusivamente na gênese colonial afetam esta conjuntura? Teria, enfim, o apocalipse chegado? Tendo em vista a perspectiva sobre o tempo abordada na sessão intitulada sujeito, aqui são investigados os modos pelos quais a relação da imagem com as tecnologias digitais vem se transformando e modificando cotidianos e apreensões do mundo na atualidade, assim como os

elementos que agenciam estas mudanças, sendo que dentre eles se encontra a experiência com o tempo-espaço. Este subitem se dedica a discorrer sobre tempos e imagens técnicas: estas imagens aparecem como um elemento relevante porque configuram a consolidação de maneiras novas e complexas de produção e gerenciamento de imagens jamais experienciadas antes. Estas maneiras podem se aproximar de imagens matemáticas e significantes, de modo que interferem na experiência com os regimes de visibilidade trabalhados até aqui porque afetam tanto sistemas de referência quanto fatores como a experiência com a passagem do tempo, que, conforme vimos, são aptos a atuar em conjunção e construir alicerces experienciados como fatos e/ou ficções. As tecnologias de comunicação e informação vêm tensionando as perspectivas que temos sobre outros tempos e sobre o presente, e imagens produzidas de maneira técnica dão vida para margens novas no que se refere à produção de perspectivas, se encontrando no ínterim entre as sensibilidades e a programação: estamos frente a novas imagens, mas será que elas são inteiramente novas? Em outras palavras, as imagens podem ser desacopladas do social se produzidas nestes novos formatos?

cena XVII: o depois no antes e o antes no depois

Vídeo. Soube que o taco nos esperava porque a companheira do homem que me agrediu filmou o desenrolar da cena, e esse vídeo chegou até mim. Provas. Mas, para que? Neste caso, além de possibilitar que eu reviva o momento da briga quantas vezes eu quiser, o que não faço em prol da minha saúde mental, pode servir como disparador para a discussão em questão na pesquisa. O vídeo, ou os pontos que compõem a imagem, me afetam, e acho que te afetariam também caso visses. Além disso, posso colocar o vídeo na internet se e quando eu quiser, o que pode ter efeitos desastrosos ou potentes de diversas – e incertas - maneiras. Esse vídeo está salvo, mas, o que ele comunica? De que é constituído? Pontos? Violência? Pixels? Homofobia? Misoginia? Racismo? Esse vídeo me trouxe informações, e, também, no mínimo, um desconforto desmedido. Me ver. Me vês? Se eu te mostrasse o vídeo, podes prever o que sentiria? O que sucederia? Em que lugares chegaria?

- incertezas

Talvez uma das maiores mudanças que a era digital provoca seja a dissipação do tempo-espaço: comunicação internacional via chamadas de vídeo, viagens aéreas, fios de fibra ótica subterrâneos que atravessam oceanos e tocam continentes, mudanças climáticas no globo, dentre outros fatores pelos quais margens se embaralham e produzem encontros de perspectivas variados em tempos e espaços que antes eram muito distantes, e agora se cruzam e podem produzir experiências conectadas. Dentre estas perspectivas compartilhadas, talvez uma muito potente seja a da catástrofe, do apocalipse, enfim, do fim do mundo. Cabrera e Guarín Martínez (2020) apontam que, ainda que as profecias se fundamentem em perspectivas sobre o cosmos e as previsões sobre o campo da ciência, estas duas faces sobre a concepção do futuro se assemelham na contemporaneidade e produzem uma experiência temporal inovadora. De acordo com uma perspectiva ocidental²⁰, na modernidade colonial o passado sinalizava modos de apreensão do tempo que fundamentavam a experiência com o presente, que, conforme abordado previamente, deu vias para uma série de desdobramentos, sendo que dentre eles se encontra a modulação do sujeito colonial. Esta conjuntura se complexifica com o advento contemporâneo do Antropoceno, tendo em vista que, agora, ainda em relação a esta mesma perspectiva, o futuro passa a atuar como ponto de referência para entender o que se passa na temporalidade no presente também. Hoje, a elaboração dos tempos conta com a participação de imagens técnicas que analisam uma série de dados que explicam o que está acontecendo, e, em especial, o que vai acontecer, usualmente com tons de certeza: previsão do tempo, gráficos, estatísticas, dentre outras imagens construídas através de cálculos, se mostram a partir da proposição de sua capacidade para prever o futuro, induzindo perspectivas também sobre o plano do presente (CABRERA; GUARÍN MARTINEZ, 2020). As dinâmicas provocadas pelo Éden como explicação do mundo se somam a uma série de outras possibilidades de experiência, e paulatinamente se manifestam gêneses que se encontram lá na frente e contam sobre algo que nunca aconteceu, mas que interferem nos afetos, desejos e ações do agora: como os sistemas de referência coloniais se relacionam com estes novos modos de produzir imagens?

Em trabalho sobre as imagens técnicas, Vilém Flusser (1985) aponta que toda nova imagem produz elementos inéditos para a imaginação, e também que estamos

²⁰ Por ocidental entendemos uma perspectiva relacionada com a colonização: branca, patriarcal, cisheteronormativa, etc.

na era da informação, o ser humano tendo acumulado informações de maneira que poder-se-ia dizer frenética no decorrer dos séculos. O autor explica que as imagens técnicas diferem em relação às imagens tradicionais porque nas primeiras acontece um movimento de concretização, enquanto nas segundas de abstração; as imagens tradicionais aparecem como uma abstração do volume, que passa a se inserir no plano da magia porque é produzida no campo social e simbólico do contexto no qual se inscreve. Já as imagens técnicas, ainda que também não possam ser dissociadas das circunstâncias do espaço-tempo no qual se inscrevem, aparecem como uma tentativa para dar sentido a um vazio que surge justamente com a dissipação da linearidade causal que dava um senso de consistência à existência, de modo que no seu lugar são produzidos cálculos e maquinarias (FLUSSER, 1985). As imagens técnicas podem ser decifradas por meio do programa pelo qual, e contra o qual, são feitas, tendo em vista que para o autor existe um incessante campo de batalha entre o programa e o produtor da imagem. Se as imagens técnicas podem ser apreendidas por meio das ideias do programador dos aparelhos que possibilitam sua existência, as imagens tradicionais se decifram por meio da cena, ou da ideologia de quem produz a imagem (FLUSSER, 1985).

Para Flusser, o propósito das imagens tradicionais e técnicas é muito diferente. O autor exemplifica essa questão quando propõe a imagem de uma flecha indicando Roma, e explica que “O “sentido” das imagens tradicionais é chegar (orientar-se no mundo) e o “sentido” das imagens técnicas é o de seguir a flecha (dar sentido).” (FLUSSER, 2012, p.71). Flusser explica que as imagens técnicas dão a sensação de preenchimento de um tempo-espaço repleto de vãos e conexões programáveis, e não explicam o mundo, mas o informam. Eis que aparece uma questão: as imagens técnicas são experienciadas como se fossem tradicionais, ou como se fossem cenas (FLUSSER, 2012), mas estas imagens são produzidas por programas, de modo que configuram precisamente “virtualidades concretizadas e tornadas visíveis” (FLUSSER, 2012, p.29). O autor aponta que estamos vivenciando a passagem da história para a pós-história, cenário em que as imagens atuam ativamente, e sinala que “por mais gigantesco que seja o rio da história, ele se esgotará mais cedo ou mais tarde.” (FLUSSER, 2012, p.85). E continua,

Catástrofes termo-nucleares não são necessárias para acabar com a história, já que ela acabará automaticamente. Uma vez absorvida a história toda pelas imagens, uma vez transcodificada a história em programa, a circulação entre imagem e homem cairá efetivamente em entropia, e o manto do tédio mortal

se espalhará sobre a sociedade. Há, desde já, sintomas que sugerem que tal esgotamento da história se dará cedo, e não tarde. Desde já a nossa cobiça de sensações (queremos imagens novas toda noite) sugere que o tédio começa a se manifestar, e que o próprio progresso precipitado se vai tornando tedioso. (FLUSSER, 2012, p.85)

Para Flusser, os pontos que se conectam neste novo modelo de sociedade não têm medida, são infinitamente pequenos, e o surgimento das imagens técnicas é uma resposta a um problema existencial. A imagem técnica permite uma perspectiva relacionada ao retorno da abstração ao mundo concreto, mas atua como algo que tem um fim em si. O problema da imaginação nestes novos tempos se torna complexo, tendo em vista que quem observa as imagens técnicas tem uma experiência com a imaginação que é sensível, enquanto quem produz estas imagens através de teclas e instrumentos de programação tem uma imaginação pautada em engrenagens: a imaginação programável chega no espectador como uma abertura de portas para o sensível.

Estas questões suscitadas por Flusser podem situar os termos nos quais estamos inseridos neste momento, em que o tempo e o espaço produzem vácuos sem sentido, tomados por cálculos, megabites, pontos infinitesimais. Se concordamos com o autor, e as imagens aparecem para produzir algum sentido em meio a este momento repleto de abstrações, a problemática está posta no momento em que a programação determina os modos pelos quais as imagens serão captadas, transformadas e distribuídas no âmbito virtual. Esta é uma realidade em que as margens, mais uma vez, se chocam e sobrepõem em relação com a imagem: imagens técnicas produzem sensibilidades, mas isso acontece dentro de um esquema que não se vincula somente aos afetos, e nem mesmo somente às aptidões da programação.

O ambiente virtual permite uma demonstração eloquente em relação às mudanças do mundo e do espaço-tempo que experienciamos na atualidade, o que acontece muito devido às imagens. Se em Flusser as imagens técnicas se encontram nas fronteiras das sensibilidades e equipamentos de programação por meio da busca pelo concreto, estas imagens também podem se encontrar neste ínterim por meio da experiência com o tempo das bilhões de pessoas que interagem com as plataformas digitais cotidianamente. Isso acontece porque, além de estas imagens “se passarem” por imagens tradicionais, como em Flusser, com a internet há uma flexibilização do tempo, que se agiliza e relativiza, por meio da interação com estas plataformas: o passado e o futuro se apresentam no tempo presente para quem se depara com as

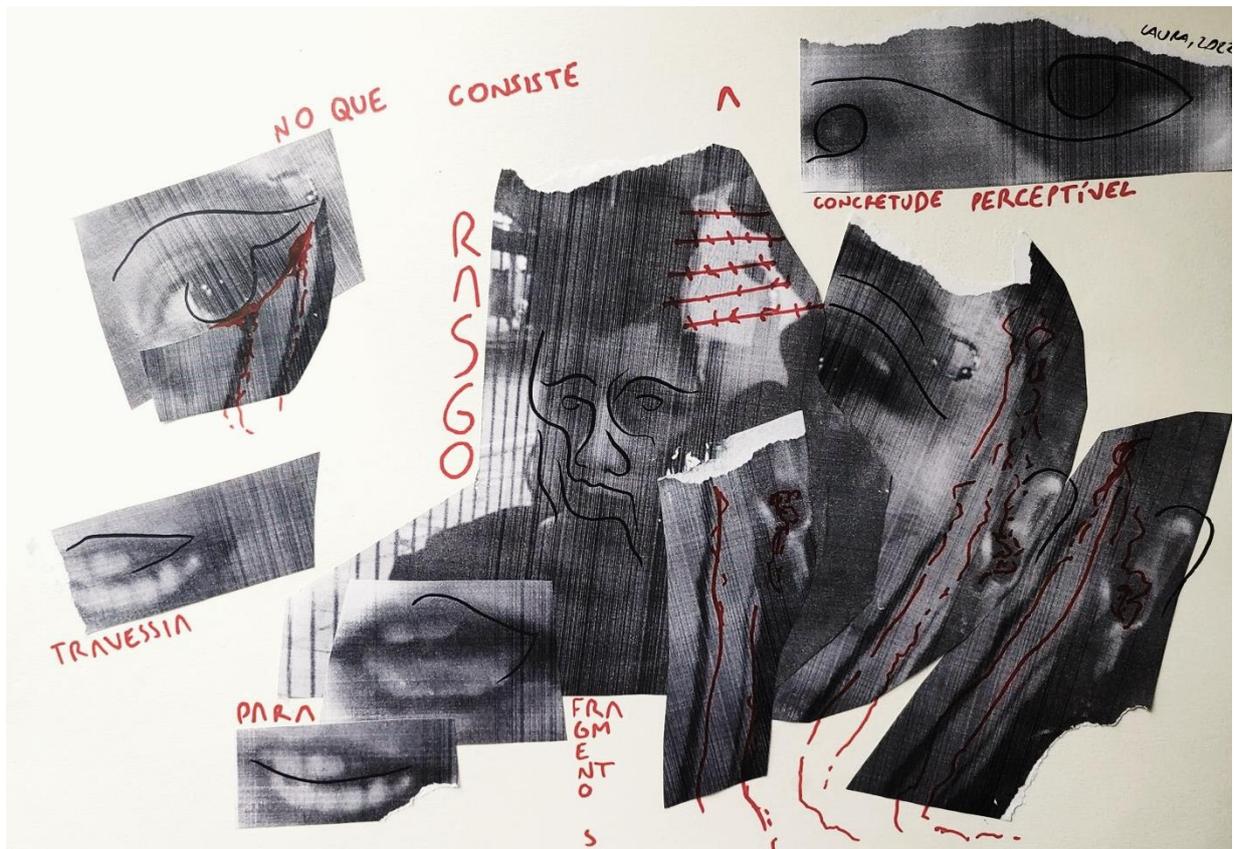
imagens nas redes, e simultaneamente são expostas imagens do tempo passado em função de uma reação futura por quem expõe estas imagens, de modo que quem participa ativamente de plataformas digitais também integra uma dinâmica nova no que se refere à ação e reação no tempo através das imagens. Hoje, é possível viver espaçotempos que se descolam – e deslocam - produzindo um só tempo na interatividade, seja conectado nas redes sozinho no quarto ou em um jantar com amigos absorto no celular. Imagens programáveis, que tocam sensibilidades, e se firmam na interação deliberada a qualquer momento.

A possível sensação de emancipação neste cenário pode insurgir, afinal, podemos interagir com quem quisermos, a hora que quisermos. Mas, antes que a ideia de soberania intervenha aqui, parece que uma pontuação se faz muito relevante, e eis que os afetos e o aspecto técnico das imagens se encontram em uma teia informacional, tomada por jogos de força, e tendenciosa: a regência da sinfonia das palavras e imagens nas redes não acontece somente através de nós, internautas, mas também em relação com uma engrenagem neoliberal que lucra exorbitantemente diariamente e mantém desmesurado controle sobre os modos pelos quais a internet funciona, que, dentre muitos sistemas, se encontram com um fator bem pequenininho, quase invisível – os algoritmos.

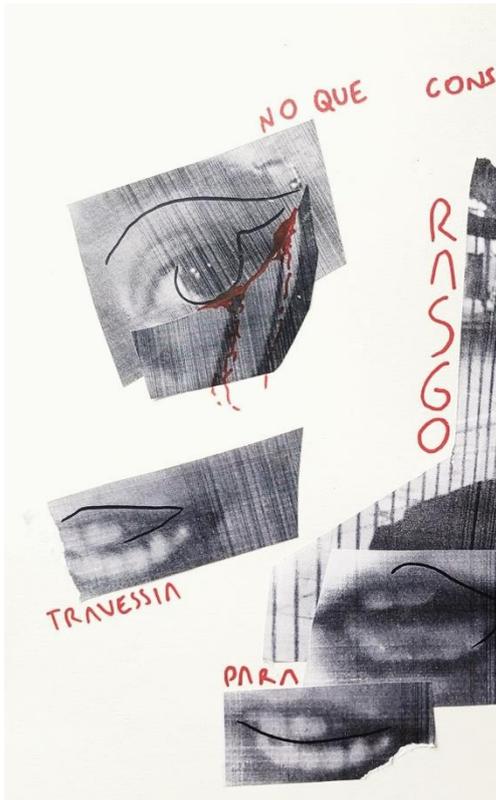
Talvez os algoritmos sejam um dos grandes provocadores do vórtice repleto de vácuos espaçotemporais no qual nos encontramos, pois eles aparecem como os pontos de abstração de Flusser, que não se vinculam com a experiência se não mediante estratégias como imagens geradas e gerenciadas por eles. O Apocalipse já despertou muitas ideias na história da humanidade, mas possivelmente poucas pessoas imaginaram que ele poderia se dar assim: sem meteoro, ou nada muito aparente, mas justamente pelo aspecto do que não pode ser visto. Como se trava uma batalha com e contra os algoritmos? Em meio a essas especulações, talvez um ponto importante a ser situado é o de que, ainda que com inegáveis mudanças na experiência do espaçotempo, e em uma série de outras, estamos. O senso de existência linear, o indivíduo, o corpo, as imagens, se transfiguram, mas os seres humanos ainda habitam o planeta – o que é um apocalipse, no fim das contas?

As imagens situam modos de experiência e apreensão do mundo desde as pinturas neandertais, e atravessam sistemas de referência simbólicos. Possivelmente, as engrenagens por trás das imagens técnicas saibam que estas imagens podem ser

pontos, e, portanto, diferentes das pinturas, e justamente por isso recorram a sistemas de referência sociopolíticos para firmar um sentido de existência compartilhada ameaçado, ou, quiçá, deveras perdido no tempo. Mas talvez se trate de outra ordem de grandeza nesta equação, e, possivelmente, as imagens que sabemos produzir inevitavelmente acontecem em um contexto sócio-histórico específico, de modo que até mesmo juntando pontos em vórtices sem tempo refletimos o que nos compõe: o social, e as disputas de poder que o constituem.



Uma imagem, 2022
Técnica mista
29,7x42

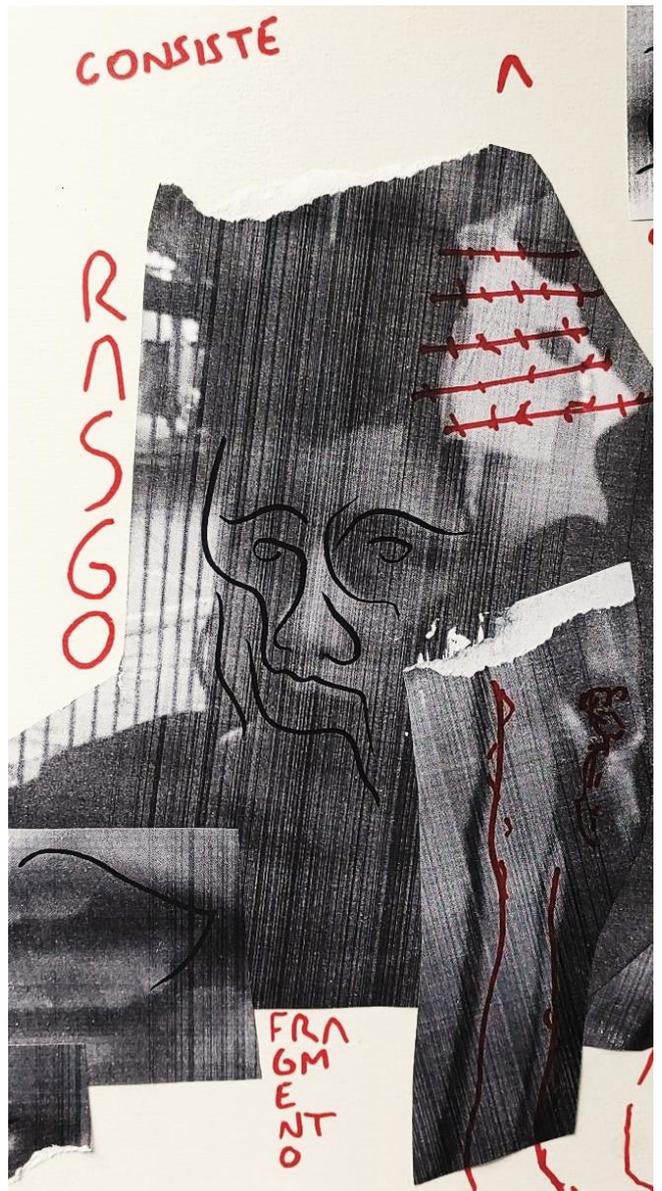


Uma imagem II, 2022
Técnica mista
29,7x42

Uma imagem IV, 2022
Técnica mista
29,7x42



Uma imagem III, 2022
Técnica mista
29,7x42



7.3. Rio é multidão de gotas: imagem como um corpo viajante na atualidade digital

A imagem pode ser um corpo integrado e modulado pelas redes? Como se dão as dinâmicas que agenciam este corpo? De acordo com a apreensão sobre o corpo trabalhada até aqui, as imagens virtuais podem configurar e afetar corpos? Que fatores estão em jogo quando as imagens viajam? Aqui o marketing e as virtualidades se encontram com a produção de jogos de força cujo engate são os afetos produzidos pelas imagens, de modo que a dimensão funcional e significante destas aparecem se interferindo mutuamente em cadeias sociotécnicas. Neste subitem, a questão dos algoritmos é aprofundada, e a imagem é composta como um corpo por entre as margens da codificação e do sensível, se encontrando em uma teia informacional que ora pode ser decifrada, ora não – os afetos que movem pessoas e coletivos podem induzir desejos e ações, mas, enfim, o sensível pode ser previsto com tons de certeza todas as vezes? Tendo esta indagação em vista, nos perguntamos: se a imagem pode configurar corpos, quais nuances destes corpos estão em jogo na atualidade digital? E, ainda, pautada na influência de que fatores? Como este corpo que viaja por entre diversos elementos é agenciado nos dias de hoje em relação com os sistemas de referência? Também são apontadas possibilidades de tensionamento de tais práticas através do exercício político e combativo de sistemas de referência.

Para iniciar esta sessão parece imprescindível a alusão ao texto “Post Scriptum sobre as sociedades de controle”, escrito por Deleuze (1990). Se debruçando sobre a análise de Foucault que estuda as sociedades organizadas pela relação com as instituições, o autor analisa mudanças inovadoras configuradas pelas dinâmicas sociais da contemporaneidade. A passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle implica em uma série de fatores pautados na crise das instituições e na produção de estratégias de vigilância que não podem ser confinadas a paredes, e até mesmo a indivíduos. Deleuze afirma que o par massa-indivíduo fica obsoleto, de modo que o que se apresenta são indivíduos imersos em redes de dados (DELEUZE, 1990). Se antes o confinamento se manifestava através de quartéis, fábricas, hospitais, escolas, configurando os cotidianos como a passagem ininterrupta de uma instituição para outra, no modelo assertivo indicado por Deleuze o controle se dá pelas mais diversas maneiras através da produção de informação, amostras e marketing: neste sistema, a fábrica é substituída pela empresa, e as “alegrias do marketing” (DELEUZE, 2013, p.230) adquirem relevância exponencial. O autor disserta,

O serviço de vendas tornou-se o centro ou a “alma” da empresa. Informam-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. (DELEUZE, 2013, p.228)

Guy Debord (1967) também aponta para a crescente relevância do marketing nas dinâmicas sociais, e analisa as implicações das imagens no sistema capitalista, assinalando o surgimento de uma sociedade do espetáculo. Neste cenário, as imagens aparecem como objeto de contemplação e representação em contraposição ao aspecto das vivências. Entretanto, ao contrário de uma perspectiva que poderia compreender esta proeminência das imagens na sociedade como um mundo à parte, separado das relações sociais, o autor aponta que o espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (DEBORD, 2013, p.14). Este espetáculo produz visões cristalizadas do social e do mundo por meio do consumo, de modo que se relaciona com a atividade social e converge em uma alienação recíproca que fundamenta a experiência na sociedade. A vida passa a ser reduzida à aparência, e só o que é socialmente lido como bom aparece; o espetáculo é a “*negação visível da vida, uma negação da vida que se tornou visível*” (p.16) em prol da aparência, que passa a ser monopolizada por este. Neste cenário, o modo de ser do espetáculo é a abstração, de modo que aparece como um fim em si mesmo: para Debord, a economia já submeteu a humanidade totalmente, o que pode ser avaliado quando o autor afirma que “o espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se toma imagem” (DEBORD, 2013, p.27). Em relação à indissociabilidade da espetacularização da vida com o social, o autor sinala,

A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre os homens e entre classes: uma segunda natureza parece dominar o nosso meio ambiente com suas leis fatais. Mas o espetáculo não é necessariamente um produto técnico do ponto de vista do desenvolvimento natural. A sociedade do espetáculo é, pelo contrário, uma formulação que escolhe o seu próprio conteúdo técnico. O espetáculo, considerado pelo aspecto restrito dos <<meios de comunicação de massa>> - sua manifestação superficial mais esmagadora – que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total. (..) A administração desta sociedade e todo contato entre os homens já não podem ser exercidos senão por intermédio deste poder de comunicação instantâneo, é por isso que tal <<comunicação>> é essencialmente unilateral; sua concentração se traduz acumulando nas mãos do sistema existente os meios que lhe permitem seguir administrando. (DEBORD, 2013, p.21)

A análise de Debord dá vias para a compreensão sobre a dimensão dos jogos de poder nos quais a imagem se insere e movimenta, tendo em vista que desde relações de produção, passando pelo marketing, e, segundo o autor, também questões de ideologia e religião, todos estes se encontram com as imagens mediante sua articulação com o capital: a mercantilização da imagem move a economia e o social. Neste sistema, faz-se notável a apreensão de que a questão da produtividade se encontra com sistemas cognitivos, comunicativos e simbólicos, de modo que se estabelece um terreno propício para a atuação das imagens em relação com a obtenção de lucro. Se antes a imagem aparecia como um elemento que consolidava a distribuição econômica e política em larga escala por meio do aspecto do social, proporcionando a naturalização de sistemas desiguais, na atualidade a imagem aparece atuando de maneira implacável em todas estas frentes, proporcionando a experiência de um plano social compartilhado em diversos aspectos e estimulado por veículos de marketing a nível global. A imagem aparece como uma tecnologia de subjetivação que incita o sistema cognitivo e comunicativo em relação com o sistema neoliberal, fazendo da vida um show (SIBILIA, 2008) rentável – e desigual.

Estas questões se complexificam quando a questão dos algoritmos entra em cena. Agora, dinâmicas da ordem da economia são geridas em relação com as tecnologias digitais, e a imagem midiaticizada não acontece somente em relação com fatores tradicionalmente utilizados nas dinâmicas do marketing, como a eleição de um público alvo e o horário ou local de sua disseminação. Na atualidade, as interações com as redes sociais garantem a captura de informações que são cruzadas e produzem perfis de consumidores e eleitores, de modo que qualquer pessoa que interage com as redes fornece informações para uma engrenagem imensa de dados que conflui na disseminação de imagens de maneira programada.

Em diálogo com Deleuze, Rodríguez (2019) aborda a relação entre o *dividual* com o individual nas dinâmicas sociais e tecnológicas da atualidade. O *dividual* aparece como uma composição que não configura um indivíduo, mas uma junção de informações cruzadas que servem como base para movimentar dinâmicas sociotécnicas de poder. Este cruzamento de dados em larga escala tem por objetivo alcançar os indivíduos, os interferindo e modificando. Nestas relações sociotécnicas fica garantida a agência dos objetos, de modo que é instaurada uma rede complexa de interações inusitadas que tensionam correntes de pensamento e cotidianos – por entre *divíduos*, indivíduos, telas e softwares. Segundo Rodríguez,

Uno arriba del otro, voluntariamente o no, refiriéndose a un ser humano, a una máquina, a un objeto, pero sobre todo al vínculo entre todos ellos, todos esos datos conforman el ubicuo mundo de los *Big Data*, que lejos de ser solo un tipo de procesamiento ligado a una base centralizada de información que se sitúa fuera de todos los intercambios, también construye estos intercambios, aprende de ellos, se inmiscuye en la vida cotidiana y constituye una forma novedosa y compleja de construir lazos sociales. (RODRÍGUEZ, 2019, p.478)

Assim como a ideia de soberania previamente referida pode ser tentadora quando o tema são as tecnologias digitais, também pode irromper certa apreensão de que os indivíduos se encontram em uma posição estritamente passiva neste contexto, tendo em vista que participam de uma transformação social na qual não ditam as regras. Porém, ao contrário de algumas tendências que abordam a questão dos algoritmos através de uma perspectiva exclusivamente funcional que ignora a multiplicidade da agência neste sistema, Rodríguez aponta que os indivíduos garantem o funcionamento de tais engrenagens por meio de uma “relación estrecha” (RODRÍGUEZ, 2019, p.457). A “captura del acontecimiento” (p.458) consiste na singularização dos dados, relação pautada em um plano afetivo: as afecções aparecem como uma engrenagem importante para a manutenção do sistema de cruzamento de dados, de modo que o que se capta nestas operações é um “devenir posible” (p.454), ou devir possível. De acordo com o Rodríguez, as fragmentações e multiplicações não se referem a um indivíduo “considerado en su totalidad presente, en su individualidad actual, que es lo que describe la figura del doble, sino más bien a sus potencialidades, a lo que puede ser en función de lo que es y a lo que puede hacer en función de lo que ya está haciendo.” (RODRÍGUEZ, 2019, p.454).

O autor indica que o âmbito do corpo e da vida se desacopla do aspecto da vigilância e do confinamento, de modo que o individual consiste nestas fragmentações interrelacionadas. Nesta conjuntura, o autor aponta que o indivíduo pode ser dissociado da pessoa, e do corpo: a realidade informacional e biopolítica molecular permitem a produção de um coletivo combinável que participa de processos de subjetivação por meio do aspecto das relações individuais (RODRÍGUEZ, 2019). Este sistema é integrado por objetos, corpos e afetos, e funciona por meio dos dados (RODRÍGUEZ, 2019). Estas questões podem ser evidenciadas quando Rodríguez afirma que a interatividade entre os mais diversos elementos, dentre eles pessoas, objetos e máquinas, criarão uma unidade muito peculiar: o dado, “que tendrá un valor económico relativo al establecimiento de patrones de deseos y de conductas, de tendencias y de desvíos que repercutirán en los usos de millones de individuos-

personas de objetos que volverán a iniciar todo el proceso en un espectáculo fractal: una vez más, *Big Data*.” (RODRÍGUEZ, 2019, p.483).

A partir destes autores pode-se indagar como a imagem consiste em um corpo viajante na atualidade, tendo em vista que permite o vislumbrar de uma série de arranjos complexos nos quais a imagem se situa. Dentre estes arranjos, parecem se sobressair o marketing e as operações algorítmicas, que se conectam e produzem perigos iminentes que passam a compor as dinâmicas interpessoais com as imagens. Nesta conjuntura repleta de questões como fragmentação, mercantilização e dinâmicas neoliberais, os processos de subjetivação são afetados e acontecem em redes repletas de conexões inovadoras e provocantes – nos mais diversos sentidos. Por entre estas intersecções, a imagem parece atuar como um componente imprescindível e exitoso para variados interesses porque traz consigo a aptidão para atuar em consonância com a colonialidade no que se refere às interações sociais e sistemas de representação em prol de relações pautadas no capital através da sua capacidade de produzir afecções, afetos, devires.

Por entre violências algorítmicas e extrativas, a violência por meio da operacionalização de sistemas de referência por um viés colonial parece ainda se fazer presente. A imagem participa ativamente das lógicas econômica, política e social da atualidade como um conteúdo que integra uma engrenagem complexa – e nada ingênua - que cada vez mais adquire relevância em múltiplos aspectos nos cotidianos, na vida, nos modos de se relacionar consigo e com o outro. Na atualidade digital, a imagem aparece como um recurso dentre outros para a manutenção e gerenciamento de engrenagens colonialistas de variadas maneiras: sua disseminação acontece em relação com engrenagens político econômicas consonantes com estas lógicas, e seu conteúdo se encontra com tais operações. Esta questão pode ser avaliada por alguns de muitos exemplos que poderiam ser citados aqui: recentemente foi noticiado que o Twitter reconheceu que o algoritmo de corte de fotos da plataforma é racista, tendo em vista que quando o usuário cortava fotos, a plataforma cortava automaticamente o rosto de pessoas negras²¹. A plataforma se manifestou após estudo intitulado “Image Cropping on Twitter: Fairness Metrics, their Limitations, and the Importance of Representation, Design, and Agency” (2021). Situação semelhante aconteceu com a plataforma Facebook, que também veio a público após usuários se manifestarem sobre a plataforma questionar se gostariam de continuar assistindo “vídeos sobre primatas”

²¹ Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-pede-desculpa-apos-sugestao-racista-de-algoritmo-195174/>.

ao fim de um vídeo de jornal com homens negros²². Outro estudo, realizado pela organização AlgorithmWatch, aponta que o algoritmo da plataforma Instagram favorece imagens que contenham nudez, que têm até 60% de mais alcance²³. Importante situar que nestas plataformas as imagens não são mostradas de acordo com uma ordem cronológica, mas de acordo com a programação algorítmica da empresa, que envolve seus critérios de disseminação de imagens e perfilização.

O advento do digital pode estar dando vias para o surgimento de novos elementos para a elaboração de sensibilidades, que aparecem em constante processo de maturação e trazem consigo os desafios da busca pela captura da atenção (CITTON, 2018) e da vigilância (BRUNO, 2013; SHOSHANA, 2018). Além destes, a pesquisa sugere que um complexo desafio emergente na produção deste sensível híbrido também vem se consolidando em relação com a imagem, proposição que investiga as possíveis intervenções do colonialismo e do neoliberalismo na experiência com o plano das sensibilidades através da disseminação em massa de imagens pré-definidas a serviço destes sistemas. Este desafio pode ocasionar consequências sérias que acontecem a nível micro no exercício crítico e em uma escala mais ampla no senso de coletividade, podendo atuar como mais uma prática entre outras para o afastamento da equidade social. A proposição em questão refere à relação dos algoritmos com empresas e governos mediante engrenagens de cruzamento de dados e perfilização, conluio que funciona por intermédio da venda de informações geradas a todo instante por interações em massa com plataformas digitais. Postula-se que nestas interações com as redes também ocorre uma avalanche de propagandas, sugestões de pesquisa, ofertas, cookies²⁴ etc. que são capazes de incitar e direcionar em escala global ações, pensamentos, e, em última instância, desejos, através das sensibilidades despertadas pelas imagens. Aqui apontamos para as interferências da imagem em relação a estas engrenagens sistematizadas através de estruturas inteligentes de marketing, que têm por fim provocar direcionamentos sobre o consumo, o voto e a opinião. Mas não se trata de qualquer imagem: trata-se de imagens paradigmáticas relacionadas a uma

²² Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/twitter-constata-que-seu-algoritmo-de-corte-de-fotos-e-mesmo-racista-185388/>.

²³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2020-09-27/mais-pele-a-mostra-mais-visibilidade-e-assim-que-o-instagram-prioriza-a-nudez.html>

²⁴ Cookies são arquivos criados por sites visitados e salvos no computador do usuário através do navegador. Podem atuar como ferramentas para personalizar a página de acordo com o perfil do usuário ou para transportar informações entre as páginas de um site.

perspectiva colonialista e agenciadas pelo tecnoliberalismo. Sugerimos que a manutenção de estruturas como racismo e a cisheteronorma acontece também por meio da utilização de imagens como uma ferramenta para edificar a perfilização virtual e incitar ações e desejos que favorecem empresas e governos.



Rio, 2022
Técnica mista
29,7x42

Rio II, 2022
Técnica mista
29,7x42



Rio III, 2022
Técnica mista
29,7x42

Nesta conjuntura, os modos de capturar informação podem ser extremamente invasivos, e o marketing pela imagem pode incitar aptidões políticas e econômicas.

Esta questão pode ser evidenciada pelos sucessivos escândalos decorrentes do vazamento de informações confidenciais, referentes à invasão de privacidade ou propagandas com o mesmo objetivo, mas conteúdos diferentes, desenvolvidos a partir da captura de informação. Um exemplo deste tipo de procedimento é o escândalo envolvendo a Cambridge Analytica e o governo Trump: após investigação jornalística, foi descoberto que a empresa comprou acesso a informações pessoais de usuários do Facebook e usou os dados para influenciar o voto de acordo com as informações obtidas e um estudo sobre a probabilidade de convencimento. Este processo convergiu em imagens personalizadas para perfis de usuários. As fake News também aparecem como um exemplo eloquente sobre os perigos das imagens no ambiente virtual, convergindo em consequências desastrosas para a democracia e cidadania. Muitas vezes nestas iniciativas sistemas identitários são acionados para fins de mercado, de modo que identidades coletivas aparecem em um lugar complexo marcado pelas margens da cooptação tecnoliberal e a representatividade.

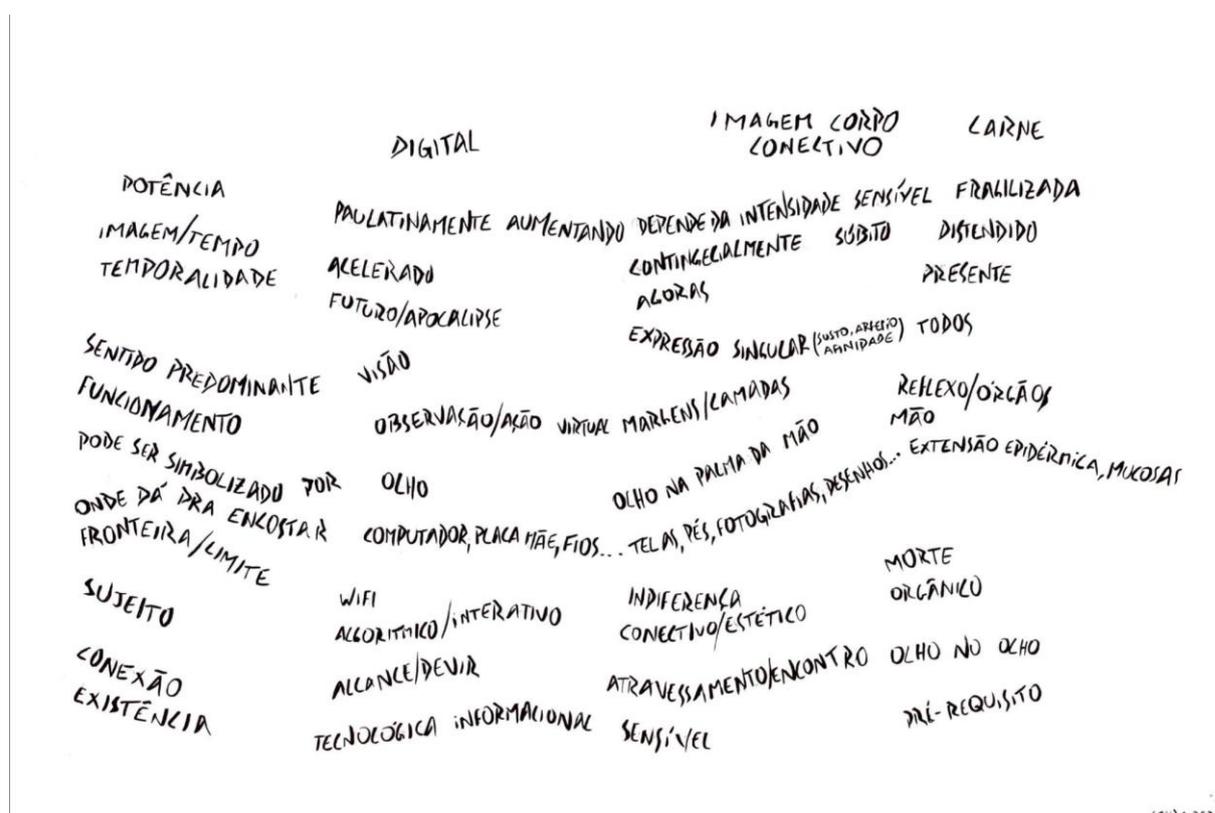
Por outro(s) lado(s), iniciativas voltadas para a disseminação de informação sobre os danos produzidos por práticas normativas e sobre a questão da representatividade podem estar produzindo mudanças na experiência de variadas populações, nas telas e ruas. Influencers digitais, youtubers, artistas, dentre outros, tensionam o que muitas vezes é socialmente apreendido como aceitável se produz violência e sofrimento. Estas questões podem configurar novas reconfigurações nas relações interpessoais em variados tempospaços, assim como no cenário sociopolítico: até onde as variadas lutas contra matrizes de dominação e violência podem chegar? As fragmentações se interconectam (RODRÍGUEZ, 2019), e a imagem aparece como um elemento apto a produzir vínculos variados, tanto no sentido do aprisionamento, quanto do escape; quantas partes um corpo pode ter?

A crescente de possibilidades de experimentação de aparatos imagéticos, que são possíveis através de mudanças nas imagens, tanto na carne, quanto em plataformas virtuais - seja em função de uma foto com filtro ou transformações na estética do corpo orgânico – podem produzir muitas formas de corpos. O virtual abre possibilidades para novas vivências, e experiências sensíveis irrompem nestes processos híbridos. Possivelmente estas novas experiências com a imagem possibilitadas pelas plataformas tecnológicas não atuem como um universo à parte da experiência com a imagem do corpo; ainda que o corpo orgânico seja uma condição para a vida e que o virtual se apresente como uma possibilidade dentre tantas outras para o exercício da imagem, é viável a compreensão de que as tecnologias digitais

não performam como um acessório ínfimo nas vivências em relação ao corpo e à imagem, de modo que estes âmbitos tendem a se retroalimentar e gerar novas experimentações imagéticas em relação com sistemas de referência e afetos.

Os atravessamentos dos tempos atuais tensionam materialidades e dicotomias, tendo em vista que possibilidades outras se apresentam e conectam entre si. Tais possibilidades no contexto da pesquisa compõem uma grande teia imagética – corpórea - alicerçada no sensível e disposta por entre sistemas de referência, composta também por digitalidades, e que traz consigo um potencial de alcance que se estende quando pensada em relação aos contatos presenciais. Estas questões podem ser elaboradas através do seguinte diagrama:

Diagrama 6 – imagem como corpo conectivo entre fluidos, placas, correntes, etc.



Fonte: a autora (2022)

A partir deste diagrama se faz possível vislumbrar algumas possibilidades para a elaboração da relação do corpo com as tecnologias. Donna Haraway (1985) aponta que a remodelação de nossos corpos é diretamente influenciada pelas tecnologias de comunicação e biotecnologias, e afirma que “essas ferramentas corporificam e

impõem novas relações sociais” (HARAWAY, 2000, p.64). Este posicionamento é fundamentado no argumento de que através das ciências da comunicação e das biológicas modernas o mundo hoje é traduzido em termos de um problema de codificação, que seria “a busca de uma linguagem comum na qual toda resistência ao controle instrumental desaparece e toda heterogeneidade pode ser submetida à desmontagem, remontagem, investimento e troca” (p.64). Para a autora, as tecnologias podem ser compreendidas tanto como instrumentos para a imposição de significados quanto enquanto momentos congelados constituídos das interações sociais, e a informação passa a adquirir um papel de extrema importância, tendo em vista que permite uma tradução universal (p.64). Haraway define o ciborgue enquanto uma “imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica” (p.37). Tendo isso em vista, pode-se concluir que se a imagem é uma linguagem comum, ela pode ser codificada, de modo que certa pergunta surge urgente: poderia ela não ser?

A imagem proposta pela pesquisa se encontra com o conceito de ciborgue de Haraway (1985), no sentido de que pode ser uma “criatura” capaz de se metamorfosear de acordo com as contingências e a contrapelo de qualquer gênese. O ciborgue aparece como uma mistura, “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção.” (HARAWAY, 1985, p.36). Aqui a imagem também aparece neste íterim ciborguiano, cibernético, de carne e de bicho, se movimentando no fluxo das situações que se apresentam. Assim como o ciborgue, a imagem como corpo tem o propósito de tensionar binarismos, questionando a edificação do sujeito ontogênico, e assumindo aptidão para rejeitar suas origens: se o ciborgue é gerado em relação com o militarismo e o capitalismo patriarcal (HARAWAY, 1985, p.) e pode se reconfigurar de outras maneiras, assim a imagem em questão pode fazer ao ser apta a insurgir contra a colonialidade e o tecnoliberalismo. Além disso, ambos podem atuar em consonância com a ficção reconhecendo a urgência das lutas localizadas.

Dentre estes coeficientes em comum, a diferença da imagem como corpo em relação ao ciborgue se dá precisamente no aspecto do visível. O ciborgue pode ser invisível: nanorobótica, biotecnologia, algoritmos, dentre outros, evidenciam como o aspecto da invisibilidade se atrela ao seu caráter bélico. Em contrapartida, a imagem em questão se faz perigosa justamente no aspecto do que pode ser visto, ou, ainda, nos regimes do visível e invisível que gerencia. É no encontro da confusão de

fronteiras que o ciborgue se torna interessante para apreender a imagem desta maneira: assim como esta pode ser compreendida como uma tecnologia de subjetivação no sentido da consolidação de sistemas de opressão, também pode ser percebida no sentido da aptidão para o agenciamento de transformações sociais. Este movimento pode acontecer através da produção e gerenciamento de formas de relação com a imagem que apreendam tanto sua dimensão histórica quanto seu caráter volátil.

A imagem se transforma em informação, mas não se trata de uma informação estritamente funcional: aqui, a imagem funciona justamente porque se encontra com o plano das representações e dos afetos. As dinâmicas econômicas, políticas e sociais de nossos tempos funcionam de maneiras hodiernas, se transfigurando paulatinamente em larga escala e produzindo novos modos de relação. O curso algorítmico composto de fluxos ininterruptos e velozes deixa rastros perigosos quando se encontra com as organicidades, desejos, afetos, diferenças. A imagem como corpo conectivo pode se encontrar de variadas maneiras e em variadas localizações, e a identificação de padrões aparece como uma estratégia para a produção de escape na medida em que através desta análise se faz possível o exercício da atenção de maneira singular e nociva a sistemas de dominação: agora, o corpo dualista da modernidade perde força e se abrem caminhos para a elaboração de corpos híbridos.

Tendo em vista a codificação inerente aos mecanismos algorítmicos de marketing dos quais as imagens fazem parte, a imagem pode ser situada nesta conjuntura como um elemento traduzido a partir da codificação abordada na sessão anterior. Tendo em vista uma perspectiva sobre as margens, a pesquisa também compactua com esta perspectiva, o que acontece simultaneamente à aposta de que a imagem traz consigo uma possibilidade de escape – ou várias: as imagens codificadas encontradas no ambiente virtual se apresentam como uma linguagem comum, percebidas a partir de uma lógica da heterogeneidade que “pode ser submetida à desmontagem” (HARAWAY, 2000, p.64), mas que podem compor, enquanto sensíveis, heterogeneidades que não se desmontam ou codificam – dá para codificar o sensível? Essas imagens não seriam congeladas, mas estariam em movimento através das singularidades que se afetam e movimentam uma rede sensível através de conexões variadas. Conforme objetivamos mostrar até aqui, esta rede de imagens pode ser composta pelas mais diversas engrenagens, dentre as quais se encontram os tensionamentos provocados pela diferença. Apostamos neste aspecto da imagem a partir do entendimento de que existências estéticas produzem

tensionamentos, assim como apostando que o tensionamento é fundamental para a localização dos corpos e para o acontecimento de coalizões (LUGONES, 2010; HARAWAY, 1985) conscientes.

Assumindo o posicionamento elaborado pela pesquisa de que os fatos fazem parte da mesma cadeia de compreensão que as ficções, a imagem aparece como um elemento extremamente versátil que, além de garantir o senso de pertencimento social através das plataformas digitais e sistemas de representação, nas telas, ruas, corpos, artes, dentre outros, também pode produzir novos agenciamentos por atuar em relação com o plano afetivo através da estética. Citton (2014) aponta para a dimensão estética enquanto elemento considerável quando o tema é a atenção, tendo em vista a importância da experiência sensível nos processos atencionais e a possibilidade de escape que eles proporcionam. Para o autor as experiências estéticas podem ajudar a saber escolher “suas alienações e encantos, saber construir vacúolos de silêncio capazes de nos proteger da comunicação incessante que nos sobrecarrega com informações avassaladoras, saber viver a intermitência entre hiperfocalização e hipofocalização”, (CITTON, 2018, p.34) a partir do entendimento de que a atenção pode ser “tanto algo que fazemos (por nós mesmos) como algo que prestamos (para outros)” (p.34).

Aqui o conceito de *mestiza* de Anzaldúa ainda parece fazer sentido, tendo em vista que proporciona uma apreensão sobre as múltiplas possibilidades que compõem o social. Tendo em vista a série de encontros e margens propostos pela pesquisa, que agora abarcam também questões da ordem das tecnologias digitais e confluem na produção de corpos híbridos modulados por conexões, novamente segue o que a autora disserta ser o trabalho deste modo de consciência:

O trabalho da consciência *mestiza* é o de desmontar a dualidade sujeitoobjeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida. A resposta para o problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, reside na cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos. Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra. (ANZALDUA, 2005, p.707)

O tema das imagens em relação com as digitalidades é complexo porque configura uma sucessão de interesses heterogêneos e dinâmicas desiguais de poder. As tecnologias digitais parecem estar proporcionando novos elementos para o campo em disputa das identidades, complexificando o gerenciamento de regimes de

visibilidade colonialistas que há muito tempo convergem na produção de violências diversas. O neoliberalismo digital e a colonialidade se reatualizam rapidamente e interferem na experiência do cotidiano e relações interpessoais, de modo que o questionamento sobre a extirpação da violência adquire novos elementos: conforme suprarreferido, os algoritmos também podem reproduzir sistemas de opressão através da disseminação de determinadas imagens em detrimento de outras, frequentemente através de financiamentos. Simultaneamente, as imagens podem despertar sensibilidades variadas: no que consiste o susto para cada pessoa, e o que ele produz? Em meio a tal complexidade, a imagem aparece como um corpo que viaja por variados lugares, por entre telas, representações, afetos, arranjos político econômicos, marketing, reflexos corporais, algoritmos, e outros abordados na pesquisa, compondo conexões multidirecionais que podem tender para o aprisionamento e/ou a expressão. Afinal, o que pode a imagem?

cena XVIII: o depois do depois

FIM. Sonho vívido em meio ao caos. Abismo. Fragmento. Confusão de códigos. Do fim vem o início, às vezes início de outro fim. Viver no depois que nunca se faz corpo. Eletricidade. Potência máxima. Escape. Precisar urgentemente do início pra poder habitar o frescor e não desfalecer. Cair no vácuo. Eu nua para mim – o que vejo? Desabafo. Partida. Corrosão até que a matéria se faça cinza de tão fundo à procura do corpo - composta do depois que nunca vira baque porque dele provém. Carne viva, pode ser. Às vezes excessos produzem órbitos e a ironia se encontra precisamente aí: porque viva, morri - mas não sei onde chego. Sou maior que o fim.

O estado onírico consciente que precede o sono é incerto, insinuoso. Trilhar o caminho dos sonhos é fantasioso? Utópico? Esperançoso? O que se encosta nos sonhos - perspectiva. Realidades paralelas se constroem com átomos intrincados uns nos outros aquém, além, presentemente no sonho, e quando penso nisso sei que não estou só: talvez tu saibas do que tenho falado, talvez não, mas sei que nos encontramos em algum ponto, por menor que seja, por mais ínfimo que pareça. Minha imagem se encontra com a tua em algum lugar nessas camadas, e assim produzimos em conjunto muitas formas de corpos. Do ciborgue ao bicho e entendo que talvez

*minha vulnerabilidade não seja minha maior desgraça, mas minha melhor estratégia.
Sou feita de carne, e de imagem. Talvez possas encostar nos dois... e eu também,*

- abrir os olhos ou o parto de uma perspectiva



Gentileza como apocalipse, 2022
Aquarela sobre papel
29,7x42

Gentileza como apocalipse II, 2022
Aquarela sobre papel
29,7x42

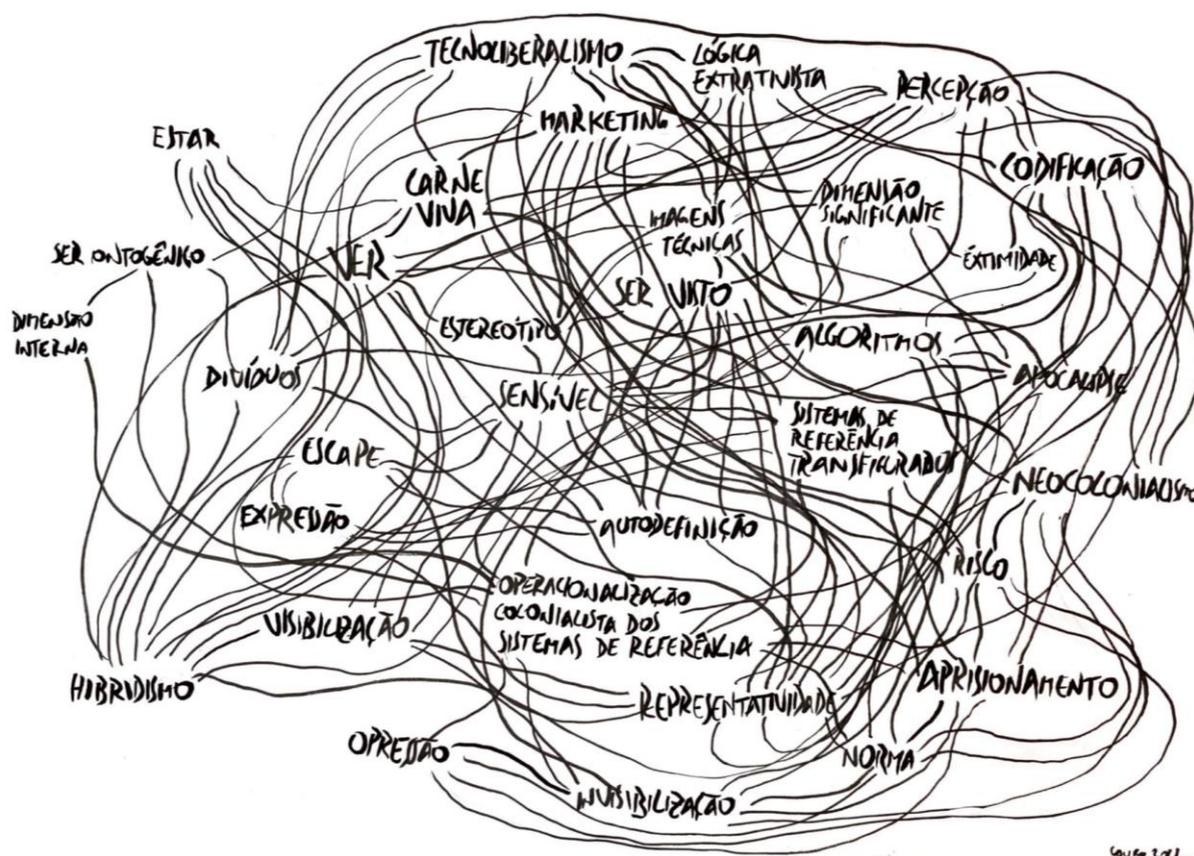


Gentileza como apocalipse III, 2022
Aquarela sobre papel
29,7x42



A seguir, múltiplas margens da imagem vistas no decorrer da pesquisa:

Diagrama 7 - Hidrografia da imagem III



Fonte: a autora (2022)

8. O que tem do outro lado do rio? Considerações finais

Este é o fim da pesquisa, e, assim como a maioria dos fins, chega repleto de inícios. No decorrer do percurso investigativo a imagem foi articulada como uma tecnologia de subjetivação apta a atuar em consonância com múltiplos elementos, de forma a se transformar em um corpo composto por conexões variadas. Por entre sistemas de representação, diferenças, tecnologias digitais, organicidades, afetos, e outros agenciamentos propostos pelo estudo, nos propomos a demonstrar como a imagem se desloca e realoca nas dinâmicas sociais, produzindo encontros e desencontros com a colonialidade. Para a elaboração desta perspectiva, a imagem foi apreendida a partir de uma perspectiva sobre as margens, transitando entre o aprisionamento e a expressão sugeridos para análise.

Neste momento vale pontuar que o gerenciamento colonialista de sistemas de referência ainda se faz presente e culmina em uma série de violências, de modo que tensionar estes sistemas parece uma estratégia política que pode surtir efeitos mais próximos da equidade social. Se o que acontece nas redes provoca efeitos nas pessoas que se relacionam com variedades de telas por meio do sensível, parece imprescindível sinalizar que as imagens atuam de maneira a se metamorfosear por entre superfícies, e que os efeitos mais extremos da violência acontecem no encontro das imagens com as pessoas. As tecnologias de comunicação e informação com abundância de imagens produzem não só mudanças econômicas, mas também afetam o aspecto sensível de cada um(a) e de todos(as)(es) com acesso às redes. O exercício da imagem no âmbito digital pode atuar para o enfraquecimento de perspectivas colonialistas sobre as identidades através de iniciativas no sentido do esvaziamento da categoria de branquitude, masculinidade, cisgeneridade, mas a proliferação de discursos de ódio nas redes se torna um hábito cada vez mais disseminado, que se soma à chegada das imagens nas pessoas de acordo com a programação algorítmica. As imagens que viajam são perigosas porque, além de ser aptas a atuar de acordo com cruzamentos de dados, despertam variadas sensações e perspectivas.

Para sugerir alguns caminhos possíveis no sentido de desenhar a aproximação da imagem com a expressão na atualidade, indicamos a urgência de políticas de regulamentação em relação às grandes empresas que gerenciam a economia dos algoritmos, tendo em vista que estas controlam muitos processos que culminam em interferências sociais incisivas, frequentemente de acordo com lógicas de dominação com traços coloniais. Tendo isso em vista, apostamos também em rotas que se aproximam mais da autonomia e agência, no sentido do exercício da busca pela apreensão ética e política do contexto em que nos encontramos através da informação e perspectiva crítica frente às nuances muitas vezes turvas que o advento das tecnologias de comunicação e informação apresentam.

Antes, nem tão lá, nem tão cá, mas na conexão: a resolução das questões provocadas pelas complexas dinâmicas de poder em que nos encontramos não se encontra somente na individualidade, e muito menos somente em políticas governamentais. Esta é uma questão coletiva, e nossa melhor chance de produzir transformações relevantes habita justamente o ponto de encontro - ou os vários. Se a imagem pode atuar por meio de uma lógica da extração, seja esta de informação, voto, consumo, perspectiva, isso só acontece porque está inserida em uma ecologia

dos afetos indissociável do social. E eis que o óbvio, e mais, o redundante, parece se fazer relevante aqui: o social é coletivo. Para desenhar um coletivo mais equânime, a vulnerabilidade pode se aproximar da expressão, e eis que o risco se fragmenta e confunde: a integridade física e psíquica são um lembrete recorrente e necessário, mas a vulnerabilidade muitas vezes se apresenta como risco em si. Ficar vulnerável às perspectivas, à ausência de compreensão imediata, à compreensão mais íntima, ao cuidado, ao encontro, pode ser ameaçador, mas provocar efeitos expressivos – a imagem pode transitar por essas águas também, e configurar corpos cada vez mais diferentes, deveras mais conscientes do tempo espaço no qual estão inseridos.

Através da imagem se chega no corpo, e, talvez, no fim, fragmentação seja conexão. E a imagem rio...

Início...

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Érico. **A opacidade do iluminismo**: o racismo na filosofia moderna. Belo Horizonte, Kriterion, v. 58, n.137, pp. 291-309, ago., 2017.

ANZALDUA, Gloria. **La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3 , pp. 704-719 , set-dez, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEZERRA JR, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. A. (org.), **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. pp. 229-238.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BIDASECA, Karina. **Perturbando el texto colonial**. Los Estudios (pos)coloniales en América Latina. Buenos Aires: SB, 2010.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Unidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002.

CABRERA, Marta; GUARÍN MARTÍNEZ, Oscar. Existe uma imagem del futuro? Sobre tempos, imágenes, mundos otros y Antropoceno. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 245-273, agosto, 2020.

CARRERA, F.; MEIRINHO, D. Mulheres Negras nas Artes Visuais: Modos de resistência às imagens coloniais de controle. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, pp. 55–81, dez. 2020.

CITTON, Yves. Da economia à ecologia da atenção. **Ayvu**, Rev. Psicol., v. 05, n. 01, p. 13-41, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, pp. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S010269922016000100099&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 nov. 2020.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. "Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color". *Stanford Law Review*, vol. 43, 1993, pp. 1241-1299.

CSORDAS, Thomas. Somatic Modes of Attention. *Cultural Anthropology*, v. 8, n.º. 2, pp. 135-156, mai. 1993.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Sociología de la imagen**: miradas ch'ixi desde la historia andina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Fragmentos de Yapa en torno a la noción de Lo ch'ixi. *Revista Arte e Ensaios*. Rio de Janeiro, n. 38, pp. 226-238, jul. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Projeto periferia, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: _____ . **Conversações**. 3. ed. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 223-230.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995-1997. **Mil Platôs**. *Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.

_____. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 17-18, pp. 9-79, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S010483332002000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 nov. 2020.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. Coimbra: Annablume, 2012.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes**. Notas sobre la postfotografía. Editorial: GALAXIA GUTENBERG, 2016.

FONTENELLE, Isleide Arruda. Corpo e marca publicitária na sociedade das imagens. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 5-16, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANKENBERG, Rute. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 307-338.

FURLAN, Reinaldo. Carne ou Afecto: fronteiras entre MerleauPonty e Deleuze-Guattari. **dois pontos**, Curitiba, São Carlos, vol. 8, n. 2, p.99-130, out. 2011.

GODOY, Juan Diego. Mais pele à mostra, mais visibilidade: é assim que o instagram prioriza a nudez. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2020-09-27/mais-pele-a-mostra-mais-visibilidade-e-assim-que-o-instagram-prioriza-a-nudez.html>. Acesso em: 20 fev. 2022.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. São Paulo: Editora 34, 1992.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, pp. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 13 nov. 2020.

_____. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

_____. **Staying with the trouble**: Making kin in the Cthulhucene. Duke University Press, Durham e Londres, 2016.

_____; GOODEVE, Thyrza Nichols. Fragmentos: quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. **Mediações**, Dossiê tecnociências, corpos, gêneros e sexualidade, Londrina, v.20, n.1, p. 40-68, jan./jun, 2015.

HOOKS, Bell. **Eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo**: Corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo. **Objectos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Afrontamento, pp. 39-60, 2008.

LÉVY-STRAUSS, Claude. **O totemismo hoje**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

LISBOA, Alveni. **Facebook pede desculpa após sugestão racista de algoritmo**. 2021. Disponível em:

<https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-pede-desculpa-apos-sugestao-racista-de-algoritmo-195174/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

LISBOA, Alveni. **Twitter constata que seu algoritmo de corte de fotos é mesmo racista**. 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/twitter-constata-que-seu-algoritmo-de-corte-de-fotos-e-mesmo-racista-185388/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 22, nº 3, pp. 935-952, set-dez. 2014.

_____. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**. Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul-dez. 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, v. 80, pp. 71-114, mar. 2008.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial, Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

M'CHAREK, Amade. Fragile Differences, Relational Effects: Stories about the Materiality of Race and Sex. **European Journal of Women's Studies**, v.17,nº4,pp.307-322,nov. 2010.

MEJÍAS, Ulises A; COULDRY, Nick. Colonialismo de datos: repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo. **Virtualis**, 10 (18), pp. 78-97, 2019.

MERLEAU-PONTY, M.. **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1964.

MIGNOLO, Walter D.. COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2020.

MUMFORD, Lewis. **Técnica e Civilização**. Lisboa: Antígona, 2018.

NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, vol.8, nº 2, pp. 9-42, jan. 2000.

ORTEGA, Francisco. Corporeidade e biotecnologias: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, pp. 381-388, abr. 2007.

OYEWUMI, Oyeronke. **Conceituando o Gênero**: Os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CODESRIA Gender Series. Dakar, CODESRIA, 2004.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Concepts, Methodologies and Paradigms. **CODESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 Tradução para uso didático por Juliana Araújo Lopes.

PAULON, Simone; ROMAGNOLI, Roberta. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Revispsi**. Rio de Janeiro, v.10, nº1, pp. 85-102, jan-mar, 2010.

PELLEGRINO, Rafael. **Percepção e memória na filosofia de Henri Bergson**. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4890>. Acesso em: 21 nov. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, pp. 117-142, 2005.

RESENDE, Fernando; ROBALINHO, Roberto; AMARAL, Diego Granja. Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.16, n.47, pp. , set./dez. 2019.

RICAURTE, Paola. Data Epistemologies, The Coloniality of Power, and Resistance. **Television & New Media**, vol. 20, n.4, pp. 350-365, mai. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1527476419831640>. Acesso em: 23 out. 2021.

RODRÍGUEZ, Pablo Manolo. **Las palabras en las cosas: Saber, poder y subjetivación entre algoritmos y biomoléculas**. Buenos Aires: Cactus, 2019.

SADIN, Éric. **La humanidade aumentada**. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2017.

SAUVAGNARGUES, Anne. Somos nada mais que imagens. **Rev. Polis e Psique**, v.10, nº1, pp. 6 – 29, 2020.

SCHAEFER, Laura Coelho. **“Modificar o corpo é militar”**: A feminilidade não normativa de mulheres que raspam o cabelo”. 54 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SCHIEBINGER, Londa. Mamíferos, primatologia e sexologia. In: PORTER, Roy; TECH, Mikolas. **Conhecimento sexual, ciência sexual**. São Paulo: Editora Unesp, pp. 219-246, 1997.

ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power** Nova York: Public Affairs, 2019

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de. Ribeiro, Vera. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **O homem pós orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Spinoza, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SVAMPA, Maristella. **Las fronteras del neoextractivismo en América Latina**. Cidade do México/México: CALAS, 2019.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterossexual y otros ensayos**. Barcelona: Editorial EGALES, 2006.

YONEZAWA, Fernando Hiromi. O bailarino dos afetos: corporeidade dionisiaca e ética trágica em Deleuze e na companhia de Nietzsche. 2013. 287 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2013.

ZALASIEWICZ, Jan et. al. The geological cycle of plastics and their use as a stratigraphic indicator of the Anthropocene. **Anthropocene**, v. 13, pp. 4-17, mar. 2016.

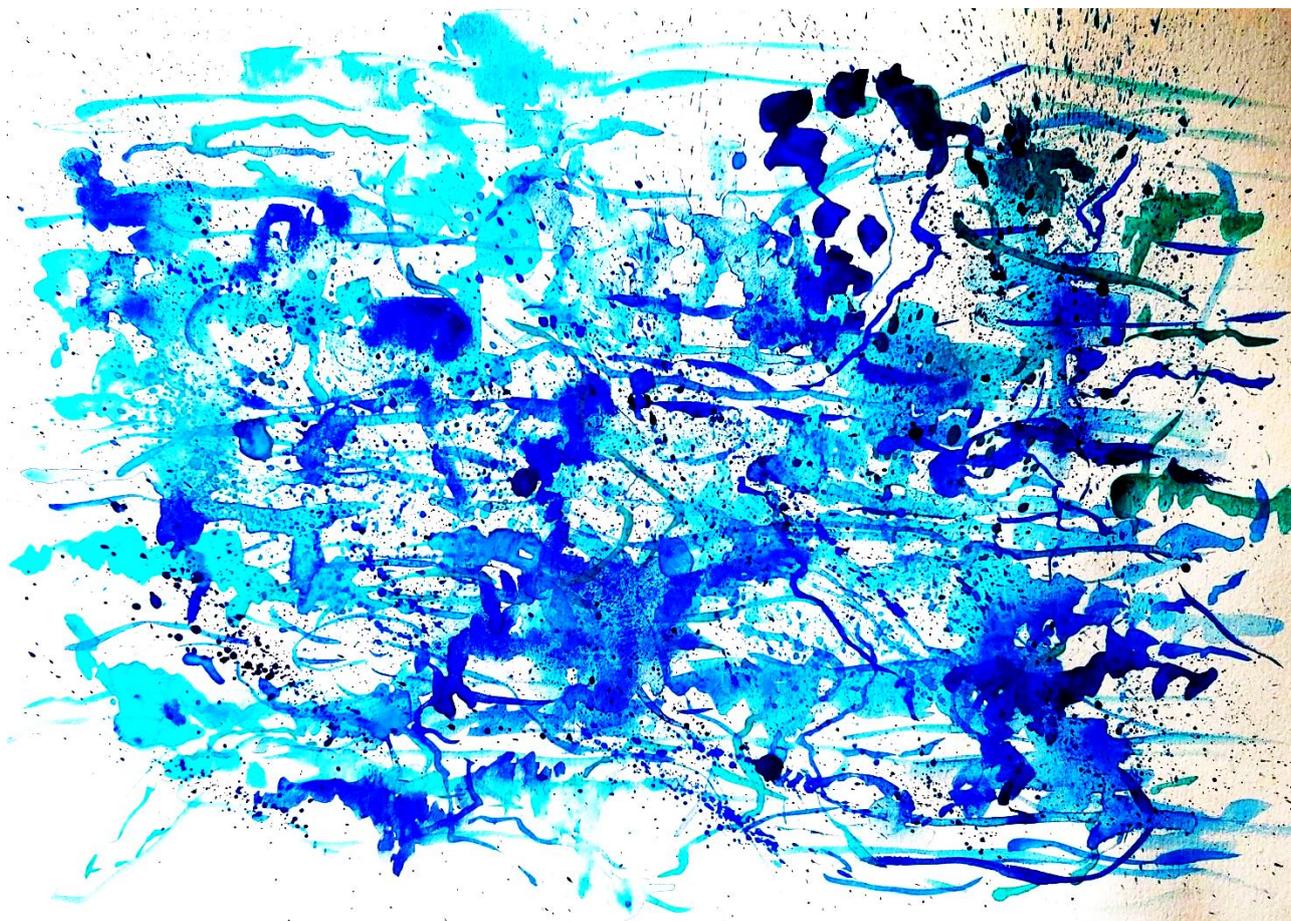


Imagem como rio V, 2022
Aquarela sobre papel
21x29,7